

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**DANIELLE MANSUR LIMA SILVA**

**GRACILIANO, ELE MESMO E OS OUTROS:  
UMA VOZ QUE GRITA, DENUNCIA E CAPTURA AS DUREZAS DA VIDA**

Uberlândia  
2024

DANIELLE MANSUR LIMA SILVA

GRACILIANO, ELE MESMO E OS OUTROS:  
UMA VOZ QUE GRITA, DENUNCIA E CAPTURA AS DUREZAS DA VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários  
Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Identidades  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti

Uberlândia  
2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 2024	<p>Silva, Danielle Mansur Lima, 1979- GRACILIANO, ELE MESMO E OS OUTROS: UMA VOZ QUE GRITA, DENUNCIA E CAPTURA AS DUREZAS DA VIDA [recurso eletrônico] / Danielle Mansur Lima Silva. - 2024.</p> <p>Orientadora: Flávia Andrea Rodrigues Benfatti. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Literários. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.230">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.230</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Literatura. I. Benfatti, Flávia Andrea Rodrigues, 1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Literários. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 82</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Literários

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG,  
CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4539 - [www.ppglit.ileel.ufu.br](http://www.ppglit.ileel.ufu.br) - [secppgelit@ileel.ufu.br](mailto:secppgelit@ileel.ufu.br),  
[coppgelit@ileel.ufu.br](mailto:coppgelit@ileel.ufu.br) e [atendppgelit@ileel.ufu.br](mailto:atendppgelit@ileel.ufu.br)



## ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários - PPGELIT				
Defesa de:	Mestrado Acadêmico em Estudos Literários				
Data:	29 de fevereiro de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:10
Matrícula do Discente:	12212TLT008				
Nome do Discente:	Danielle Mansur Lima Silva				
Título do Trabalho:	Graciliano, ele mesmo e os outros: uma voz que grita, denuncia e captura as durezas da vida				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Linha de Pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	As opressões patriarcais e a decolonização de gênero, raça e sexualidades na literatura da América Latina				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários composta pelos Professores Doutores: Flávia Andrea Rodrigues Benfatti da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, orientadora da candidata; Cristiane Navarrete Tolomei da Universidade Federal do Maranhão / UFMA; Rubenil da Silva Oliveira da da Universidade Federal do Maranhão / UFMA.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Flávia Benfatti, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

**Aprovada.**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e revisada, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rubenil registrado(a) civilmente como Rubenil da Silva Oliveira, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Andrea Rodrigues Benfatti, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, §

1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danielle Mansur Lima Silva, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Navarrete Tolomei, Usuário Externo**, em 01/03/2024, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5217999** e o código CRC **51C5EE47**.

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação ao meu esposo Marcos José da Silva (in memoriam) que comigo sonhou realizar esse sonho de fazer o mestrado, mas não está aqui para vivenciar esse momento comigo e que juntos colecionamos memórias inesquecíveis. Aos meus filhos Gustavo e Heitor, por serem o motivo de não ter desistido e ter recebido muito apoio. A minha mãe Aparecida Mansur, por cuidar de tudo enquanto eu dedicava aos estudos e trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Tudo na minha vida é guiado e entregue a Deus, só realizo aquilo que Ele abençoa, por isso, primeiramente o meu agradecimento ao meu Arquiteto do universo, o meu amigo inseparável de todas as horas, de todos os momentos, guiada por Tuas mãos. Obrigada meu Deus por permitir iniciar e concluir esse sonho.

O incentivo para que eu ingressasse nessa jornada incerta de volta aos estudos partiu do meu esposo, Marcos, que infelizmente não está mais aqui comigo, mas sempre dizia que eu tinha que me especializar e dar novos rumos em minha profissão. Sonhou comigo, se propôs a me acompanhar nas viagens, mas Deus tinha outros planos. Agradeço a ele pelo apoio de todas as horas, pela confiança em mim, pela dedicação durante todos esses anos que estivemos juntos, onde concluí meu estudo superior e outras conquistas com ele. Gostaria de tê-lo aqui para presenciar esse momento que conquistei. Não foi fácil, porque durante as aulas me via em outro mundo, só você na cabeça. Foi um mix de sensações, mas a alegria não pôde ser completa. Obrigada por ter sido tão importante em minha vida e por não ter desistido dos meus sonhos. Para sempre o meu melhor incentivador.

Minha família sempre foi o meu alicerce, então se cheguei até aqui, é porque tive o apoio da minha mãe Aparecida, dos meus filhos Gustavo e Heitor, da minha irmã Alessandra e da minha nora Amanda. Obrigada pelo apoio incondicional, pela companhia em casa e nas viagens até Uberlândia, pelas palavras de incentivo e por serem tão importantes em minha vida.

Mãe, seu incentivo e apoio foram essenciais para a permanência e conclusão dessa etapa. A sua presença em cada momento tornou a caminhada mais leve e sustentável, o seu amor para com os meninos me deixou tranquila e me fez seguir. Minha amada mãe, obrigada por ser tão incrível na minha vida.

Gustavo e Heitor, meus filhos incríveis, fruto de um amor incomparável e que são minha base. Ao Gustavo, fica a gratidão por fazer por mim o que meu marido faria, acompanhar-me, levar-me e esperar-me durante as aulas, deixando de lado suas obrigações para encarar a rodovia cheia de perigos; por andar comigo na Universidade em busca de respostas, por ter paciência e carinho para comigo. Faltam-me palavras para agradecer, mas digo que sem esse apoio não seria possível concluir. Ao Heitor, a gratidão por ser compreensivo, incentivador: “desanima não mãe, está acabando”. Agradeço pelo filho

maravilhoso e tranquilo que é podendo viajar e estudar tranquila, pois o seu compromisso não deixou de fazer. Por você e com você tudo foi mais tranquilo.

Alessandra, minha irmã e quem esteve sempre comigo, principalmente nos piores momentos. Todos os dias ligava e perguntava como estava, desejava boa viagem e estudos e abençoava a nossa ida. Ao chegar em casa, o primeiro telefonema recebido era o dela. “Foi bem Dani? E a aula? Isso minha irmã, vai conseguir.” A você, a minha gratidão por rezar por mim e estar sempre presente.

Amanda, minha nora, a filha que Deus me deu para somar em nossas vidas. Agradeço pelo apoio, pela ajuda na digitação, na digitalização dos documentos e claro, por deixar seus compromissos para me acompanhar nas viagens e, ainda, pelas vezes que desabafei no carro após o término das aulas. A você, a minha gratidão.

A minha amiga incentivadora, Aline Silva Alfredo Sant’Ana, responsável por me proporcionar um apoio indescritível, creio que sem você não teria conseguido ser aprovada. Sentou comigo, me ouviu, escreveu, leu, releu, me orientou e não me deixou desistir: “Dani, quero muito te ajudar, será bom pra você estudar, preencher os dias.” Não esquecerei jamais dessas palavras e do seu incentivo. Só posso pedir a Deus que lhe retribua e te proporcione o melhor. Gratidão Aline.

À minha orientadora Flávia Benfatti, pelo carinho, contribuição em meu aprendizado, pelas aulas ministradas, pelas orientações dadas, pela compreensão quanto à entrega dos trabalhos, por ser parceira e compreender que ingressei em um momento muito difícil da minha vida. Se mostrou humana e me fez seguir. Gratidão por tanto.

A toda equipe do Colégio ABC Anglo e Colégio Berlaar, pela compreensão e apoio recebido durante os anos de estudo, incentivo para que eu não desistisse e concluísse o mestrado. A vocês, minha gratidão.

Aos meus alunos, que torceram por mim e foram também o motivo para que eu retornasse aos estudos, oferecendo assim mais qualidade ao ensino de cada um. Obrigada pela torcida, por ouvirem minhas descobertas e rezarem por mim. Como sempre digo, vocês são o meu refúgio e a vocês agradeço pelo cuidado e zelo a mim dedicados e por não me deixar desistir.

A todos, que direta ou indiretamente fizeram parte da realização deste sonho, tornar-me mestra em Estudos Literários, deixo registrado meu agradecimento e o desejo de que alcancem os seus objetivos, assim como estou alcançando os meus. Que tenham a certeza de que se cheguei até aqui foi porque recebi os melhores incentivos e apoio de todos com quem



convivo, tanto na vida profissional, estudantil e pessoal. A palavra com a qual finalizo os meus agradecimentos é GRATIDÃO.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o romance *Infância*, do escritor Graciliano Ramos, embasada em estudos autobiográficos, tais como, os do teórico Phillippe Lejeune, das relações de poder através de Foucault, de ponderações concernentes à memória na área das ciências sociais, pelo olhar de Maurice Halbwachs. A partir desses teóricos, dentre outros, abordar-se-ão as temáticas das relações familiares - relação de poder, subjetivação, bem como tópicos sociais e religiosos, observando-se o contexto patriarcal, no qual a narrativa é inserida.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. Autobiografia. Infância

## ABSTRACT

This research aims to analyze *Infância*, a novel by Graciliano Ramos through autobiographical studies such as the theorist Phillipe Lejeune, the power relations with Foucault, studies on memory in social sciences area by Maurice Halbwachs. Since these theorists and others, we will bring to the fore the family relations, power relation and subjectivation themes, as well as social and religious issues, noting that this is a patriarchal context in which the narrative is inserted.

Keywords: Graciliano Ramos. Autobiography. Infancy

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>3</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 GRACILIANO RAMOS: UMA AUTOBIOGRAFIA .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 <i>Infância</i>: a presença de dois “eus” narrativos .....</b>	<b>25</b>
<b>2- VIOLÊNCIA, PODER E FAMÍLIA: EDUCAÇÃO PATRIARCAL .....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 Família: história vivida, história narrada .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 Graciliano Ramos: o patriarcado como presença .....</b>	<b>42</b>
<b>2.3 O poder e o não poder relatado em <i>Infância</i> .....</b>	<b>49</b>
<b>3- MEMÓRIAS DA INFÂNCIA .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1- <i>Infância</i> – Um copilado de memórias .....</b>	<b>55</b>
<b>3.2- <i>Infância</i> – A exteriorização de sentimentos .....</b>	<b>70</b>
<b>3.3- A solidão presente em <i>Infância</i> .....</b>	<b>79</b>
<b>3.4- Memórias e o olhar sobre a escola .....</b>	<b>87</b>
<b>3.5- Personagens e suas marcas deixadas em Graciliano Ramos .....</b>	<b>102</b>
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
<b>5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da obra *Infância*, de Graciliano Ramos, surgiu devido à leitura do capítulo intitulado “*O cinturão*”, que instigou-me a uma percepção intrínseca do romance autobiográfico e, conseqüentemente, despertou-me o desejo de melhor entender os artifícios com os quais o narrador recria aspectos de sua fase de menino – momento no qual se vira contraposto ao desafeto dos pais, à ausência de carinho dos professores, à inadequação do ensino, às injustiças sociais e ao desafio em aprender a ler e escrever. Outrossim, esteve sujeito a castigos, punições e violência.

Esta dissertação objetiva analisar as marcas da puerícia de Graciliano Ramos, apresentadas em sua obra *Infância*, bem como, as temáticas por ele abordadas - família, escola o patriarcado e as injustiças sociais.

É perceptível uma análise da narrativa *Infância* partindo de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, haja vista a proposição analítica de teorias da autobiografia, das relações de poder, da subjetivação e estudos memorialísticos. Tais vertentes caracterizam as personagens envolvidas no enredo, ao passo que, embasam suas travessias, propondo relações conflituosas, ou não, entre elas.

O método de pesquisa a ser utilizado é o dedutivo, tendo em vista a realização da análise dos comportamentos humanos, por meio dos filósofos mencionados, objetivando assim a explicação do posicionamento literário de Graciliano Ramos, medida através dos conceitos gerais para os individuais.

No que tange às técnicas de pesquisa serão utilizados o levantamento bibliográfico e análise documental. Assim, serão estudadas obras que explicitam a voz de Graciliano Ramos, pontuando sua força e expressividade ontem, hoje e sempre. Todas essas ferramentas reunidas construirão a metodologia do presente projeto de pesquisa afim de atingir o pensamento científico almejado.

Para que o objetivo fosse alcançado e as hipóteses testadas, buscou-se apoio na fortuna crítica da obra, bem como em textos que analisam as características do gênero autobiográfico ou de um texto ficcional. Desta forma, analisando a construção narrativa como as recordações do narrador, em que debruça no seu passado vivido e conta as suas experiências de sua infância inseridas em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo e submissão.

Após a leitura dos textos e com o suporte das informações retiradas da fortuna crítica, pôde-se afirmar que o livro ultrapassa os limites da vida do mestre Graça - apelido recebido

por seus amigos e pessoas mais íntimas - para julgar o ambiente em que viveu e a formação do povo nordestino. Para corroborar essa afirmação, cita-se Garbuglio: “*Infância* transcende a vida de Graciliano Ramos para se colocar como julgamento severo do meio e da formação do homem Nordeste” (GARBUGLIO, 1887, p. 173).

Graciliano Ramos (1892-1953) marcou a história da literatura brasileira por sua escrita autêntica, objetiva, comprometida com as relações humanas e com as tensões do homem em meados do século XX. A representatividade dos seus escritos foi além do regional ou do subjetivo; seu senso de realidade trouxe à tona o mundo agreste do nordestino, as dores e fraquezas humanas, na maioria das vezes causadas pela injustiça social.

A obra do escritor alagoano existe há mais de 80 anos e nem por isso para de atrair novos leitores. Ivan Marques afirma que “Para quem gosta de literatura, é fonte de permanente fascínio. Enquanto tantos escritores de renome vão sendo infelizmente esquecidos, Graciliano é cada dia mais lido e admirado, em especial pelas novas gerações” (MARQUES, 2017, p. 7).

Muito bem apresentada a citação de Ivan Moraes, ao se referir a Graciliano Ramos como um escritor que transpassa gerações e ainda continua sendo marco para a literatura, por trazer uma narrativa de estilo próprio, envolvente, sem floreios, seca, propiciando ao leitor uma abordagem direta, reflexiva, com precisão de detalhes. Ramos consegue traduzir com intensidade o cotidiano de um nordeste que ainda existe por meio das situações e personagens por ele retratadas. Por ter sido integrante do grupo de escritores responsáveis pela inauguração do realismo crítico brasileiro, o autor apresenta os problemas enfrentados pelos habitantes do nordeste brasileiro.

Por ser reconhecido dentro e fora do país, Graciliano Ramos se tornou uma base da nossa cultura moderna: “Se não foi propriamente um ‘modernista’, como Mário ou Oswald de Andrade, é justo considerá-lo um dos maiores escritores “modernos” do país, podendo ser comparado não só a Machado de Assis, mas também a grandes inovadores da ficção universal (MARQUES, 2017, p. 7-8).

A objetividade da narrativa se faz presente, mas há a presença de inventividade e fabulação; a versão dos fatos, das relações, das experiências é relatada seletivamente, decantada e mesmo transfigurada o que faz com que Graciliano Ramos seja ele mesmo e os outros: uma voz que grita, denuncia e captura as durezas da vida, principalmente do povo nordestino. O narrador, embasado em uma formatação autobiográfica representa as personagens baseando-se em suas memórias, cujos nomes são rememorados e relacionados com o que viveu, as pessoas com quem conviveu e as situações experienciadas enquanto era

menino. Tudo isso é retratado em *Infância*, aproveitando os aspectos facilmente romanceáveis que há nos arcanos da memória infantil. (CANDIDO,2006).

O romance autobiográfico *Infância* foi publicado em 1945, porém, para este trabalho, será utilizada a edição de 2020, editada no Rio de Janeiro pela editora Record. Destarte, na reconstituição da memória do tempo de menino, as ações, os fatos, as relações são ressignificadas pelo adulto; embora tenha muito de inventividade e também de verossimilhança, a memória não é desligada do seu mundo real, nem mesmo das relações sociais e humanas: “O fato de dominar técnicas e explorar temas atemporais não torna a obra do autor menos enraizada no Brasil.[...] o escritor nordestino é desde sempre apontado como brasileiro tanto no espírito quanto na forma” (MARQUES, 2017, p. 8).O escritor apresentou suas vivências e delas se reconstruiu, relatando as marcas de um representante brasileiro nato, ou melhor dizendo, um nordestino que observou e testemunhou.

*Infância*, romance autobiográfico de testemunho, uma mistura de memória individual com história, revelando o tom ficcional, documental e testemunhal que se analisados juntos, podem reunir questionamentos interessantes, como por exemplo: de que maneira o teor memorialístico é resgatado na obra? Como as experiências vividas se tornaram matéria literária? De que forma a voz do menino e do adulto se intercruza na história? Que fatos e recursos foram utilizados para tornar a obra uma das mais bem elaboradas desse autor? Até que ponto temos a realidade e a ficção? O autor escreve sobre si?

Para tal destacaremos os fragmentos literários que Graciliano Ramos e outros utilizaram para apresentarem as memórias, identidade, dor, injustiças sociais, a aprendizagem da leitura e da escrita, a escola, professores, metodologias de ensino, sentimentos, subjetividade, escrita de si presentes na obra, a fim de alcançarmos as representações das memórias de um narrador autobiográfico adulto que buscou em sua infância recordações para a reconstrução do seu presente.

Portanto, o *corpus* desta pesquisa é a análise autobiográfica e as memórias no romance *Infância*, um livro que nos leva a interpretar o modo como Graciliano Ramos escreveu e conferiu a suas personagens um tom de verdade por meio da ficção e que, como poucos, entendeu o povo nordestino com empatia e alteridade. O autor não era apenas um observador, mas um sujeito participativo que conviveu com diferentes classes sociais, vivenciou muitas dores de seu povo e, por isso, mediante seu próprio estilo de escrita, constituiu uma narrativa de memórias. Dessa forma, um painel esclarecedor sobre a realidade e ficção pode ser construído, revelando a tônica da escrita do escritor alagoano e a forma, para tanto foram organizados pressupostos críticos e teóricos para compor esta dissertação.

No primeiro capítulo aborda-se a autobiografia, a reflexão sobre *Infância* como uma escrita de si, estabelecendo uma relação de ficção e realidade, além de investigar a fortuna crítica sobre a obra. Lendo *Infância*, nota-se que a necessidade de narrar demonstra que a obra foi um ato de liberdade e expressão para o narrador personagem que viveu situações difíceis durante toda a sua fase de criança e início da adolescência, não somente ele, mas todos estavam sujeitos ao mal que lhe ofereciam, principalmente a seca nordestina, que afetava a todos, e que também fora mencionada na obra.

Já o segundo capítulo, o propósito foi trazer as memórias de um adulto que tece reflexões e relata os maus-tratos recebidos de seus pais, expressando o quanto sofreu dentro do seu âmbito familiar apresentando um mundo infantil sem encantos e fantasias. Além de analisar o papel da violência, do poder e da família nas memórias do narrador apresentando a narrativa sobre a história vivida e narrada por ele.

E por fim, no terceiro capítulo, as memórias que constituíram a autobiografia são apresentadas e analisadas, trazendo as suas lembranças familiares, da escola, da dificuldade em aprender a ler e escrever e os momentos dolorosos que tivera com o seus pais, que constituíram as marcas de uma infância com cicatrizes físicas e emocionais no narrador adulto. Assim, por meio de levantamento das referências teóricas, foi possível tecer considerações importantes em relação ao recorte proposto para essa pesquisa. Teorias de Bruner, Habermas, Ricoeur, Antonio Candido foram utilizadas para o estudo autobiográfico e a identidade narrativa presente em *Infância*. Além disso, a leitura de cartas escritas por Graciliano Ramos também foi essencial, pois, na obra desse autor, é nítido o cruzamento do elemento autobiográfico com o ficcional, assim como do espaço biográfico que constitui autor, narrador, memória, escrita de si e as relações entre elas e o meio, transpondo o real para a ficção e a ficção para o real.

Em suma, neste trabalho, investigaremos os conceitos de autobiografia propostos pelos especialistas e refletiremos sobre uma compreensão mais abrangente a respeito do narrador-autobiográfico que, por meio de suas dores e dissabores, vê-se diante das experiências do passado que moldaram sua visão de mundo e sua voz literária. Estudar Graciliano Ramos é se deparar com uma escrita mista – real e ficcional – que é, acima de tudo, envolvente e necessária para a compreensão da história de vida dele e de outras personagens, parte da tessitura narrativa de *Infância*.



## 1 GRACILIANO RAMOS: UMA AUTOBIOGRAFIA

*O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (quicquid lectione collectum est, stills redigat in corpus). [...] como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (in vires, in sanguinem). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional.<sup>1</sup> (FOUCAULT, 1992, p. 143).*

### 1.1 A relevância de seus escritos

Para iniciar este capítulo, o uso da epígrafe de Foucault ressalta que, em uma autobiografia, o sujeito ao escrever e narrar sobre si, por meio de memórias e/ou lembranças alheias, se coloca sobre. É pautado neste colocar-se sobre que o sujeito escritor deve projetar-se como o outro. No entanto, a obra será analisada tal qual uma autobiografia memorialística. Neste trabalho, onde o narrador autobiográfico adulto revisita sua fase de menino até o início da adolescência, há a busca da reprodução de sua memória individual, corroborada pela memória trazida de outras personagens, ou seja, mais precisamente do povo nordestino.

*Infância* é composta por 39 capítulos que podem ser lidos de forma independentes, trazendo um conjunto de experiências, narradas por um “eu” adulto, o qual é o narrador protagonista que, tem como intuito, resgatar o seu passado. No decorrer de cada capítulo, o narrador vai apresentando suas lembranças que surgem em um processo descontínuo de associação de ideias, trazendo à memória imagens oscilantes e distantes. Neste sentido, o narrador autobiográfico inicia sua narrativa com o capítulo “Nuvens” escrevendo:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fizeram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real (RAMOS, 2020, p. 7).

Percebe-se, imediatamente, no início da leitura, que o narrador constatou que o que possuía não era a lembrança em si, mas a reprodução de fatos lembrados por outras pessoas,

---

<sup>1</sup> Os trechos em latim são parte da Carta 84, de Cartas a Lucílio, de Sêneca.

uma vez que fica impossível relembrar de tudo, ou seja, das memórias serem resgatadas em sua totalidade e com completa veracidade, o que acontece em *Infância*, na tentativa de converter experiências vividas por meio de uma linguagem mais próxima da realidade. Ressaltamos, contudo, que essa escrita de si não pode e nem deve ser considerada uma mera cópia do que foi vivenciado, e sim, conforme afirmado por Simone Braga (2013), como o inevitável exercício de fabulação do eu que se instala na escrita autobiográfica: “O escritor sabe que não dará conta inteiramente de sua vida e que a memória nebulosa levará a uma fabulação do eu” (Braga, 2013, p. 9).

No decorrer da leitura, identificamos características de escrita memorialística e autobiográfica em que a personagem rememora acontecimentos marcantes de sua infância, e o meio o qual estava inserido. No entanto, é nessa busca do lembrar que se figura uma voz dupla na presença de um narrador adulto que, aos poucos, vai revelando o mundo nebuloso de suas experiências; e de um protagonista-criança que mostra o seu papel no contexto social no qual vive: “Datam desse tempo as minhas mais antigas recordações do ambiente onde me desenvolvi como um pequeno animal” (Ramos, 2020, p. 11). Como bem define Antônio Candido:

Lendo *Infância*, concluímos que os livros de Graciliano Ramos se concatenam num sistema literário pessimista. Meninos, rapazes, homens, mulheres, pobres, ricos, miseráveis; inteligentes, cultos, ignorantes- todos obedecem a uma fatalidade cega e má. Vontade obscura de viver, mais fortes nuns que noutros, que os leva a caminhos pré-traçados pelo peso do meio social, físico, doméstico. A vida é um mecanismo de negações em que procuramos atenuar o peso inevitável dessas fatalidades: e parecemos ridículos, maus, inconsequentes [...] O narrador de *Infância* se encarrega de nos ensinar algumas das razões dessa cadeia necessária de sofrimentos. Os castigos imerecidos, as maldades sem motivo, de que são vítimas os fracos, estão na base da organização do mundo. [...]. Um artista nada mais faz do que tornar os lugares-comuns e renová-los pela criação (CANDIDO, 1992, p. 53-54).

A personagem protagonista busca em seu passado as lembranças daquilo que viveu viu ou ouvi, possibilitando uma conexão entre o passado repleto de caminhos pré-traçados pelo meio o qual estava inserido ao seu presente com a intenção de planejamento para o futuro, levando-o a criar, imaginar, reformular, reproduzir e fragmentar tais situações como de fato tenham sido. Dessa forma, observa-se em *Infância* a tentativa do narrador em reproduzir por meio de suas memórias a realidade da infância no interior de Alagoas, entre o final do século XIX e XX. Ainda, na citação anterior, fica claro que as lembranças de menino não são como deveriam ser, fala sobre castigos imerecidos e também sobre injustiças que representam uma época de sua vida que lhe trouxera acontecimentos desagradáveis, os quais deixaram nele marcas dolorosas e fatos inesquecíveis, lembrados em forma de situações envoltas em névoas, que não permitem que o narrador fale com certeza sobre os fatos:

“Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram (RAMOS,2011, p. 7).

No decorrer da análise, é possível perceber que há a presença de incertezas quanto às lembranças, afirmando-se a vertente de que em uma autobiografia não há apenas o real, mas também a fabulação. Verifica-se, ainda, uma construção dinâmica de um jogo entre um narrador, que lembra e analisa o memorado, e um narrador-criança, que se localiza no enunciado, assim como, também, a presença de uma voz do adulto que duvida e questiona. A respeito disso, segundo o narrador:

O pátio, que se desdobrava diante do copiar, era mesmo imenso, julgo que não me atrevera a percorrê-lo. O fim dele tocava o céu. Um dia, entretanto, achei-me além do pátio, além do céu. Como cheguei ali não sei. Homens cavavam o chão, um buraco se abria, medonho, precipício que me encolhia apavorado entre montanhas erguidas nas bordas. Para que estariam fazendo aquela troca profunda? (RAMOS, 2020, p. 12).

De acordo com o trecho, entende-se que o narrador-personagem buscou retratar possibilidades físicas e sensíveis do que é descrito, mas também percebe a dificuldade que ele tem em associar os fatos à realidade, uma vez que a autobiografia foi escrita após muitos anos de sua fase de criança, por consequência, a possibilidade de esquecimento seria natural. Segundo Phillippe Lejeune (2008), o pacto autobiográfico não se estabelece de acordo com aquilo que pode ser averiguado enquanto verdade entre o vivido e o narrado, mas, sobretudo, por meio de um pacto de leitura estabelecido entre o autor e o leitor, a que se chama de “Pacto autobiográfico”<sup>2</sup>.

Mas, afinal, o que é a autobiografia? No ensaio “O pacto autobiográfico” (2008), Philippe Lejeune inicialmente a define como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, e particular a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2008, p. 14). O outro critério, segundo o especialista, é também a “relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem.” (*Idem* p.14).

Dentro da definição de Lejeune, é possível se referir à *Infância como* uma narrativa retrospectiva em prosa, pois identifica-se a manifestação do engajamento pessoal do narrador mediante uma construção textual, que possibilita ao leitor entender o texto como expressão da personalidade de quem o escreve, e em uma dinâmica ao escrever sobre si, para si e para o

---

<sup>2</sup>Título do texto assinado por Phellipe Lejeune, de 1975.

outro, o indivíduo entra no processo de formação do eu, do autoconhecimento, agindo não apenas sobre suas ações, mas principalmente sobre o seu pensamento, em seu valor de verdade e da sobriedade da fala. A descrição dos fatos, realizada pelo narrador, tenta converter experiências vividas recorrendo a uma linguagem mais próxima tramada por intermédio da escrita, organizando os fios da sua existência. Como é perceptível na citação a seguir:

Desse antigo verão que me alterou a vida restam ligeiros traços apenas. E nem deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos a que atribuo realidade. Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o açude estancou, as porteiras dos currais se abriram, inúteis. É sempre assim. Contudo ignoro se as plantas murchas e negras foram vistas nessa época ou em secas posteriores, e guardo na memória um açude cheio, coberto de aves brancas e flores. Dificilmente pintaríamos um verão nordestino em que os ramos não estivessem pretos e as cacimbas vazias (RAMOS, 2006, p. 30).

O uso da primeira pessoa do discurso, utilizada na narração, apresenta uma potencialidade subjetiva no romance, o que facilita a compreensão de que Graciliano Ramos fez um pacto entre narrador, autor e personagem, trazendo um protagonista ativo, por meio de uma narração envolvente e pautada na reflexão, seguramente uma obra que a personagem vive e narra. As descrições detalhadas de cada fato, objetos, situações, pessoas e lugares enfatizam a sensibilidade do narrador, assumindo, assim, um caráter pessoal naquilo que é descrito com a presença da fabulação:

Chamava-se José Baía e tornou-se meu amigo, com barulho  
Sentado, escanchava-me nas pernas e sacudia-me, sapateava,  
imitando o galope de um cavalo; em pé, segurava-me os braços,  
punha-se a rodopiar, cantando:

“Eu nasci de sete meses,  
Fui criado sem mamar.  
Bebi leite de cem vacas  
Na porteira do curral.” (RAMOS, 2020, p. 10)

A marca pessoal da autobiografia é uma característica presente do início ao fim da narrativa, já que o tom de subjetividade é envolvente, tornando possível imaginar cada detalhe e cenas apresentados, isto é, a minúcia, do modo de escrever de Graciliano Ramos em *Infância*, é uma forma de expor sentimentos, de busca pelo reconhecimento e entendimento. À vista disso, a articulação da escrita do autor faz com que seus leitores interpretem os fatos de acordo com as suas expectativas: pelo teor de subjetividade, criticidade e objetividade,

motivadas pelos contextos situacionais por ele vivenciados. Em todo discurso há um sujeito que se constitui para dizer algo. O sujeito não é o autor real, mas:

[...] a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se efetuam. Todas estas operações variam de acordo com as épocas e os tipos de discurso (FOUCAULT, 2006, p. 276-277).

O autor é, assim, uma posição discursiva que representa aquele que fala, uma imagem que se projeta para dar voz a determinado conteúdo. Graciliano Ramos não mediu esforços para entregar ao público uma obra enxuta, ligada à realidade e aos problemas sociais da época, destacando o seu engajamento, sensibilidade e concisão na confluência entre fabulação e o real. Logo, a obra chamou atenção de vários críticos, como Ivan Marques (2017):

A obra de Graciliano Ramos existe há oitenta anos e não para de atrair novos leitores. Para quem gosta de boa literatura, é fonte de permanente fascínio. Enquanto tantos escritores de renome vão sendo infelizmente esquecidos, Graciliano é cada dia mais lido e admirado, em especial pelas novas gerações. Não é só um monumento de pedras das letras nacionais, mas uma fora viva, incômoda, áspera como um sol estridente, que toca de maneira profunda os leitores (MARQUES, 2017, p. 7).

Este estudo, corroborando com o ponto de vista de Ivan Marques, reflete como Graciliano Ramos apresenta cenários, situações e experiências, com um tom intimista e, ao mesmo tempo, social (coletivo), por meio de um eu-adulto, de um narrador que relata suas vivências de menino. Assim, no contexto narrado, o escritor traz um retrato de uma sociedade que continua produzindo as mesmas problemáticas no transcorrer do tempo, por exemplo, a falta de amor entre pais e filhos, que é bem descrita em *Infância*. Por conseguinte, devido a temas, muitas vezes polêmicos, o interesse pela obra literária de Graciliano Ramos, por leitores de gerações diferentes, só aumenta.

A vontade de apresentar aos leitores cada cena, momento, situações, medo e dor, de uma forma interessante e direta, pode ser percebida em uma de suas falas:

Desejo ir além das aparências, tentar descobrir nas pessoas qualquer coisa imperecível aos sentidos comuns. Compreensão de que as diferenças não constituem razão para nos afastarmos, nos odiarmos. Certeza de que não estamos certos, aptidão para enxergarmos pedaços de verdade nos absurdos mais claros. Necessidade de compreender, e se isto é possível, a pura aceitação do pensamento alheio (RAMOS, 2004, p. 93).

Graciliano Ramos deixa claro a sua preocupação para com o outro, as necessidades reais do povo, a situação do nordeste brasileiro, a sua oposição às injustiças e às desigualdades sociais: “Os fracos se queixavam, os fortes gritavam mandando” (Ramos, 2020, p. 142). Esse trecho da autobiografia comprova que desejava um estado acessível a todos, sem diferenças e sofrimento: “Difícilmente pintaríamos um verão nordestino em que os ramos não estivessem pretos e as cacimbas vazias. Reunimos elementos considerados indispensáveis, jogamos com eles, e se desprezamos alguns, o quadro parece incompleto” (Ramos, 2020, p. 30).

Nesse cenário, o narrador autobiográfico não poupou palavras para referir-se aos problemas referentes a ele e ao povo nordestino, demonstrando nitidamente a sua preocupação com o “outro”. Para isso, a escrita literária, ficcionaliza as suas vivências e do contexto do nordeste brasileiro dentro de um limite à realidade. À guisa de exemplo, vejamos um bilhete que Graciliano Ramos enviou a sua segunda esposa, Heloísa:

Julgo que sou um dos mais ignorantes daqui. Pediram-me uma conferência sobre a literatura do nordeste, mas não tenho coragem de fazê-la. As conferências aqui são feitas de improviso, algumas admiráveis. Tudo bem. As camas têm percevejo, mas ainda não os senti. Quanto ao mais, água abundante, alimentação regular, bastante luz, bastante ar (RAMOS, 2011, p. 223).

De acordo com o bilhete, comprova-se que a preocupação do escritor não era apenas em relação às pessoas, mas também com o espaço em que faziam parte. Assim, Graciliano Ramos, alagoano, projeta uma voz em sua obra para reproduzir imagens, situações e personagens que representassem os fatos narrados em *Infância*, apresentando assim, além de um panorama das experiências individuais do narrador, a fala também do coletivo, do povo nordestino. Para tal propósito, ele destaca a relação entre indivíduo e o cenário, realçando a precariedade desse ambiente, além de alertar aos leitores sobre as condições precárias que viviam os nordestinos.

Nesse sentido, *Infância* é uma obra literária na qual identificamos uma função social, já que descreve, denuncia e gera reflexões em torno de problemas e situações que envolvem, não apenas o narrador, mas a sociedade. Posto isto, numa espécie de trabalho artesanal, a narrativa autobiográfica rememora uma série de fatos e acontecimentos, expressando como o narrador construiu sua personalidade, por intermédio da relação dolorosa e angustiante vivenciada enquanto criança. Esse viés suscita que “a vida imita a arte”, segundo Bruner (s/d):

Minha segunda tese é que a mimese entre o que se chama de vida e narrativa é uma via de mão dupla: o que quer dizer, assim como a arte imita a vida, no sentido de Aristóteles, dessa forma, em Oscar Wilde, a vida imita a arte. A narrativa imita a vida, a vida imita a narrativa (BRUNER, s.d., p. 692).<sup>3</sup>

Se a arte imita a vida, e a vida imita a arte, como afirmou Bruner, essa definição se enquadra em *Infância*, pois muito do que o protagonista confessa em suas memórias são acontecimentos de sua vida, não só seus, como também apresenta problemas coletivos, tornando a arte uma representação do real, e, o real, em uma arte. Os relatos não se limitam à vivência pessoal do narrador, mas apresenta os impasses de um Brasil com modelo econômico patriarcal e rural, com um Governo, privilegiando a minoria, sem preocupar-se na reorganização sócio-política. As imagens revisitadas da infância confirmam que as memórias se fazem presentes na narrativa, e, mais do que isso, ligam-se a uma tessitura reveladora que constitui a voz de Graciliano Ramos. Segundo Maria Zilda da Cunha:

Falar sobre Graciliano Ramos nunca foi tarefa tranquila, mas experiência inquietante que me obriga, mesmo involuntariamente, a examinar de novo e de modos diversos a secreta e astuciosa complexidade com que ele enreda a vida humana, na textura das palavras, sem esgotá-la. Nesse percurso de renovar leituras, encontro-me frequentemente desafiada, fascinada. Em misto de recuos e avanços, recuso qualquer tentativa de procurar entender a faculdade que esse escritor possui de lidar com o poder do verbo. Em suma, deixo-me seduzir pela voz – índice do prazer e da dor de todos os vivos – que emana do tecido de seu texto e me leva à experiência mesma da linguagem (CUNHA *apud* Moraes, 2017, p. 223).

Falar sobre Graciliano Ramos e analisar seus escritos é vivenciar uma linguagem que proporciona um universo de sensações devido ao domínio de sua escrita e assim pode relacioná-la ao que disse Rancière: “[...] antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação (RANCIÈRE, 1955, p. 7). No entanto, nota-se que a forma evolvente de conduzir o enredo, proporciona aos leitores uma montanha-russa de emoções: do choro à superação, do entendimento à fabulação, mas, o mais importante, o encanto e o envolvimento com a narração. Ademais, a estratégia utilizada em sua escrita, apresentada por meio de memórias do protagonista e/ou de outros, o projetar-se como outro, caracteriza o autor como alguém que vai além do escrever. A respeito disso, conforme Foucault (1992):

---

<sup>3</sup>“My second thesis is that mimesis between life so-called and narrative is a two-way affair: that is to say, just as art imitates life in Aristóteles’s sense, so, in Oscar Wilde’s, life imitates art. Narrative imitates life, life imitates narrative” (Bruner, s.d.).

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (quicquid lectione collectum est, stills redigat in corpus). [...] como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (in vires, in sanguinem). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional (FOUCAULT, 1992, p. 143).

Michel Foucault, em *História da Sexualidade* (1992), no capítulo “A Escrita de Si”, sustenta a tese de que os escritos autobiográficos são como exercício da subjetividade, de forma que, ao escrever sobre si, para si, e para o outro, o indivíduo entra em processo de formação do eu, do autoconhecimento, em que não age apenas sobre suas ações, mas principalmente sobre o seu pensamento. Assim fez Graciliano Ramos, criou um narrador que escreveu sobre si, baseando-se em suas experiências e denunciando as durezas da vida, não apenas dele, mas do outro, abordando temas regionalistas de uma sociedade patriarcal e colonialista que favoreciam aos cidadãos não apenas a travessia por momentos conflituosos ou não, mas que se viam na posição de enfrentá-los, justificando assim, o nome desta dissertação: “Graciliano, ele mesmo e os outros: uma voz que grita, denuncia e captura as durezas da vida”.

Tendo como referência as diversas passagens do romance autobiográfico, nota-se o quanto Ramos demonstra seriedade naquilo que sabia fazer, ou seja, escrever de uma forma a levar seus leitores a experimentar um caráter vivencial da linguagem humana, ademais, transmitindo a certeza de que o narrador fala com a alma aquilo que realmente vivenciou. De acordo com Antônio Candido (2012):

Nesta narração autobiográfica, um dos traços mais característicos é o sentimento de humilhação e de machucadura. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados. Por toda a parte, recordações doídas de alguma injustiça, de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco. Talvez porque antes a sensibilidade do narrador, as circunstâncias banais da vida avolumassem como outras tantas brutalidades. Em casa, na rua, na escola, vê sempre um indefeso nas unhas de um opressor. A priminha, Venta-romba, o colega perseguido, João, ele próprio. E sempre – sempre – a punição é gratuita, nascendo daquela desnorteante injustiça com que trava conhecimento certo dia, por causa do cinturão paterno. A consequência natural é o refúgio no mundo interior e o interesse pelos aspectos inofensivos da vida. Inofensivos e, portanto, inúteis. Sonhar, ler, imaginar mundos na escala das baratas (CANDIDO, 2012, p.71).

Nesse ínterim, Antonio Candido confirma o que defendemos, que Graciliano Ramos traz aos seus leitores recordações do mundo interior do narrador autobiográfico, minuciosamente apresentadas como exteriorização de sentimentos. Além disso, faz com que entendamos que o protagonista por meio de suas observações, obteve enredos para escrever cada detalhe, permitindo a análise do protagonista como constituinte da história:



“Todos os meus tipos foram constituídos por observações apanhadas aqui e ali, durante muitos anos. É o que penso, mas talvez me engane. É possível que eles não sejam senão pedaços de mim mesmo e que o vagabundo, o coronel assassino, o funcionário e a cadela não existam”. A introspeção provocada pela melancolia abriu os olhos e ouvidos para enxergarem o mundo externo. Assim, os melancólicos podem escrever tanto do seu mundo interior quanto do mundo exterior. Graciliano deu vida a João Valério, Paulo Honório, Luís da Silva e Baleia. A estrutura melancólica é, então, uma potência, e não um limite criativo. O limite está na técnica narrativa. Técnica que nos convence da existência de cada personagem e nos faz esquecer do autor. E, no domínio dessa técnica, Graciliano foi um mestre (OLIVEIRA; Rodrigues, 2021, p. 19).

*Infância* é uma obra com vários planos de leitura, do literário ao educacional, do real ao imaginário, do histórico ao social, em que o narrador, consciente de seu fazer literário, traz ao leitor pistas que conduzem a sua narrativa pelo labirinto da história pessoal, por meio da fabulação, metalinguagem e observações. Esse painel, por exemplo, é perceptível na biografia que ele mesmo escreveu e enviou ao seu biógrafo, Joel Silveira, descrita no Livro *Conversas* (2014), organizado por Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla:

*Nasci em 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, Alagoas, donde saí aos dois anos. Meu pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha de um criador de gado, ouviu os conselhos de minha avó, comprou uma fazenda em Buíque, Pernambuco, e levou para lá os filhos, a mulher e os cacarecos. Ali a seca matou o gado – e seu Sebastião abriu uma loja na vila, talvez em 95 ou 96. Da fazenda conservo a lembrança de Amaro Vaqueiro e de José Baía. Na vila conheci André Laerte, cabo José da Luz, Rosenda lavadeira, padre José Inácio, Felipe Benício, Teotônio Sabiá e família, seu Batista, dona Marocas, minha professora e mulher de seu Antônio Justino, personagem que utilizei muitos anos depois.*

*Aprendi a carta de ABC em casa, aguentando pancada. O primeiro livro, na escola, foi lido em uma semana, mas no segundo encenquei: diversas viagens à fazenda de um avô interromperam o trabalho, e logo no começo do volume antipático, a história besta dum Miguelzinho que recebia lições com os passarinhos fechou-me, por algum tempo, o caminho das letras.*

*Meu avô dormia numa cama de couro cru, e em redor da trempe de pedras, na cozinha, a preta Vitória mexia-se, preparando comida, acocorada. Dois currais, o chiqueiro das cabras, meninos e cachorros numerosos, soltos no pátio, cobras em quantidade.*

*Nesse meio e na vila passei os meus primeiros anos.*

*Depois seu Sebastião aprumou-se e em 99 foi viver em Viçosa, Alagoas, onde tinha parentes.*

*Aí entrei no terceiro livro e percorri várias escolas, sem proveito.*

*Como levava uma vida bastante chata, habituei-me a ler romances.*

*Os indivíduos que me conduziram a esse vício foram o tabelião Jerônimo Barreto e o agente do correio Mário Venâncio, grande admirador de Coelho Neto e também literato, autor dum conto que principiava assim: “Jerusalém, a deícida, dormia sossegada à luz pálida das estrelas. Sobre as colinas pairava uma tênue neblina, que era como o hálito da grande cidade adormecida”.*

*Um conto bonito, que elogiei demais, embora intimamente preferisse o de Paulo de Kock e o de Júlio Verne.*

*Desembestei para a literatura.*

*No colégio de Maceió, onde estive pouco tempo, fui um aluno medíocre.*

*Voltei para Viçosa, fiz sonetos e conheci Paulo Honório que em um dos meus livros aparece com outro nome.*

*Aos dezoito anos fui com a minha gente morar em Palmeira dos Índios. Fiz algumas viagens a Buíque, reví parentes do lado materno, todos em decadência.*

*Em começo de 14, enjoado da loja de fazendas de meu pai, vim para o Rio, onde me empreguei como foca de revisão. Nunca passei disso.*

*Em fins de 1915, embrenhei-me de novo em Palmeira dos Índios.*

*Fiz-me negociante, casei-me, ganhei algum dinheiro, que depois perdi, envievei, tornei a casar, enchi-me de filhos, fui eleito Prefeito e enviei dois relatórios ao Governador. Lendo um desses relatórios, Schmidt (Nota: Augusto Frederico Schmidt, o poeta e editor) imaginou que eu tinha algum romance inédito e quis lançá-lo.*

*Realmente, o romance existia, um desastre. Foi arranjado em 1926 e apareceu em 1933.*

*Em princípio de 1929 larguei a Prefeitura e dias depois fui convidado pra diretor da Imprensa Oficial. Demiti- em 1931.*

*No começo de 1932 escrevi os primeiros capítulos de “São Bernardo”, que terminei quando saí do hospital.*

*As recordações do hospital estão em dois contos publicados ultimamente, um em Buenos Aires, outro aqui.*

*Em janeiro de 1933 nomearam-me diretor da Instrução Pública de Alagoas – disparate administrativo que nenhuma revolução poderia justificar.*

*Em março de 1936, no dia em que me afastava desse cargo, entreguei à datilógrafa as últimas páginas de “Angústia”, que saiu em agosto do mesmo ano, se não estou enganado, e foi bem recebido, não pelo que vale, mas porque de algum modo me tornei conhecido, infelizmente.*

*Mudei-me para o Rio, ou antes, mudaram-me para o Rio, onde existo agora.*

*Aqui fiz o meu último livro, história mesquinha – um casal vagabundo, uma cachorra e dois meninos.*

*Certamente não ficarei na cidade grande. Projetos não tenho.*

*Estou no fim da vida, se é que a isto se pode dar o nome de vida. Instrução quase nenhuma.*

*José Lins do Rêgo tem razão quando afirma que a minha cultura, moderada, foi obtida em almanaque. José Lins do Rêgo tem razão quando afirma que a minha cultura, moderada, foi obtida em almanaque. (LEBENSZTAYN; Salla, 2014, p. 91-93)<sup>4</sup>*

A autobiografia escrita por Graciliano Ramos permite dizer que em *Infância* há a presença de fatos, personagens e lugares que o próprio autor menciona na biografia supracitada, como o seu influenciador: “Mário Venâncio era pobre demais” (Ramos, 2020, p. 263); “Buíque tinha a aparência de um corpo aleijado [...]” (Ramos, 2020, p. 53); e “Chegamos ao município de Viçosa, em Alagoas” (RAMOS, 2020, p. 193). De acordo com essas citações da autobiografia, identificamos em Ramos e personagens que foram escritos nos romances, mostrando-nos que personagens apresentadas da narrativa fizeram parte da vida dele.

Isto posto, ressaltamos que *Infância* é uma narrativa retrospectiva em prosa, em que o narrador faz de sua realidade uma história. Sobre isso, Lejeune (2014) explica que a

---

<sup>4</sup> Entrevista publicada, por Joel, em artigo intitulado “Graciliano Ramos conta a sua vida”, na revista *Vamos Ler*, em 20 de abril de 1939.

autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (p. 16).

Nas experiências de vida do autor, encontram-se pistas importantes para o entendimento de sua obra, e a confirmação de ele se projeta no outro para narrar relatos voltados às pessoas que o influenciaram, como o capítulo de *Infância* nomeado “Jerônimo Barreto”, que trata de um dos seus incentivadores à leitura de romances; e outro capítulo nomeado “Mário Venâncio”, que trata do responsável pelo vício romanesco de Ramos. Vejamos a seguir os exemplos:

Em poucos meses li a biblioteca de Jerônimo Barreto. Mudei hábitos e linguagem. Minha mãe notou as modificações com impaciência. E Jovino Xavier também se impacientou, porque às vezes eu revelava progresso considerável, outras vezes manifestava ignorância de selvagem. Os caixeiros do estabelecimento deixaram de afligir-me e, pelos modos, entraram a considerar-me um indivíduo esquisito. Minha Mãe, Jovino Xavier e os caixeiros evaporavam-se. A única pessoa real e próxima era Jerônimo Barreto, que me fornecia a provisão de sonhos, me falava na poeira de Ajácio, no trono de S. Luís, em Robespierre, em Marrat (RAMOS, 2020, p. 253-254).

Mário Venâncio me pressagiava bom futuro, via em mim sinais de Coelho Neto, de Aluísio de Azevedo e isto me ensoberbecia e alarmava. Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o vaticínio: os meus exercícios eram composições tolas, não prestavam. Sem dúvida, afirmava o adivinho. Ainda não prestavam. Mas eu faria romances. Gastei meses para certificar-me de que o palpite não encerrava zombaria (RAMOS, 2020, p. 268).

Nos trechos, verifica-se, claramente, a presença da escrita de si, pois as lembranças do narrador autobiográfico vêm à tona e são transferidas para o papel, como forma de representação do passado, proporcionando aos leitores de seus romances, a possibilidade de conhecê-lo e entender seus escritos. A forma como se preocupou com cada detalhe faz dele um cânone da Literatura Brasileira, rompendo com o passado recente e recuperando o passado remoto de tal forma que a retomada da tradição está sempre em pauta, justificando ser ainda estudado, mesmo depois de décadas, por apresentar uma escrita singular e envolvente: “Só conseguimos deitar, no papel, os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós, só podemos expor o que somos. A técnica é necessária, é claro. Mas se lhe faltar técnica, seja ao menos sincera” (RAMOS, 1949)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Trecho da carta enviada a sua irmã, Marili Ramos, em 23 de novembro de 1949.

Por fim, ainda nos excertos, notamos que Graciliano Ramos denuncia, pelo viés literário, o confronto do ser humano com o mundo, no qual degrada o sujeito. Assim, o escritor exercia uma prática política, no texto artístico, sobretudo, na retomada ao passado por meio da memória como operadora da diferença de sua escrita.

Segundo Candido (1992), existem autobiografias que aspiram mais objetividade e recebem um teor informativo, o que leva a maior credibilidade, proporcionando a impressão de que os fatos relatados são reais. São as confissões. Do outro lado, também têm aquelas que recebem tratamento mais literário e podem ser lidas como ficção: ou seja, os fatos parecem verossímeis, mas não necessariamente verdadeiros ou totalmente verdadeiros, mesmo que tenham origens do real. Nesse sentido, ficamos entre a confissão e a ficção. Portanto, pode ser situada em gênero híbrido, tal como a crônica, podendo ser um documento ou ficção. É exatamente essa definição que nos interessa para entendermos *Infância* como uma reflexão entre o real e a representação, onde o autor é a representação de si mesmo por meio da narrativa de fatos reais, no qual o autor-personagem se constitui como protagonista, por meio das memórias.

No entanto, no momento em que a personagem se reporta a alguém para que faça a narração do que recorda, organiza-se os fatos e transforma-se memória em discurso. “Quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretemos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente” (LOWENTHAL, 1998, p. 97).

Para Antônio Candido: “a autobiografia foi um caminho que Graciliano Ramos escolheu e para o qual passou naturalmente, quando a ficção já não lhe bastava para exprimir-se” (CANDIDO, 1992, p. 66).

Tendo como suporte a citação de Candido, observamos que a escrita em *Infância*, para o autor narrador, foi uma ferramenta de questionamentos e reflexão para si próprio, ou talvez tenha sido estratégia de Graciliano Ramos romancear sua infância para criar uma interface estética e, assim, apresentar-se ao leitor. Tratar-se-ia, desse modo, de uma estratégia de autoria, podendo ser uma das ferramentas utilizada na obra em análise.

## 1.2 *Infância*: a presença de dois “eus” narrativos

Temos, em *Infância*, textos escritos por quatro mãos e duas vozes narrativas: a do eu adulto, do presente da escrita; e, do menino, do passado da memória. Assim, presencia-se uma identidade pessoal (do autor) e a narrativa (do narrador), em que os dois são projetados na personagem. Além disso, por tratar-se de memórias, há um flerte entre a história e a fabulação, um jogo duplo entre narrador e protagonista: “Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho” (Ramos, 2020, p.7). De acordo com a citação, podemos correlacioná-la com o que diz Benfatti (2013) sobre autobiografia:

Ela constrói uma realidade de um tempo e espaço específicos e negocia seus significados com interlocutores desses mesmos tempos e espaços, bem como de tempos e espaços mais distantes. Tais interlocutores estão inseridos em um contexto social no qual o “eu” e os “outros” ora se afinam, ora se estranham, já que conviver é um ato que exige reavaliação diária” (BNFATTI, 2013, p. 52).

No entanto, pode-se afirmar que o narrador autobiográfico, por meio de suas lembranças para se autocompreender, resgata acontecimentos e adquire várias identidades, reencontra-se na criação de outras personagens para que, assim, entenda que o seu mundo ocorre devido à convivência social.

Nota-se que as lembranças do narrador autobiográfico, já adulto, também são preenchidas pela fabulação, porque a escrita autobiográfica pode ser comparada à reforma de uma casa vista como patrimônio histórico, em que há a necessidade de preservar ao máximo o que puder os pertences, e incorporar ao que já existe, o novo. Entendemos que o que foi preservado pelo tempo se define como memória: o que é novo e precisou ser substituído, repostado por aquilo que não existe mais, ou seja, as lacunas desse tempo denominadas de fabulação, do ato de preencher com a imaginação.

Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa. Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei meu pequeno mundo incongruente. Às vezes as peças se deslocavam- surgiam estranhas mudanças. Os objetos se tornavam irreconhecíveis, e a humanidade, feita de indivíduos que me atormentavam e indivíduos que não me atormentavam, perdia os característicos (RAMOS, 2020, p. 21-22).

Bem sabemos que as memórias são presentes, como também entendemos que nem tudo pode ser lembrado na íntegra. Como o narrador mesmo diz: “Que idade teria eu? Pelas contas de minha mãe, andava em dois ou três anos” (RAMOS, 2020, p. 7-8). Como podemos observar, o narrador relata ser bem pequeno ao iniciar a sua narrativa em *Infância*, o que leva a compreender que é impossível que todas as lembranças sejam recordadas na íntegra, justificando assim, a presença da fabulação.

É importante salientar que as experiências de adulto influenciam a maneira como o narrador relata sua infância, uma vez que é a reconstrução do passado, sustentada por outra perspectiva, já distanciada do tempo narrado. Logo, esse outro ponto de vista sobre o passado propicia uma série de transformações, conforme sustenta Halbwachs (2006, p. 91):

Ao crescer, especialmente quando se torna adulta, a criança participa de modo mais distinto e mais refletido com relação à vida e ao pensamento desses grupos de que fazia parte, no início quase sem perceber. Como isso não modificaria a ideia que ela tem de seu passado? Como as novas noções que ela adquire, noções sobre fatos, reflexões e ideias, não reagiriam sobre suas lembranças?

O passar do tempo faz com que as lembranças fiquem distantes, ou até mesmo que não sejam capazes de lembrar, levando-nos a recriar e imaginar como realmente aconteceu, assim como fez o narrador em *Infância* que, apesar de alguns relapsos de memória, traz aos seus leitores um modo único de convencer de que tudo que lemos é realmente a forma como aconteceu. Como avaliou Benfatti (2013) ao analisar Freeman (1980):

O fato de conferir novos significados ao passado não quer dizer que se deve falseá-lo, mas situá-lo em um esquema imperativo amplo que não está disponível no momento da experiência. Assim, o foco está em fazer vir à tona recortes da vida passada sem que para isso tenha que se atestar um compromisso com a verdade dos fatos, pois o que temos são verdades contextuais que se enfraquecem,<sup>6</sup> mudam, que transmutam ao longo do tempo e ao escrever sobre elas [...] (BENFATTI, 2013, p. 55).

Portanto, torna-se inútil tentar provar se a autobiografia é verossímil, uma vez que começa a fazer parte de um texto literário ficcional. Porém, na busca pelo lembrar, há uma voz que se duplica na presença de um narrador adulto que, aos poucos, vai apresentando o seu mundo nebuloso: “Datam desse tempo as minhas mais antigas recordações do ambiente onde me desenvolvi como um pequeno anima” (RAMOS, 2020, p. 11).

---

<sup>6</sup> Cf. PECORADO, R. **Niilismo e (pós) modernidade**: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo. São Paulo: Loyola, 2005.

*Infância*, dentro do contexto, faz-se na dinâmica de um jogo entre o narrador, que recorda e analisa suas lembranças, e um protagonista menino que se situa no enunciado. Esse jogo é direcionado pela presença de uma voz que tem dúvidas e funciona como autobiografia e ficção, como podemos observar no trecho abaixo:

Desse antigo verão que me alterou a vida restam ligeiros traços apenas. E nem deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos a que atribuo realidade. Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o açude estancou, as porteiras dos currais se abriram, inúteis. É sempre assim. Contudo ignoro se as plantas murchas e negras foram vistas nessa época ou em secas posteriores, e guardo na memória um açude cheio, coberto de aves brancas e flores. Dificilmente pintaríamos um verão nordestino em que os ramos não estivessem pretos e as cacimbas vazias (RAMOS, 2006, p. 29).

Na verdade, não fica difícil perceber e reconhecer em *Infância* a presença de uma trama construída de elementos que se misturam entre a autobiografia e a ficção. Há sem dúvida alguma, uma composição híbrida na qual o narrador conta o que viveu, sem poupar detalhes e precisão, recuperando analogicamente possibilidades físicas e sensíveis de tudo que foi descrito. No decorrer da leitura, observamos que as narrações vão sendo apresentadas dentro de um cenário composto por dor, violência, injustiças sociais e comportamentos que não eram aceitos pelo narrador e, principalmente, a relação entre seus pais e ele: “Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos [...]” (RAMOS, 2020, p.13).

A forma como o narrador-protagonista apresenta suas experiências com os pais faz com que entendamos a relação familiar marcada pelo autoritarismo e violência, mesmo sendo para ele incompreensíveis naquele momento. No entanto, fez-se necessário que ele as transcrevesse em busca de uma reconstrução do passado com o intuito de ressignificação e entendimento. Assim, ao mesmo tempo que foi um tempo de angústias, observamos que foi uma forma de aprendizado, levando-o à superação e, por meio da literatura, encontrou uma forma para expor o que tanto lhe incomodava, o desafio familiar, na escola, as situações conflituosas apresentadas na autobiografia.

No decorrer da leitura analítica, nota-se que o narrador adulto escreveu, alterou, complementou, recriou e fabulou vivências do eu-criança, que lhe influenciou como homem e escritor, como percebe-se em um trecho da carta, escrita para Marili Ramos, em 1949: “A

literatura é uma horrível profissão, em que só podemos principiar tarde, indispensável muita observação”<sup>7</sup>.

A citação acima pode ser relacionada ao que diz Ribeiro (2012, p. 53), “[...] o adulto busca colocar-se no lugar da criança, operando um deslocamento que simula o momento inaugural da reminiscência, no qual o sujeito que lembra e o objeto da lembrança apresentam-se de forma distinta”. Posto isto, pode-se inferir que o narrador autobiográfico criou o narrador-adulto para tentar detalhar mais as ações e experiências de época quando era criança, além de ter uma compreensão mais ampla e aprofundada da realidade, algo que ele precisava para retratar, sobretudo, o contexto da época.

Para mais, sob a visão de Roig (2014), pode-se entender que a autobiografia:

É um jogo de espelhos, em que o olhar, esta ótica pessoal, é que espelha e projeta o que se lembra e o que se conta; escrita que é fruto desta “metamorfose ambulante” que é cada ser humano, transformando-se gradualmente de criança em adulto. E neste processo “Há, assim, um jogo dialético, cujo resultado será fruto da tensão entre realidade propriamente dita, substrato que fornecerá os ‘motivos’, e a ficção, o resultado literário desses “motivos” (Souza, 2001: 78). Um jogo de espelhos também entre o autor (emissor) e o leitor (receptor), que ao ler aquele relato especular, põe-se a especular, refletir, se espelhar naquela figura humana que admira, pois, a maioria dos leitores de autobiografia são profundos admiradores do autobiografado, a ponto de que querer saber de suas confissões, sua história de vida, as pistas sobre como atingiu o sucesso, enfim, a procura pelo próprio fio da meada pelo labirinto, através do fio condutor daquele autor (ROING, 2014, p. 2-3).

Dentro desse viés, afirmamos que o narrador sofreu a transformação da sua fase de menino para um adulto, o qual fez, de suas vivências, um quadro que aproximou questões pessoais e sociais, que o ajudaria a compreender as situações enfrentadas. Logo, *Infância* pode ser considerado a história das outras histórias, visto que nele o narrador autobiográfico faz importantes registros de sua vida, os quais se fazem relevantes para o entendimento da forma como ele cresceu, viveu e, conseqüentemente, escreveu: “Nunca pude sair de dentro de mim mesmo, só posso escrever o que sou. E, se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens” (RAMOS, 1948)<sup>8</sup>.

Em *Infância*, temos um narrador-protagonista que fala em nome de suas personagens, apresentando características, jeito de ser e atitudes que tinham. É notável a progressão e deslocamento do “eu” que, em alguns momentos, passa-se por outras pessoas em razão da

<sup>7</sup> Trecho da carta de Graciliano Ramos, enviada em 1949, a sua irmã Marili Ramos

<sup>8</sup> Em entrevista a Homero Senna, primeiramente publicada na *Revista do Globo*, em 18 de dezembro de 1948. Disponível em: [http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Graciliano\\_Ramos.htm](http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Graciliano_Ramos.htm). Acesso em: 15 de novembro de 2023.



narrativa: “Amaro fungava, resmungava, franzia a cara cabeluda; José Baía pilheriava” (Ramos, 2020, p. 31). Por conseguinte, o narrador trazia por meio de sua voz aquilo que possivelmente eram falas, ações e reações não só dele, mas do meio em que se via inserido, a infância no interior de Alagoas entre o final do século XIX e XX, e de forma fragmentada, ia compondo as memórias e transformando-as em romances.

Ramos referiu-se ao seu gosto à literatura em uma carta a Heloísa, de 3 de abril de 1935, como se fosse uma doença da qual não conseguia curar-se:

Somos animais diferentes dos outros, provavelmente inferiores aos outros, duma sensibilidade excessiva, duma vaidade imensa que nos afasta dos que não são doentes como nós. Mesmo os que são doentes, os degenerados que escrevem história fiada, nem sempre nos inspiram simpatia: é necessário que a doença que nos ataca atinja outros com igual intensidade para que vejamos nele um irmão e lhe mostremos as nossas chagas, isto é, os nossos manuscritos, as nossas misérias, que publicamos cauterizadas, alteradas em conformidade com a técnica<sup>9</sup>.

O escritor alagoano, ao escrever a sua esposa Heloísa, apresentou algumas características observadas em seu romance, como a solidão que o narrador-protagonista se via; e a importância que descobriu na palavra, quando estava com uma doença nos olhos, que pode ser, metaforicamente, comparada à sensibilidade que os romancistas têm ao escrever sobre o que vivenciam, sejam essas vivências boas ou ruins. O necessário para ele é que a doença do criar, escrever, alterar ou até mesmo fabular tenha sucessores para que continuem a arte da literatura. Assim, nos vemos como sucessores da sua sensibilidade excessiva, analisando, estudando e escrevendo sobre a sua técnica de narrar fatos de si.

Durante a última entrevista de Graciliano Ramos dada a Homero Senna (1948), ao escritor foi solicitado dizer algo sobre o começo de sua vida no interior de Alagoas, na cidade de Quebrangulo, onde nasceu. E sua resposta foi:

Mas isso tudo está contado em *Infância...* Valeria a pena repetir? De minha cidade natal não guardo a menor lembrança, pois saí de lá com um ano. Criei-me em Buíque, zona de indústria pastoril, no interior de Pernambuco, para onde, a conselho de minha avó, meu pai se transferiu com a família. Em Buíque morei alguns anos e muitos fatos desse tempo estão contados no meu livro de memórias<sup>10</sup>.

Graciliano Ramos, nessa entrevista, reafirma o pacto autobiográfico que assegura ao leitor, que a identidade do autor-narrador-personagem é a mesma. É um pacto referencial que

<sup>9</sup> MORAES, Dênis de. **O velho da Garça**: uma biografia de Graciliano Ramos. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p.101.

<sup>10</sup> Na mesma entrevista a Homero Senna, em 1948.

Lejeune explica: “[...] uma autobiografia não é quando alguém diz a verdade sobre sua vida, mas quando diz que a diz” (1984, p. 234 *apud* Klinger, 2006, p. 45). No entanto, o autor oferece um norte para o nosso entendimento de *Infância* como autobiografia e desta como um jogo de espelhos, porque não apenas um “eu”, mas uma multiplicidade de “eus” que se refletem e, assim, torna-se possível a identificação da presença de pretextos que asseguram a identidade entre quem escreve e quem conta.

Encontramos na escrita de Graciliano Ramos o que afirma Rancière: “Mas a boa escrita é a escrita mais que escrita, aquela cuja verdade é subtraída aos suportes frágeis e aos signos ambíguos da escrita, traçada pelo modo indelével e infalsificável na própria textura das coisas (RACIÈRE, 1995, p. 11).

Relacionando a citação acima com a escrita de Ramos pode-se dizer que o que ele escreve vai além das palavras no papel, alcançando uma dimensão profunda e incorporada na própria essência das coisas e de fatos. Uma escrita que pode ser interpretada como a representação de acontecimentos que deixaram marcas duradouras e autênticas, e se projeta no outro, em uma figura do discurso para relatar a infância por meio de memórias, como uma ponte para exteriorizar sentimentos,

Segundo Ivan Marques:

O leitor é convidado a perceber a complexidade dos elementos que compõem a forma moderna dos romances: a “**construção em abismo**” (o livro escrito pelo protagonista dentro do livro), as implicações da **narração em primeira pessoa, a fragmentação do enredo, a reiteração da estrutura circular, o fluxo da consciência** e a conseqüente **deformação da realidade** (MARQUES, 2017, p.9-10)

Na citação supracitada, é posto em destaque o trabalho com a linguagem que o escritor Graciliano Ramos tem, sempre concisa e disciplinada traz aos seus leitores o realismo e o por meio da palavra mistura-se a ética e a estética, o sentimento do mundo e a forma de vazá-lo. Produziu romances de intensificação da sondagem psicológica e sociológicas, como *Infância*, em que as personagens sem sair do foco, que era o da realidade social: estando sempre relacionadas aos principais problemas sociais do Brasil: “ Alguns indivíduos, quando não se apresentavam nas calçadas, incorriam em censuras rigorosas” ( RAMOS, 2020,p.59).

Graciliano Ramos e o seu compromisso com a escrita da vida e senso de realidade despertam interesse: “ O estilo é o próprio homem” escreveu no século XVIII o Conde de Buffon”( MARQUES, 2017, p.15).Não tem como estudar esse autor e não ressaltar a sua capacidade linguística, pode até parecer clichê ao ser mencionado, mas deixar de dizer é um

deslize .Além do mais, sua experiência como jornalista lhe deu exatidão e compromisso com a realidade; suas dores e vida agreste; uma escrita também agreste e atenta aos menos favorecidos. Em suas obras, nos depararmos com cultura, linguagem e fragilidades dos excluídos, fatos históricos, rispidez e secura. Concomitantemente, sua precisão ao narrar e escrever consegue imprimir, em seus leitores, falta de fôlego, raiva, pena, revolta, compaixão e vasto sentimento de empatia, porque, para o entendimento das ações e reações de suas personagens.

A presença dos dois “eus” narrativos é um entrecruzar de vozes narrativas, o adulto que por meio de suas memórias do eu criança traz para o presente suas lembranças e mistura a imaginação com os fatos reais, a autobiografia por meio de duas vozes narrativas:

Como ficcionista, Graciliano Ramos procura misturar a imaginação com os fatos da experiência; já nas obras de memórias, recria e reinventa os fatos reais. Esse processo veio tão fortemente à tona em *Infância* que em determinados momentos dificilmente se distingue com clareza a fronteira da ficção e da história. Isto se deve antes à sua maneira de reconstruir a realidade observada de modo psicológico. Assim é que se percebe na ficção a realidade histórica já transmutada; e nas memórias, o real vivido é temperado pela imaginação e elevado pela penetração psicológica. O universo ficcional torna-se refratário a uma realidade particular, histórica e o universo da história real memorada reflete a problemática universal do caso singular  
(GUIMARÃES,1987, p.114)

*Infância*, por fim, é narrada por duas vozes narrativa, o narrador autobiográfico adulto que traz para o seu presente o narrador criança e por meio de suas memórias busca se reconstruir o seu passado, tal qual já fora mencionado anteriormente, como estratégia estética da literatura.

## 2- VIOLÊNCIA, PODER E FAMÍLIA: EDUCAÇÃO PATRIARCAL

*Não se mencionou o gênero dos maus-tratos, mas calculei que deviam assemelhar-se aos que meus pais me infligiam: bolos, cocorotes, puxões de orelhas. Acostumaram-me a isto muito cedo [...]*<sup>11</sup>

O objetivo deste capítulo, foi trazer as memórias de um adulto que tece reflexões e relata os maus-tratos recebidos de seus pais, expressando o quão sofreu dentro do seu âmbito familiar apresentando um mundo infantil sem encantos e fantasias. Além de analisar o papel da violência, do poder e da família nas memórias do narrador apresentando a narrativa sobre a história vivida e narrada por ele. Para tanto, discorreremos acerca dos aspectos gerais que caracterizam a família do narrador, bem como nela se manifestam as relações violentas, de poder e resistência.

### 2.1 Família: história vivida, história narrada

A epígrafe apresentada neste capítulo é importante para revelar o propósito do estudo que tange refletir sobre a família de Graciliano Ramos, as relações de poder e violência nela existentes sob o tratamento da educação patriarcal, tomando por base sua autobiografia *Infância*. Nessa passagem, o narrador, ao presenciar uma cena violenta de um padre a um garoto, menciona que poderia calcular o que o menino sofrera e assemelha essa situação as suas vivências. A partir disso, justifica-se a abordagem que será feita neste capítulo, que apresentará o papel da violência, do poder e da família nas memórias do narrador autobiográfico, retratando a história vivida e narrada por ele.

É evidente que aquilo que é experimentado objetivamente não permanece na memória da mesma forma que fora experimentada subjetivamente. Cada golpe vivido pelo narrador, cada lembrança e visita a lugares e pessoas trazem a voz de um protagonista que rememora o que vivenciou: “Era, tanto quanto posso imaginar, bastante ordinária. Creio que se tornou uma

---

<sup>11</sup> RAMOS, 2020, p. 18.

péssima cabeça. Mas daquela hora antiga, daqueles minutos, lembro-me perfeitamente” (RAMOS, 2020, p. 8).

Nessa citação, mais uma vez, podemos identificar o uso da primeira pessoa do discurso do presente do indicativo, modo verbal que explana ação com teor de verdade, certeza de ter ocorrido. Por meio dessa afirmação, entendemos que há a presença de veracidade dos fatos narrados, lembranças que, segundo o narrador, é como se ele mencionasse: “Como esquecer algo tão marcante” (grifos nossos). Sob um viés paradoxal, mostra-se uma infância que, no lugar de aconchego, carinho e amor, foi marcada por violência física e psicológica: “Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos de pavor” (RAMOS, 2020, p.13).

Por ser a literatura um campo privilegiado de criações e representações de histórias, a família não ficaria de fora, já que o texto literário oferece um repertório de conhecimentos relacionados às questões sociais, culturais e psicológicas que são perceptíveis na família brasileira. Assim fez Graciliano Ramos, trouxe para suas obras suas experiências de um protagonista menino, retratando as dificuldades de crescer e receber ensinamentos por meio da educação familiar patriarcal e rural do nordeste brasileiro.

Dentre as evidências já citadas, temos em *Infância* um narrador autobiográfico que escreveu sobre si, que narra as coincidências ou não com o real, temos um resumo de sua trajetória desde menino, contada por meio de uma linguagem convincente e claramente objetiva: “Mas tudo isso está contado em *Infância* [...] Valeria a pena repetir?” (RAMOS *apud* Lebensztayn; Salla, 2022, p. 147). Essa foi a resposta do escritor ao ser questionado sobre o início de sua vida, o que torna ainda mais verossímil cada vivência descrita na autobiografia, mais uma vez ressaltando que isso não impede a fabulação na narração.

Quando retrata-se o perceptível e o visível, torna-se mais realista, focaliza o que realmente marcou, ou seja, essa foi a estratégia protagonista: trazer a sua história, por meio de relatos da sua vida, sendo a prosa o caminho para lembrar sua época de menino, vítima de uma educação patriarcal, que impedia a existência de uma boa convivência familiar.

A família da época em que o protagonista foi educado era pautada no sistema patriarcal, sendo vista como perfeita, inserida em uma sociedade hierárquica rígida, na qual o poder e as decisões pertenciam ao pai, tendo a mulher seu papel de submissão ao marido. Porém, em *Infância*, a figura masculina também sofreu com as imposições patriarcais, rastros percebidos no protagonista, um garoto que, de três até doze anos de idade, viveu em meio à violência e a métodos de aprendizagem dolorosos, sem a presença de diálogos, sem voz, e tudo que recebia e aprendia era por meio dos maus-tratos.

Nesse contexto, como bem se sabe nas fazendas do nordeste, principalmente em Pernambuco, o patriarcado foi mais marcante, atravessando séculos, e, ainda hoje, pode perceber traços dessa dominação familiar no Brasil. A representação do pai como símbolo de imposição e soberania, além de propiciar pavor ao narrador, que se via como indefeso, marcou negativamente sua infância, como pode ser percebido no trecho seguinte:

Meu pai e minha mãe conservaram-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, baticum de sapatões no tijolo gasto (RAMOS, 2020, p. 13).

A estratégia utilizada para descrever os pais não foi suavizada, e narrador autobiográfico, não poupou palavras para defini-los como pessoas temidas, violentas e desprovidas de carinho. As mãos grossas, os gritos e o desprezo são marcas sentidas por ele, que fizeram com que pais e filho se distanciassem. Assim, fica claro que a família, primeira instituição formadora de valores, perde sua função de construtora de aprendizados e bons momentos, tal qual ocorreu com o garoto, como é possível observar no tom triste e ressentido do narrador ao lembrar-se dos pais:

Habituei-me a essas mãos grossas, cheguei a gostar delas. Nunca as finas me trataram bem, mas às vezes molhavam-se de lágrimas - e os meus receios esmoreciam. As grossas, muito rudes, abrandavam em certos momentos. O vozeirão que as comandava perdia a aspereza, um risco cavernoso estrondava - e os perigos ocultos em todos os recantos fugiam, deixavam em sossego os videntes miúdos: alguns cachorros, um casal de moleques, duas meninas e eu (RAMOS, 2020, p. 13).

Destacamos que a caracterização da figura paterna traduz o patriarcado presente naquela época, no qual o homem determinava tudo, impunha e agia da forma que julgasse certa, resultando, por conseguinte, em um relacionamento familiar distante e frio entre o pai e o filho: “Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso” (RAMOS, 2020, p. 33).

A forma como descreve minuciosamente os pais, sobremaneira, o pai, faz com que compreenda o motivo de forma subjetiva, marcado pelas lembranças, associadas ao poder e às violências físicas e psicológicas sofridas pelo protagonista em seu âmbito familiar. A figura paterna é descrita como um homem autoritário e que não se importava com o sofrimento alheio, levando a vivenciar e imaginar as cenas em que agredia verbalmente e fisicamente o narrador: “Junto de mim um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me” (RAMOS, 2020, p. 39).

Como bem defendia Graciliano Ramos, os escritores deveriam ser claros ao escrever, não esperando que o leitor decifrasse enigmas, mas que deixassem evidente o que realmente queriam falar, sem rodeios, mas que apresentassem em seus escritos a certeza daquilo que contavam. Dentro desse contexto, percebemos que, em *Infância*, o autor deixou transparecer a sua característica realista, por meio de sua autobiografia e do seu narrador autobiográfico, narrando com clareza as experiências de um adulto que revisita o seu passado para compor a obra.

É importante ressaltar que em meados do século XX, a época da infância do narrador, as crianças alagoanas eram consideradas insignificantes, assim como foi retratado um garoto que, se pudesse escolher, não faria parte daquela família, por se sentir sem voz e desprotegido no ambiente onde deveria receber um tratamento digno de filho. Por ser vítima da opressão da sua própria família o patriarcalismo e o colonialismo o atingiam de forma intensa. Tal constatação apriorística leva-nos a problematizar a violência intrafamiliar enquanto dispositivo de poder em *Infância*<sup>12</sup>. Sobre isso, Candido (2012), resume o enredo deste livro:

Nesta narração autobiográfica, um dos traços mais característicos é o sentimento de humilhação e de machucadura. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados. Por toda a parte, recordações doídas de alguma injustiça, de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco. Talvez porque antes a sensibilidade do narrador, as circunstâncias banais da vida avolumassem como outras tantas brutalidades. Em casa, na rua, na escola, vê sempre um indefeso nas unhas de um opressor. A priminha, Venta-romba, o colega perseguido, João, ele próprio. E sempre – sempre – a punição é gratuita, nascendo daquela desnorteante injustiça com que trava conhecimento certo dia, por causa do cinturão paterno. A consequência natural é o refúgio no mundo interior e o interesse pelos aspectos inofensivos da vida. Inofensivos e, portanto, inúteis. Sonhar, ler, imaginar mundos na escala das baratas (Candido, 2012, p. 71).

Antonio Candido elucidava, em *Ficção e confissão* (2012), as marcas de uma infância oprimida, cheia de punições e injustiças, sofridas pelo narrador, que era uma criança vista como um ser sem voz, até mesmo sem direito a perguntar quando tinha dúvidas. Todavia, ao mesmo tempo que transfere suas dores, apresenta a capacidade de transformar sua história em uma narrativa de superação, não só a sua, mas a de todos, principalmente os nordestinos, que

---

<sup>12</sup>*Infância* nos leva a pensar a violência como um fenômeno histórico, ou seja, enquanto acontecimento que faz parte do movimento das sociedades, multideterminado e multifacetado. O contexto sócio-histórico da época de *Infância*, permite-nos pensar não só a violência intrafamiliar, como também a violência institucional, vivenciada por ele quando de sua inserção na escola, por exemplo: a violência estrutural e social que na obra atinge, principalmente, os negros e pobres; além de nos permitir enxergar inúmeras formas de violência contra outras crianças que fizeram parte de sua infância.

naquela época, passavam pelas mesmas situações, como pode ser percebido a partir da personagem apresentada:

O moleque José, tortuoso, sutil, falava demais, ria constantemente, suave e persuasivo, tentando harmonizar-se com todas as criaturas. Repelido, baixava a cabeça. Voltava, expunha as suas pequenas habilidades sem se ofender, jeitoso, humilde, os dentes à mostra. Não era alegre. Os olhos brancos ocultavam-se, frios e assustados, os beijos tremiam às vezes, mas isto se disfarçava numa careta engraçada que amolecia a cólera das pessoas grandes (RAMOS, 2020, p. 90).

Nota-se que, as lamentações, a tristeza, os sentimentos de fraqueza e a fragilidade narrados não se referiam apenas ao protagonista, pois, além de apresentar a sua história de vida, representou, por meio de sua voz, as denúncias de maus-tratos da época patriarcal. Por exemplo, o Moleque José, filho da escrava Quitéria, descrita na autobiografia como mãe do moleque e de outros filhos que tivera, a qual ficou para servir ao pai do narrador, também não ficara livre da violência e do abuso do poder do patriarcado.

José é uma personagem apresentada como um menino forte e que, apesar de sofrer os maus-tratos do seu padrinho, pai do narrador, não demonstrava tristeza e nem chorava, o que causava espanto no protagonista que se indagava como poderia alguém apanhar, ser castigado, sentir dor e não chorar? Nesse sentido, na citação abaixo, identifica-se o sofrimento que demonstra ser um problema da época patriarcal, fato apresentado na autobiografia e que justifica a preocupação com o meio no qual estava inserido, para ser mais claro, a região nordestina:

As brasas no fogão cobriam-se de cinza, morriam sob chuviscos; a água da bica salpicava o ladrilho escorregadio; a labareda fumacenta do candeeiro oscilava. Num murmúrio, a criança beijava os dedos finos. De repente o chicote lambeu-se as costas e uma grande atividade animou-a. Pôs se a girar, desviando-se dos golpes. E as palavras afluíam num jorro: - Por esta luz, meu padrinho. Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. A súplica lamurienta corria inútil, doloroso ganido de cachorro novo. Muitas vergastadas se perdiam, fustigavam as canelas do juiz transformado em carrasco. Este largou o instrumento de suplício, agarrou a vítima pelas orelhas, suspendeu-a e entrou a sacudi-la (RAMOS, 2020, p. 94-95).

Na cena retratada do castigo do Moleque José, todos que conviviam com o autoritarismo sofriam com as formas rígidas do poder, no caso, o narrador com o pai, representando os pais em geral; e José, representando os demais, sendo ele um empregado que também sofria com as agressões infundadas do patriarca. Em vista disso, como estratégia individualizada para comover seus leitores, o narrador não poupou realismo aos descrever cada detalhe da violência física sofrida por José.



Para mais, no trecho, encontramos mais uma comprovação da dissertação, em que apresentamos o escritor Graciliano Ramos como ele mesmo e o outro, ou seja, fez de sua voz um meio de difundir situações conflituosas ou não, social, psicológica, familiar, poder e submissão da época. Mesmo sem entender as suas vivências o protagonista enquanto menino, já manifestava a sua inconformidade, isto é, a sua preocupação com o próximo.

Na obra é possível notar em uma passagem que o narrador-protagonista desejou seguir as atitudes do pai, no momento em que ele castigava o moleque, José, que mesmo sem entender o porquê o patriarca agia daquela forma, decide também punir o garoto, como percebe no trecho a seguir:

Aí me veio a tentação de auxiliar o meu pai. Não conseguiria prestar serviço apreciável, mas estava certo de que José havia cometido grave delito e resolvi colaborar com a pena. Retirei uma acha curta de feixe molhado, encostei-a de manso a uma das solas que se moviam por cima da minha cabeça. Na verdade, apenas toquei a pele do negrinho. Não me arriscaria a magoá-lo: queria somente convencer-me de que poderia fazer alguém padecer. O meu ato era a simples exteriorização de um sentimento perverso, que a fraqueza limitava (RAMOS, 2020, p. 95).

O narrador não entendia a forma como seu pai sempre agia com ele e com os outros, o que o fez agir da mesma forma, como meio de exteriorização de um sentimento perverso. Teve o desejo de participar do castigo de seu amigo, como uma busca de resposta ao comportamento paterno: batia, castigava, não percebia os erros, mandava, impunha, como se fosse a única maneira de conviver. As atitudes paternas não eram compreendidas e, por isso, decidiu agir tal qual seu pai, em busca de explicações e entendimento, mas o que descobriu foi que não era como o pai, e disse que seria incapaz de machucá-lo. Assim, por meio dessa citação, nota-se a singularidade do narrador ao apresentar a sua incapacidade de ser e agir como a sociedade da época.

Em vista disso, nitidamente, é percebido que, em *Infância*, temos um narrador adulto que traz fatos rememorados e fragmentados, o que aprendeu e o que trouxe consigo na memória. Identificamos que, em meio a uma infância conturbada, com altos e baixos e, sem dúvida alguma, por não entender tais atitudes paternas e sem poder questionar, quis agir da mesma forma, descobrindo sozinho o que levava seu pai a ser covarde. O desafeto foi a marca que ficou evidente nos relatos da autobiografia, a falta de diálogo foi um dos motivos de perceber na obra um narrador autobiográfico visto como uma pessoa intrínseca, sempre voltado para o seu interior.

Na autobiografia, nota-se as estratégias utilizadas para a elaboração das memórias, apresentando as recordações de um menino que lhe proporcionaram experiências negativas, as

quais, consciente ou inconscientemente, podem ser percebidas na vida real do escritor, seja por mera coincidência ou não:

[...] Graciliano era duro na educação dos filhos. “Ele se empenhava para que gostássemos de estudar e ler”, contaria o filho Júnio. “Às vezes, era rígido. Não preparou a lição, comia fogo”. Nos momentos de irritação, batia nos meninos sem piedade, reproduzindo, de certo modo, os métodos de seus pais” (MORAES, 2012, p. 51).

Assim como o narrador deixou claro que quis agir como o pai, ao castigar o moleque José, na vida real, percebe-se semelhante forma de agir do escritor, já que transferiu aos seus filhos exigências semelhantes ao do pai do narrador. Desse modo, Moraes (2012), ao relatar o fato das cobranças que o escritor tinha com as suas crianças, levando a considerar que há reflexos de as experiências na fase infantil podem marcar toda a existência do sujeito, no caso específico, um ciclo do sistema patriarcal.

Nesse cenário, notamos a desconstrução da família perfeita, uma vez que o protagonista cresceu e desenvolveu-se em um ambiente familiar no qual recebeu uma educação rigorosa e sem limites para a violência. A única certeza que teve foi de ser filho de pais autoritários e covardes, principalmente quando descreve a figura materna, que, em um entendimento geral da sociedade, deve ser aquela que protege, zela e acompanha os filhos.

Essa injúria revelou muito cedo a minha condição na família: comparado a um bicho infeliz, considerei-me um pupilo enfadonho, aceito a custo. Zanguei-me, permanecendo exteriormente calmo, depois serenei. Ninguém tinha culpa do meu desalinho, daqueles modos horríveis de cambembe. Censurando-me a inferioridade, talvez quisessem corrigir-me. A outra alcunha era mais insultuosa que a primeira. Lembra-me do jogo infantil e arrelia-me (RAMOS, 2020, p. 156).

Não é muito difícil ter o sentimento de que o protagonista era visto como um ser qualquer e de que sua família, ao invés de construir, desconstruía sua autoestima, diferentemente, das atitudes esperadas de pais tradicionais, tínhamos pessoas autodestrutivas e que abusavam de sua autoridade. Ao ler e analisar *Infância*, deparamo-nos com o oposto do “ideal” no quesito família, pois temos a representação de pais insensíveis, que lutavam contra as dificuldades nordestinas, como a seca e que, ao mesmo tempo, faziam da seca a característica marcante, inclusive, no âmbito familiar. Assim como a seca, devido à falta de chuva, castigava a plantação da fazenda, a secura do relacionamento entre pais e filho, destruiu a infância do narrador-protagonista.

A violência, os maus-tratos, os fatos narrados e os conflitos familiares são a confirmação de que essa foi uma história vivida pelo narrador autobiográfico, como é possível

verificar mais uma vez por meio da carta de Graciliano Ramos a sua esposa, Heloísa de Medeiros Ramos, acerca da elaboração do livro *Infância*:

Um dia desses, no banheiro, veio de repente uma ótima ideia para um livro. Ficou-me logo a coisa pronta na cabeça, e até me apareceram os títulos dos capítulos, que escrevi quando saí do banheiro, para não esquecê-los. Aqui vão eles: Sombras, O inferno, José, as almas, As letras, Meu avô, Emília, Os astrônomos, Caveira, Fernando, Samuel Smiles (RAMOS, 1981, p. 157).

Ao longo da narrativa, identificamos e confirmamos o quanto o narrador personagem falou de si, apresentando, além dos fatos, a busca pelo entendimento de uma história que o fez um homem capaz de transformar ruínas de um passado sombrio em um marco de vida e literário. O trecho da carta supracitado, indubitavelmente, traz a certeza de que fez de suas lembranças um espelho, em que, se via como o sujeito ativo refletido no passado vindo à tona no presente. Outra percepção pode ser em relação às menções de alguns capítulos que foram escritos na autobiografia.

Percebemos que um dos temas mais relevantes de *Infância* é a temática familiar, em que, já no primeiro capítulo “Nuvens”, relata a precariedade da relação familiar, revelando que as mãos finas nunca trataram bem o narrador, ou seja, ele estava acostumado com as grossas e que a ele cabia apenas a imposição e os castigos, o medo que tinha e a sua insignificância perante aos pais.

Por meio da trama, confirmamos que a forma como introduziu sua autobiografia é o retrato de uma família que nos leva a desconstruir a família sagrada, ao delinear as relações interpessoais entre pais e filho, como podemos perceber no trecho a seguir:

Nesse tempo meu pai e minha mãe estavam caracterizados: um homem sério, de testa larga, uma das mais belas testas que já vi, dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam em um brilho de loucura. Esses dois entes difíceis ajustavam-se (RAMOS, 2020, p. 15).

As descrições feitas sobre os pais só confirmam a quão nebulosa era a relação entre eles, pois a falta de ternura para com as palavras ao descrevê-los revela o distanciamento entre pais e filho. Ressaltamos que a caracterização da mãe também nos leva à desconstrução da figura materna, visto que esperamos uma mãe carinhosa, atenciosa e presente. Porém, na situação nordestina daquela época, a seca, muitos filhos e as dificuldades eram agravantes para esse relacionamento frio e de desamor.

Ao falarmos em pai e filhos, não afirmamos que haja apenas momentos bons e satisfatórios, mas apresentamos aqui uma realidade de um eu criança, que nasceu e cresceu em uma família que constantemente parecia rejeitá-lo, como se não o quisessem, principalmente, quando se refere à mãe. Prova disso é que, mesmo no patriarcalismo, como até hoje, temos a figura materna como o suporte – que busca sempre proteger seus filhos –, para ele, foi o inverso, pois sua mãe não o protegia nem lhe demonstrava amor: “Minha mãe tinha a fraqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro-encourado<sup>13</sup> e cabra-cega” (RAMOS, 2020, p. 156).

A rejeição pelo filho fica ainda mais clara quando analisamos a citação anterior, uma vez que, a partir dela, percebemos que a mãe o considerava um bicho e fazia questão de causar-lhe violência psicológica, o diminuindo devido ao problema de saúde nos olhos. Mais uma vez, então, o menino se encontrava na solidão e penalizado pelos próprios pais, entidades das quais esperamos o oposto, mas que, em seu caso, agiram de forma maléfica e desconstrutiva, distanciando-os e criando uma relação de pavor e distanciamento familiar.

Para nós, o capítulo marcante em relação à violência é o quarto, “Um cinturão”, no qual é narrado o acontecimento em que Graciliano Ramos teve o seu primeiro contato com a justiça. O episódio do cinturão demonstra mais um abuso de poder do pai: “Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural” (RAMOS, 2020, p. 35), logo, a ausência de relacionamento intrafamiliar saudável, gerava dor e impotência no narrador. Isso pode ser visto na citação a seguir:

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento (RAMOS, 2020, p. 35).

A arquitetura do capítulo “O cinturão” é composta por duas histórias análogas: as surras que o protagonista recebia do pai e as que recebia da mãe, apesar de tão dolorosas, considerava que aquela recebida pela mãe foi menos frustrante do que a de seu pai devido ao “maldito” cinturão. Relata que, mesmo apanhando covardemente dela com uma corda nodosa e tendo que ser enrolado em panos molhados com água e sal, seria menor a dor do que ainda sentiria.

Na narrativa, o protagonista não quis simplesmente apresentar essa relação violenta entre pais e filhos, mas falar como essa fase lhe marcou, o que lhe provocou sentimentos de

---

<sup>13</sup> “Bezerro encourado é um intruso. Quando uma cria morre, tiram-lhe o couro, vestem com ele um órfão, que, neste disfarce é amamentado” (Ramos, 2020, p. 156).

angústia, opressão e um relacionamento traumático com pais covardes: “Talvez as vergastadas não fossem muito fortes comparadas ao que senti depois. Certamente o meu choro, os saltos, as tentativas de rodopiar na sala como carrapeta eram menos um sinal de que a explosão de medo reprimido” (RAMOS, 2020, p. 39).

O sentimento de dor e a maldade dos pais do menino que, mesmo tendo levado uma surra da mãe, ainda dizia que nada se comparava ao que veio após aquele momento lastimável. Ou seja, embora os maus-tratos fossem constantes, sempre esperando que uma surra fosse pior do que a outra, nada se comparava ao que ele sentia depois de apanhar de sua mãe que, em uma das surras, sofreu interferência da avó materna, fazendo sua mãe demonstrar arrependimentos.

Logo após a avó tomar as dores da criança e recriminar a atitude da filha, o reconhecimento da mãe da criança fez com que a relação amorosa se reconstituísse entre eles e também que a culpa de tamanha dor e marcas físicas fossem colocadas sobre os nós da corda. Isto posto, notamos que o garoto queria que eles reconhecessem o erro e se redimissem perante os atos incrédulos de violência:

Minha avó que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta a afligiu-se. Irritada ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio da minha mãe: o culpado foi o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria causado menor estrago. E estaria esquecida. A história do cinturão, que veio pouco depois, avivou- a (RAMOS, 2020, p. 35-36).

A presença da violência na infância do eu menino marcou significativamente a sua vida do uma vez que essa temática é apresentada em outras obras aos leitores, como no livro *Angústia* (1936), no qual emergem na narrativa lembranças de uma infância de afetos distantes, da falta de horizonte e um desencanto da personagem com a relação a si mesmo e aos outros. Assim, notamos o quanto essas etapas de sua vida deixaram-lhe recordações.

As injúrias, a violência e a injustiça fizeram com que o menino de *Infância* percebesse a sua condição no âmbito familiar, sendo comparado a um animal infeliz, sem proprietário, abandonado, sem amor, maltratado e criado, porque tinha que ser, pois não havia outra maneira. Dá-se aí o motivo de ser tão maltratado, de ter recordações dolorosas de uma infância repleta de dores, censurado a sua inferioridade, tornando-se cada vez mais intrínseco, sofrendo tanto com as agressões físicas quanto com as psicológicas, que fizeram com que o adulto trouxesse a público as suas espantosas e emocionantes lembranças.

Por meio de uma linguagem bem elaborada e concisa, o narrador apresenta a seus leitores capítulos envolventes, não com representações abstratas, mas que foram provenientes

da sua vivência e da observação da realidade. Por isso, tem-se o envolvimento por parte do leitor a cada relato, fazendo com que ele imagine a cena tal qual foi apresentada: “Em literatura, construir cenas é recriar minuciosamente um momento da história, de modo que o leitor tenha a impressão de que o relato nessa hora, se fez em tempo integral”<sup>14</sup>.

Nesse sentido, partindo da citação anterior, em relação ao que foi relatado sobre as cenas de violência sofridas pelos pais, o narrador explicita que quem vivencia, presencia ou até mesmo sente; seja dor, saudade e outros sentimentos, tem a necessidade de dizer como é. Portanto, as cenas e as palavras na obra *Infância* trazem em si fatos de quem sabe o que está falando, o que envolve os leitores em cada etapa da leitura, sendo impossível não adentrar no enredo sem emocionar-se e até mesmo sentir raiva dos atos de uma família cruel que, pelo uso do poder e autoritarismo, proporciona ao filho uma infância com recordações que mereceram ser registradas e, como forma de reflexão, foi por nós estudada.

## 2.2 Graciliano Ramos: o patriarcado como presença

No Brasil, o patriarcado se caracteriza por ter o pai como a figura central, o chefe e administrador da economia e de toda influência social que a família exerce. Dentro da perspectiva patriarcal, nota-se que em *Infância*, o protagonista traz à tona as memórias referentes à perturbação familiar, específica e detalhada, no que tange ao pai, que é apresentado como autoritário, déspota e tirano: “Junto de mim, um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me” (RAMOS, 2020, p. 39). A representatividade do relacionamento intrafamiliar é caótica, marcada pela violência física e psicológica com marcas inesquecíveis ao narrador-adulto.

A proposta aqui é avaliar o patriarcado na vida do narrador autobiográfico, em que a sua educação era focada no autoritarismo paterno, tendo seu pai como o centro de tudo, pois, ao mesmo tempo que detinha o poder familiar e a tomada de decisões, era o dono de uma loja de tecidos, em Quebrangulo, Pernambuco, o que inculcia a ele mais poder. Enquanto isso, sua mãe<sup>15</sup> exercia o papel de dona de casa e submissa, mas tal realidade não a impedia de ter

---

<sup>14</sup> Sabarachi, Lola; Dintel, Felipe. **Como melhorar um texto literário**. BH. Gutenberg, 2014, p. 27.

<sup>15</sup> *Infância* não relata a inserção de dona Maria em atividades extrafamiliares, ao contrário de seu Sebastião que possuía a loja de tecidos Sincera, localizada em Quebrangulo, fechada para adquirir a fazenda Pintadinho, em

também uma conduta semelhante ao de seu marido: violenta e sem afetos ao filho. Em outras palavras, mesmo pertencendo a uma sociedade em que o homem era o centro, a mãe agia tal qual, ou até pior, apresentando uma desconstrução maternal, deixando a criança abandonada, como se não existisse. E essa sensação de abandono é percebida em *Infância*:

Sempre tive inclinação para as crianças abandonadas. No princípio do romance longo achei garotos perdidos numa floresta, ouvindo gritos de lobos. As narrativas de d. Agnelina referiam-se a pequenos maltratados que se livraram de embaraços, às vezes venciam gigantes e bruxas (RAMOS,2020, p. 237).

Nota-se, que por meio de suas lembranças, o narrador apresenta vestígios de um adulto que se viu como criança abandonada, sendo ainda pior, tinha os pais, moravam com eles, mas é como se não existissem. A presença patriarcal estava em todos os momentos, já que, de um lado, o homem era o soberano, o mediador da família com o mundo o qual ensinava e educava como queria, mandava, e quem não obedecesse sofria com rispidez e castigos; e, por outro lado, às mulheres era dada a responsabilidade de amar os filhos, quando o narrador menciona na obra que apesar do vozeirão grosso de vez em quando o sorriso assombroso aparecia. À mãe, também eram dadas características e obrigações, como cuidar da família, da casa, não estudar e nem participar da política e outras decisões da sociedade, ou seja, no patriarcalismo a visão que se tinha da mulher era a de subordinação ao homem.

Na falta de instituições políticas, o patriarca é soberano em suas decisões constituindo a autoridade máxima em assuntos econômicos, jurídicos e políticos sobre seus comandados. [...] A autoridade do chefe é ilimitada, com poder de vida e morte, de reconhecimento ou exclusão econômica, e de arbítrio sobre os destinos de seus comandados (AGUIAR *apud* FLEURY-Teixeira; Meneghel, 2015, p. 270).

Destarte, o trecho acima corrobora com o cenário do sistema patriarcal narrado em *Infância* na figura do pai, isto é, ao homem cabia a mediação da família com o mundo externo, e à mulher as atividades relacionadas à casa e família, nada além disso. Mas em *Infância*, percebemos que as mulheres já começavam a dar pistas de que desejavam mudanças ao serem mencionadas pelo autor como personagens que a ele demonstravam afetividade. A primeira a ser apresentada foi Mocinha, sua irmã natural, e D. Maria, a professora que para ele era a calma e aconchego: “D. Maria escutou-me. Assim amparado, elevei-me um

---

Buíque, sertão de Pernambuco. Ao retornar em 1899 com sua família para Alagoas, ele abre uma loja na vila, em Viçosa. Tais relações, pautadas nos papéis de homem-pai-provedor e mulher-esposa-mãe-dona-de-casa, estavam ancoradas em relações de gênero tradicionais e em uma divisão de papéis bastante clara entre homens e mulheres, fruto da sociedade de então para quem o espaço público e o trabalho remunerado pertenciam exclusivamente ao homem, e o privado e o trabalho doméstico, às mulheres. Não obstante, essas relações se encontram presentes entre até os tempos atuais.

pouco” (Ramos, 2020, p. 138). Notamos que esse apoio que recebia dessas mulheres já trazia ao menino a ideia dos lugares sociais ocupados pelo homem, o papel e a relevância da escrita para eles, bem como os lugares sociais das mulheres e o caráter que a escrita se revestia na sua formação: “E exibiram-me, a preciosidade que exteriorizava o meu progresso [...]” (RAMOS, 2020, p. 139). Entendemos que, devido ao fato de o narrador ter conseguido ler mais fluentemente, conseguiu que seu pai o recompensasse, demonstrando a importância da leitura e escrita que seu pai dizia ser uma arma que o homem poderia ter.

Como podemos notar após a leitura da autobiografia, identificamos que a família de do escritor era patriarcal em presença, ou seja, apresentava características do patriarcalismo, como a soberania paterna e a submissão materna. Sua família se enquadrava entre a transição do patriarcalismo à nuclear burguesa, que foi introduzida no Brasil no final do século XIX. Observemos como se caracterizou a família patriarcal brasileira, para que assim possamos definir a do narrador autobiográfico:

O modelo de estrutura familiar, normalmente chamado patriarcal, confunde-se com a própria história da família brasileira e é também usado como sinônimo de família extensa. A família patriarcal instalava-se nas regiões de imensas unidades agrárias de produção – engenhos de açúcar, fazendas de criação ou plantação de café – e mantinha-se por meio da incorporação de novos membros, preferencialmente parentes, legítimos ou ilegítimos, a extensas clãs que serviam para garantir seu poder (OSTERENE, 2001, p. 60).

De acordo com a citação acima, percebe-se mais uma evidência em relação a presença do patriarcalismo em *Infância*, onde são relatados espaços rurais nordestinos, como por exemplo, do avô do protagonista, sr. Tertuliano Ramos, senhor de engenho fracassado e seu Pedro Ferro, fazendeiro e criador de gado:

Legou-me talvez a vocação absurda para as coisas inúteis. Era um velho tímido [avô paterno], que não gozava, suponho, muito prestígio na família. Possuía engenhos na mata; enganado por amigos e parentes sagazes, arruinara e dependia dos filhos. Às vezes endireitava o espinhaço, o antigo proprietário ressurgia, mas isto, rabugice da enfermidade, findava logo e o pobre homem resvalava na insignificância e na rede (RAMOS, 2012, p. 23).

Meu avô [materno] possuía bois em abundância, espalhados na capoeira, difíceis de juntar. Não os levava ao mercado. Esperava que o marchante viesse buscá-los. Mandava então pegar alguns, mirava-os cuidadoso e determinava o peso: tantas arrobas e tantas libras. Nunca se enganava (RAMOS, 2020, p. 152).

Como é possível perceber nos excertos, entendemos que a família descrita era patriarcal, não apenas pelas circunstâncias de criação de gado ou senhor de engenho, mas



devido à forma de distribuição de rotinas, comportamentos e à distinção das obrigações enquanto membros da família.

O protagonista cresceu e desenvolveu-se em um ambiente em que o seu pai era o retrato de um personagem autoritário e violento, o que não se limitava apenas ao filho, mas a todos que a ele eram submissos: “Os gritos vulgares perdiam-se; os dele ocasionavam movimentos singulares: as pessoas atingidas baixavam a cabeça, humildes, ou corriam a executar ordens” (RAMOS, 2020, p. 32). Logo, o autoritarismo e o poder eram marcas da figura paterna, tanto que essa era visão o narrador:

Hoje acho naturais as violências que o cegavam. Se ele estivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar, soltar a zanga concentrada. Aperreava o devedor e afligia-se temendo calotes. Venerava o credor e, pontual no pagamento, economizava com avareza. Só não economizava pancadas e repreensões. Éramos repreendidos e batidos (RAMOS, 2020, p. 33-34).

Segundo o trecho, verificamos que o narrador busca a compreensão das atitudes violentas de seu pai, assim como explana as mudanças comportamentais dele, demonstrando que era um homem ambicioso, obediente ao chefe político, ao poder econômico e visava lucros, mas o que não lhe faltava eram as repreensões ao filho e, também, às pessoas de seu meio, como Moleque José.

Ao longo da leitura, percebemos que a relação familiar do protagonista, a segura como era tratado e a forma como era educado pelos pais são aspectos relatados no romance *Infância* como uma busca de solucionar incógnitas de sua fase de menino e, até mesmo, um meio para criticar a sociedade patriarcal, dos meados do século XX, da região do Nordeste brasileiro, principalmente, na zona rural pernambucana, onde viveu as suas traumáticas experiências infantis.

Graciliano Ramos conseguiu material para escrever, não apenas *Infância*, mas também outras obras como *Vidas Secas* (1938), na qual cita a crueldade da figura paterna do narrador, que tenta sacrificar a cadela da família chamada Baleia, demonstrando, mais uma vez, um comportamento violento do pai.

As marcas de uma infância conturbada trazem ao autor muitas histórias que, de forma detalhada, são apresentadas aos seus leitores. Em nenhum momento se fala do amor dos pais pelos filhos ou dos filhos pelos pais, pode até ser que encontremos algum teor de admiração, carinho e ternura, o que demonstra reconhecimento a algumas personagens citados como D.

Maria, a quem o narrador autobiográfico dedicou o 17º capítulo da autobiografia para apresentar as suas lembranças com ela:

D. Maria representava para nós essa grande ave maternal - e, ninhada heterogênea, perdíamos, na tepidez e no aconchego, os diferentes instintos de bichos nascidos de ovos diferentes. Nessa paz misericordiosa os meus desgostos ordinários se entorpeceram, uma estranha confiança me atirava à santa de cabelos brancos, alivia-me. Assim amparado, elevei-me um pouco (RAMOS, 2020, p. 138).

Tudo ao menino foi imposto e jamais palavras doces e suaves eram ditas, aprendendo as primeiras letras a partir do posicionamento patriarcal, pois quando o narrador demonstrou dificuldades com a aprendizagem, seu pai foi, de certa forma, o primeiro professor, responsável por apresentar as primeiras letras, as quais, por sinal, causaram pavor, medo, insegurança e até mesmo um empecilho.

Nesse contexto, mais uma vez, o narrador se viu diante do temido pai, o qual o traumatizou em relação à aprendizagem, visto que o estudo estava relacionado a agressões. Por ser assim, o auxílio do pai dificultou a sua aprendizagem e a retardou. Assim, como era acostumado com a rispidez familiar, o narrador, ao ver-se diante de D. Maria, a professora cheia de zelo e paciência, desacreditou mais uma vez que aquilo fosse possível.

No decorrer da análise literária, apresentamos uma das personagens citada como a qual ele se referiu com afeto e chegou a mencionar pela primeira vez as palavras confiança e alívio, uma vez que se descrevia como uma criança que estava sempre aflita e desamparada. Temos um adulto que traz para si diferentes lembranças e que, assim como qualquer ser humano, vai ligando um detalhe ao outro em busca do fato.

A divisão de tarefas eram claras, ao pai ficava a obrigação de manter a família, à mãe zelar pelos filhos, marido e casa, mas infelizmente narrador-protagonista aprendeu e cresceu praticamente sozinho, sempre que tinha uma dúvida necessitava de muitas observações e ajuda dos outros, não tinha suporte familiar, uma vez que o medo era maior do que a coragem, o que o fez ser retraído em diferentes situações. Como exemplo, podemos citar a barreira que encontrou ao aprender a ler e escrever com o pai, e foi influenciado por outras pessoas, principalmente a se convencer de que seria um escritor, ou melhor, romancista.

Em *Infância*, é possível identificar que o protagonista, desde pequeno, já era opinativo e crítico, mas, mesmo não tendo a liberdade de expressar-se, retratou com exatidão os fatos, por meio da sua capacidade observadora, e que já se apresentava fora dos padrões da época patriarcal. Às vezes por presenciar o comportamento hostil do pai, o seu jeito de desmerecer ao outro, julgando e abusando de seu poder para constranger e maltratar não só a ele, mas a

quem julgasse necessário. Enquanto criança, ele nada podia fazer, ou seja, tinha que entender e aceitar a soberania, agir como determinavam e muitas vezes se sentir injustiçado.

A batalha do passar por cada momento narrado pelo escritor traz evidência de que a educação, o conviver e aprender em uma sociedade patriarcal lhe causou muitos infortúnios e o levou a crescer diferente das pessoas daquela época, principalmente do pai, como também não deixou de criticar a outros homens que usavam o poder para se sobressaírem, como religiosos e políticos que não conseguiram despertar sentimentos positivos no narrador autobiográfico. Entende-se que: O significado que as coisas atribuem as suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é experiência[...]" (BOGDAM; BIKLEN, 1994, p.50).

Entender o significado da narrativa sobre eventos que marcam a vida, favorece a aproximação com os sentidos que elaboram para entender seus percursos. Além dessa perspectiva, os aspectos relacionados contam, pois “[...] a investigação que usa narrativas pressupõe um processo coletivo de mútua explicação em que a vivência do investigar se imbrica na do investigado” (CUNHA, 1997, p.192).

As investigações do passado do aprender e ser para protagonista não foram uma tarefa fácil e muito menos prazerosa, visto que aprendeu com opressão e exageros como se fosse um robô, fazia o que lhe impunham como bem determinavam com a presença da tortura patriarcal: “Dentro de algumas horas, de alguns minutos, a cena terrível se reproduziria: berros, cólera imensa a envolver-me, aniquilar-me, destruir os últimos vestígios de consciência, e o pedaço de madeira a martelar a carne machucada” (RAMOS, 2020, p. 120). Em virtude disso, a técnica mais uma vez violenta do pai deixou marcas no narrador adulto, tanto que não se deteve ao apresentar aos seus leitores tais vivências, o que leva a entender que não foi possível esquecer e foi necessário exteriorizar tais acontecimentos como uma forma de desabafo dos eventos de sua vida.

É importante destacar que a vinculação entre erro e castigo era algo comum e normalizado nas escolas da época, já que “[...] as escolas de ensino primário [pareciam] casas penitenciárias, pessoas sem idoneidade ou capacidade comprovada a fundarem escolas, a ausência de qualquer fiscalização por parte do governo" (FLORESTA, 2010, p. 31). Assim, diferente da perspectiva apontada pela escritora e feminista Nísia Floresta, o ambiente escolar que o narrador encontrou era um local de acolhimento, segurança e dialogia que assegurava o bem-estar e o desejo de permanecer: “Conservar-me-ia na aula por gosto. Os meus temores ali se dispersavam, entendia-me bem com aquela gente [...]” (RAMOS, 2020, p. 137).

A forma de demonstrar apreço por essa relação ocorria por meio de um repertório de influência religiosa, o que sugere a relação entre religião e poder público: “Nessa paz misericordiosa os meus desgostos ordinários se entorpeceram, uma estranha confiança me atirava à santa de cabelos brancos, aliviava-me o coração [...]” (RAMOS, 2020, p. 137). Logo, o contato com a professora contribuiu de forma significativa para o avanço, de tal modo que surpreendeu a exigente família diante da leitura de um comunicado escolar:

[...]. Lendo o bilhete em que se pedia um segundo livro, meu pai manifestou surpresa com espalhafato. Houve uma aragem de otimismo, chegaram-me retalhos de felicidade. Ofereceram-me um carretel de linha, mandaram-me comprar uma folha de papel vermelho na loja de Seu Filipe Benício, obtive uma tesoura, grude, pedaços de tábua, e fabriquei no alpendre um papagaio que não voou. No jantar deram-me toicinho [...] (RAMOS, 1994, p. 115).

A surpresa que os pais tiveram ao perceber que o filho conseguiu ler fez com eles o recompensassem com premiações as quais ele quase não desfrutava em dias normais, como sair para brincar, ou seja, ter momentos de alegria e diversão. O garoto sempre foi tratado com menosprezo e, com certeza, visto como incapaz de aprender, uma vez que o seu medo era maior do que a confiança em si.

Para mais, ainda sobre o excerto anterior, notamos o quanto são necessários o incentivo, a empatia e a relação interpessoal entre a família e, claramente, entre professores e alunos, pois o autobiográfico deixa explícito o quanto D. Maria, com a sua serenidade e estratégia, deu a ele a calma, amenizando o pavor em aprender, permitindo que ele se destravasse e conseguisse fluidez da aprendizagem.

As críticas em relação ao ensino, apresentadas pelo escritor, são atemporais, assim como outros temas apresentados na autobiografia, como as desigualdades sociais e econômicas, a questão política, a influência religiosa, os métodos de ensino, a ausência do apoio familiar nas atividades escolares, o uso e abuso de poder e a inadequação das relações humanas. Reafirmamos que em Graciliano Ramos temos um escritor atemporal: seus escritos, além de serem marcos para a literatura, traz a presença da realidade que foi vivenciada em um passado pelo narrador autobiográfico de sua obra, assim como para o povo nordestino. Temos um literato, mas, acima de tudo, um ser humano que se preocupou com o mundo a sua volta, que fez das dificuldades um exercício de reflexão e superação.

Os desafios da alfabetização, ou melhor, do aprender e do ser do narrador, apresentam um conjunto de aspectos marcados por assimetrias entre as relações de adultos e crianças, resultando em submissões e heteronomias, sobretudo, no que se refere ao pai e à mãe. A educação familiar que recebeu, norteadada pelo medo, pela solidão e pelos desafetos, é

explicitada na autobiografia, a qual podemos dizer que é a história das histórias, em que surpreende com a presença do realismo e a explanação de sentimentos de um narrador adulto que relatou travessias conflituosas, ou não, de sua fase de menino até a pré-adolescência com marcas de uma família patriarcal, uma aprendizagem de ser e um conviver de marcas dolorosas, revisitadas e transferidas para o papel com a presença da fabulação das memórias.

### 2.3 O poder e o não poder relatado em *Infância*

Foucault, em seu livro *Microfísica do Poder*, analisa sobre as diferentes formas existentes do poder e desvenda que o poder não possui uma forma única e global, não o olha como algo que possui “essência” (FOUCAULT, 2015, p.12). Para o filósofo o que há é uma manifestação do poder, ou seja, “triunfo sobre o inimigo de derrotá-lo, de reduzi-lo à escravidão” (FOUCAULT, 2008, p. 169).

Em *Infância*, é perceptível essa concepção de poder entre o pai e o narrador autobiográfico, a necessidade e atitudes em desmerecer e reduzir o filho submetendo-o às suas vontades e determinações de dominador: “O homem não me perguntava se eu tinha guardado a miserável correia: ordenava que a entregasse imediatamente.” (RAMOS, 2020, p.37).

Tendo a citação acima como o uso do poder do pai do protagonista para causar-lhe medo e agir com autoridade, apoiamos em que defendia o filósofo Foucault em que o poder dentro da narrativa não é um objeto com essência, mas uma força que internalizada causa danos a quem sofre as consequências de sua manifestação. Essas consequências podem ser encontradas em *Infância*, onde o narrador autobiográfico não mede esforços linguísticos para apresentar situações do uso do poder dos pais como forma de dominação.

O poder se constitui nas relações sociais e interpessoais, assumindo diferentes feições, já que não há uma única maneira de exercê-lo, assim como não existe uma única forma de pensá-lo, ou seja, várias concepções acerca do poder circulam entre nós. Em *Infância*, a caracterização do poder marca, de uma forma negativa, as lembranças do narrador, em que seu pai, de forma abusiva e violenta, faz uso desse recurso como uma forma de autoritarismo, proporcionando medo e momentos de angústia ao protagonista e aos outros que se viam na posição de submissão: “Os fracos se queixavam, os fortes gritavam mandando” (RAMOS, 2020, p. 142).

Deter-se do poder é considerado como algo concreto que todos os indivíduos possuem, podendo alienar-se, ceder-se ou até mesmo transferir a outros, total ou parcialmente. É como se repartíssemos com os outros e, nessa concepção, o exercêssemos dependendo da situação e das pessoas que se relacionam. E percebe-se essa relação de poder em *Infância*:

Espanto, e enorme, senti ao enxergar meu pai abatido na sala, o gesto lento. Habitara-me a vê-lo grave, silencioso, acumulando energia para gritos medonhos. Os gritos vulgares perdiam-se; os dele ocasionavam movimentos singulares: as pessoas atingidas baixavam a cabeça, humildes, ou corriam a executar ordens. Eu era muito novo para compreender que a fazenda lhe pertencia. Notava diferenças entre os indivíduos que se sentavam nas redes e os que se acoravam no alpendre. O gibão de meu pai tinha diversos enfeites; no de Amaro havia numerosos buracos e remendos. As nossas roupas grosseiras pareciam luxuosas comparadas à chita de sinhá Leopoldina, à camisa de José Baía, sura, de algodão cru. Os caboclos se estazavam, suavam, prendiam arame farpado nas estacas. Meu pai vigiava-os, exigia que se mexessem desta ou daquela forma, e nunca estava satisfeito, reprovava tudo, com insultos e desconchavos. Permanente, essa birra tornava-se razoável e vantajosa: curava espinhaços, retesara músculos, cavara na piçarra e na argila o açude que se cobria de patos, mergulhões e flores de baronesa. Meu pai era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso. Não me ocorria que o poder estivesse fora dele, de repente o abandonasse, deixando-o fraco e normal, um gibão roto sobre a camisa curta (RAMOS, 2020, p. 32-33).

O narrador autobiográfico viu-se surpreso ao deparar-se com o pai cabisbaixo, pois era comum vê-lo altivo, aos gritos e insultando os empregados da fazenda Pintadinho, em Buíque. Para o menino, o pai era a própria personificação do poder e, ao deparar-se com ele abatido, percebeu que o poder exercido sobre os seus submissos havia se transformado em submissão naquele momento, confirmando o que defendia Foucault, o poder não é um objeto único, ao entender que o poder do pai sobre as pessoas, estava fora dele, ou mesmo que fora abandonado. O fato relatado ocorreu quando o narrador era criança, entretanto, o ponto de vista e o entendimento só vieram em sua fase adulta, ao escrever suas memórias.

Em diferentes momentos da leitura, é perceptível a presença de poder e do não poder, tanto para a criança, quanto para os adultos. No caso, o pai do narrador, ordenava e era respeitado por aqueles que estavam abaixo dele, como, por exemplo, sinhá Leopoldina, José Baía, os caboclos e os filhos, mas se mantinha obediente ao chefe político, à justiça e, muito provavelmente, a muitos outros sujeitos. E essa hierarquia do poder só pôde ser entendida pelo protagonista na fase adulta, uma vez que, para crianças, não é fácil distinguir diferentes atitudes e ações.

Destacamos um momento da narrativa quando o menino percebe que tem o poder sobre a mãe, ameaçando-a, isto é, ele sobe no degrau da hierarquia familiar, mas volta atrás dessa iniciativa:

[...] dançou com um primo barbado em casa de meu avô. Arrependeu-se, achegou-me ao peito magro, pediu-me que não revelasse a ninguém o desgraçado sucesso. Comprometi-me. Quando nos desavíamos, ameacei-a. Não ligou importância às ameaças: puxou-me às orelhas. Senti a perfídia, mas fui generoso, guardei o segredo. E a paz do casal não se alterou (RAMOS, 2012, p. 167).

Essa citação confirma o que defendeu Foucault:

A condição de possibilidade do poder, em todo o caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, um foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis (FOUCAULT, 1988, p.103).

Em relação ao trecho anterior da narrativa, sobre a mãe do protagonista ter dançado com um primo, ter se arrependido e solicitado ao filho que não contasse a ninguém, nota-se mais uma característica da sociedade em que estavam inseridos, patriarcal, na qual a mulher era submissa ao homem e tinha várias restrições. Por outro lado, vemos que, nessa situação, o narrador estava com o poder em mãos, ou seja, poderia agir tal qual seus pais e causar um reboliço familiar, mas preferiu se embriagar e desafiar a mãe. Assim, como defendeu Foucault, o poder se produz a cada instante na família, nas relações interpessoais, podendo ser transferido às diferentes pessoas em momentos distintos.

O narrador criança se viu diante de uma situação inaceitável da sociedade patriarcal, sua mãe estaria agindo de uma forma indesejável para a mulher da época, seria um desrespeito ao marido. Em uma das cenas narradas, o protagonista se embriaga e desafia a sua mãe: “Minha mãe enferrujou a cara, estirou o braço energético, mas naquele momento eu desafiava as oposições. [...] Ganhei coragem de supetão, os perigos se esvaíram. Fortaleci-me, percebi aliados nas criaturas que me rodeavam” (RAMOS, 2020, p. 44). Essa citação traz uma atitude diferente do narrador, o encorajamento, já que ele rompeu com a relação de obediência aos pais, mais especificamente, impondo-se à autoridade materna, e agindo como um homem do patriarcado.

Mesmo com essa atitude do narrador, não presenciamos na sua obra relatos em que ele abuse do poder, pelo contrário, denuncia e critica a todo instante e mediu esforço para denunciar as desigualdades, o abuso de poder, principalmente familiar, as imposições, a seca, as dores das personagens, que não eram diferentes das suas, trazendo à literatura a sua

infância. Assim, tornou-se uma voz que denunciou as durezas da vida, como ele explica ao longo da narrativa:

Infelizmente não tenho jeito para a violência. Encolhido e silencioso, aguentando cascudos, limitei-me a aprovar a coragem do menino vingativo. Mais tarde, entrando na vida, continuei a venerar a decisão e o heroísmo, quando isto se agrava no papel e os gatos se transformam em papa-ratos. De perto, os indivíduos capazes de amarrar fachos nos rabos dos gatos nunca me causaram admiração. Realmente são espantosos, mas é necessário vê-los a distância, modificados (RAMOS, 2020, p. 19).

Notamos que, mesmo tendo a oportunidade de agir com violência, ou até mesmo de vingar-se, o narrador-personagem agia diferente dos seus pais, pois, para ele, isso não representava poder, além do fato de ele não ter capacidade de ser violento. Para mais, observamos que, para ele, deter-se do poder não era um privilégio, principalmente por conviver com os pais, os quais, em seu ponto de vista, eram poderosos e davam péssimos exemplos. Outro ponto relevante é que o seu pavor para com os gritos e as brigas era tanto, que preferiu manter a paz da família, uma vez que poderia ser punido como ocorreu no caso do moleque José, quando a violência foi transferida para ele.

Ressaltamos como a preferência do narrador pela simplicidade em detrimento do poder, preocupando-se com os que sofriam com o autoritarismo, gerou momentos de crítica àqueles que se consideravam superiores e agiam violentamente, como os seus pais:

Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou-me várias chineladas. Não me convenci. Conservei-me dócil, tentando acomodar-me às esquisitices alheias. Mas algumas vezes fui sincero, idiotamente. E vieram-me chineladas e outros castigos oportunos (RAMOS, 2020, p. 86).

No trecho, é possível verificar a presença do autoritarismo por parte da mãe do narrador, uma vez que, por ser também uma vítima da opressão patriarcal, e representar as mulheres daquela época, ela se utiliza de sua hierarquia como mãe para descontar sua ira naquele que está abaixo dela, o filho. Acerca disso, Heloísa Buarque de Hollanda (2009) afirma, em sua autobiografia *Escolhas*:

Sinto dificuldade em apresentar meu “eu” de forma impessoal ou, mesmo, enquanto expressão de uma unidade peculiar, como nas grandes obras autobiográficas [...] Por algum motivo, não me sinto autorizada a tomar esse partido. Por outro lado, observo que as autobiografias femininas raramente expressam o sentimento de uma singularidade contundente, mas que, com frequência, exploram a experiência de uma identidade compartilhada com outras mulheres, demonstrando uma certa tensão entre esta inflexão específica e sua própria singularidade. Não excluo meu texto dessa regra (HOLLANDA, 2009, p. 31.).



A dificuldade em apresentar a impessoalidade enquanto mulher ainda existe, é notável que várias situações aconteceram e acontecem com mulheres diferentes, como a violência presente nos nossos dias. Tendo como base a citação de Hollanda, dizemos que a mulher do patriarcalismo também era considerada patriarcal pois se via diante de intolerâncias e comportamentos que a levava agir semelhante, como relatou o narrador as cenas de violência de sua mãe para com ele. Agia de tal forma pois detinha o poder sobre o filho, assim com o

Logo, o que apresentamos aqui é a presença abusiva do uso do poder em diferentes momentos narrados em *Infância*, as imposições infundadas: “Tinham-me domado. Na civilização e na fraqueza, ia para onde me impeliam, muito dócil, muito leve, como os pedaços da carta A B C, triturados, soltos no ar” (RAMOS, 2020, p. 129).

Em suma, entender Graciliano Ramos é um exercício de leitura, estudo e análise, no qual o leitor deve estar preparado para experimentar um caráter vivencial da linguagem, como afirma Antônio Candido (2006, p. 17):

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito da jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isso percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e sentir.

Antonio Candido afirma que, para ler Graciliano Ramos, é necessário aparelhar-se do espírito da jornada, é entender e estar atento às suas características ao apresentar as suas emoções e experiências vividas. Temos, portanto, em *Infância*, uma criança sem voz, que se via impotente e inútil, mas que se tornou um adulto crítico diante das dificuldades.

Por conseguinte, destacamos como o narrador-protagonista demonstrou força ao romper com o ciclo de violência, não colocando em prática o que aprendeu com o exemplo dos pais, sendo um poderoso sem limites para as suas ações; pelo contrário, ele nos convenceu que é possível transformar, superar e surpreender-se sem violência.

Enfim, o não poder presente na infância do narrador autobiográfico na obra *Infância*, não o impediu de alcançar seus objetivos, foi persistente e, apesar de julgar-se fraco, demonstrou ser uma fortaleza, superando a opressão, a violência, os medos, as dificuldades em aprender e de ser, proporcionando a nós, leitores e estudiosos, o exemplo de que a literatura atua com poder em diferentes âmbitos.

Ser um literato proporcionou ao escritor o poder que não tinha e que muito claramente foi relatado na autobiografia por meio das memórias de um narrador autobiográfico adulto

que adquiriu o direito de apresentar o seu ponto de vista, de criticar o que não lhe agradou de falar em nome daqueles que viam como fracos e inferiores, de ser opositor às injustiças sofridas pelo abuso do poder daqueles que o detinham, por representar uma personagem de uma época em que ser , crescer e aprender foi à base de castigos, violência, punições e desigualdades, representando ele mesmo e as suas personagens , possuindo uma voz que denuncia e captura as durezas da vida.

### 3- MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

*A vida tem duas faces:  
Positiva e negativa  
O passado foi duro  
mas deixou o seu legado  
Saber viver é a grande sabedoria  
Que eu possa dignificar  
Minha condição de mulher  
Aceitar suas limitações  
E me fazer pedra de segurança  
dos valores que vão desmoronando.  
Nasci em tempos rudes  
Aceitei contradições  
lutas e pedras  
como lições de vida  
e delas me sirvo  
Aprendi a viver. (Cora Coralina)*

O objetivo deste capítulo é refletir sobre a temática infância, família e escola na obra de Graciliano Ramos, intitulada *Infância*, que por meio de memórias fragmentadas o narrador-autobiográfico, adulto, busca reconstruir o seu passado como estratégia de compreensão, exteriorização de sentimentos e influências sociais que sofreu almejando a restauração da memória. Iniciamos este capítulo introduzindo uma epígrafe de Cora Coralina, que diz ter sido dura a vida, mas fez de suas dificuldades a superação, como pode ser percebido na autobiografia analisada e já mencionada.

#### 3.1- *Infância* – Um copilado de memórias

Alguns autores consideram *Infância* como um romance de memórias, outros como romance de formação. Ainda que o nome do narrador-personagem-autor não fora citado no livro, é sim uma autobiografia por ser narração retrospectiva. Há, também, uma identidade pessoal (do autor) e narrativa (do narrador) que são projetados no contexto. O narrador do livro *Infância* é um adulto que rememora suas experiências de criança e descreve sua formação, por meio da interação com as pessoas e os instrumentos culturais próprios de sua época.

As memórias são fios invisíveis que costuram o tecido da nossa existência, entrelaçando passado e presente. Na obra *Infância*, o leitor é levado a entender uma infância

incomparavelmente diferente da infância contemporânea pois não era tempo de consumo e de massificação dos valores. Pelo contrário, era a vivência dos acontecimentos cotidianos com intensidade que os fazia únicos, formadores e inesquecíveis. As memórias narradas no livro retratam um processo de constituição subjetiva onde é possível adentrar nos recônditos da infância do narrador, de um tempo marcado por descobertas, desafios e a construção da identidade.

Há muito poucas palavras para definir a criança no passado. Sobretudo no passado marcado pela tremenda instabilidade e a permanente mobilidade populacional dos primeiros séculos de colonização. "Meúdos", "ingênuos", "infantes" são expressões com as quais nos deparamos nos documentos referentes à vida social na América portuguesa. O certo é que, na mentalidade coletiva, a infância era, então, um tempo sem maior personalidade, um momento de transição e por que não dizer, uma esperança. (PRIORE, 1999).

No Brasil-Colônia tínhamos muitas restrições também para as crianças, a rotina delas não era apenas brincar e estudar. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, já tinham crianças índias e filhos de escravos, que ao completar seis anos, já eram colocadas para trabalhar. Além de ser a preocupação maior o disciplinar da criança e, para aqueles que eram filhos de branco e detinham de uma condição financeira melhor, o propósito maior era frequentar a escola ou estudar em casa. Como pode ser identificado em *Infância* por meio dos relatos do narrador autobiográfico ao se referir ao tratamento que recebera de seus pais, mais especificamente do pai, como também de professores e personagens retratadas na narrativa.

Por meio das palavras entrelaçadas pelo escritor alagoano, os leitores são transportados para um universo nostálgico, onde as lembranças assumem contornos literários e ganham vida própria. Este mergulho nas memórias do narrador revela não apenas um olhar retrospectivo sobre sua própria vida, mas também proporciona uma compreensão da sociedade e dos cenários que moldaram sua visão de mundo. Nesta jornada pela infância, será possível desvendar não apenas os eventos que moldaram sua formação, mas também a forma como essas recordações o influenciou, conferindo à obra um caráter singular e atemporal. Paul Ricoeur, ao falar sobre a relação memória, história e esquecimento, atenta-nos para o fato de que a memória e o esquecimento são elementos importantes para a construção de uma história e são as escolhas do historiador que vão definir esta construção.

As memórias emergem entre o lembrar e o esquecer vai nos possibilitando identificar que suas lembranças de menino o marcaram e deixaram vestígios de uma infância com

desafios no âmbito familiar, na escola e no meio onde estava inserido, como as dificuldades econômicas e os desafios de uma infância permeada pela seca nordestina

Ao explorar as memórias da infância na autobiografia, já mencionada, nota-se que há um a relação de um caleidoscópio de sentimentos e experiências, onde as lembranças tornam-se a matéria-prima para a construção de personagens, cenários e reflexões que ecoam por meio do tempo: “Começaram pouco a pouco a localizar-se, o que me transtornou. Apareceram lugares imprecisos, e entre eles não havia continuidade. Pontos nebulosos, ilhas esboçando-se no universo vazio” (RAMOS,2020, p. 11).

Na passagem mencionada, o autor de *Infância*, utiliza uma linguagem simbólica para expressar a dificuldade do narrador-autobiográfico em se encontrar em um lugar onde não tinha boas recordações, e ao retornar ao seu passado, depara-se com lembranças que o deixava desconcertado. A ideia de "localizar-se" pode ser interpretada como a tentativa de reportar-se ao passado aos locais onde passara sua infância, assim como tudo que fizera parte dela. No entanto, a presença de "lugares imprecisos" e a falta de "continuidade" sugerem a instabilidade, a incerteza das rememorações daquela época de menino. Os "pontos nebulosos" e as "ilhas esboçando-se no universo vazio" evocam uma sensação de isolamento e desolação, ressaltando a difícil condição de vida enfrentada por ele diante daquele cenário e lança um olhar para o seu passado buscando repensar, reconstruir momentos e fatos vivenciados. Dentro desse contexto Kenski afirma:

No entrecruzamento de passado e presente, é possível afirmar que o valor da lembrança original não é mais o mesmo. *“Recupera-se o passado vivido no presente, então, ele se descaracteriza como realidade. Não se está no passado, mas no contexto existente no momento presente e, de alguma forma, a lembrança é relativizada pelas condições atuais em que ela é recuperada”* (KENSKI, 1997, p:145).

Ao descrever os fenômenos mnemônicos por meio da linguagem, o narrador autobiográfico conta uma história. Uma história permeada por recuperações e reconstruções do passado que conferem à sua memória um caráter ficcional (BOSI, 1994). A rememoração nos permite retornar ao passado com os elementos subjetivos do presente e neste retorno, é provavelmente a reconstrução dos nossos valores, desejos, medos e quaisquer outras especificidades que nos tornam sujeitos únicos e inacabáveis.

A cada fato narrado, vem à tona as lembranças que marcaram e também constataram que o narrador foi influenciado por fatores, incluindo aspectos pessoais, familiares, culturais, sociais e ambientais. Em resumo, apresenta que a sua formação da identidade individual e social foi um processo dinâmico e multifacetado, influenciado por diferentes fatos que vão sendo relatadas no decorrer da narrativa.

O narrador autobiográfico apresenta uma narrativa que destaca aspectos da vida cotidiana, das relações familiares e das condições sociais da época, e por meio de algumas características notáveis relata suas memórias em *Infância*. Com objetividade e realismo descreve os eventos e personagens de sua infância de maneira direta e sem grandes adornos, oferecendo uma visão clara e vívida do ambiente em que cresceu. Apresenta foco na vida rural, dedica atenção especial ao interior do Nordeste brasileiro. Ele descreve as paisagens, as atividades agrícolas e os costumes locais: “As sertanejas do Nordeste entorpecem os filhos à noite com uma garapa de vinho forte” (RAMOS, 2020, p. 45). O autor descreve os detalhes dos locais e proporciona aos leitores uma imersão na atmosfera do lugar.

As memórias relacionadas às relações familiares, em especial às experiências com seus pais e irmãos, são exploradas de maneira íntima, abordando os desafios, as alegrias e as tensões que permeavam sua vida familiar: “Nunca usara franqueza com meus parentes: não me consentiam expansões” (RAMOS, 2020, p. 285). Nota-se que não havia um bom relacionamento entre os parentes, entretanto, a relação era bem limitada, sem a presença de afetividade como bem já foi mencionado em nosso trabalho.

O narrador também relata suas lembranças quanto às dificuldades sociais e econômicas enfrentadas por sua família e pela comunidade em que cresceu, apresenta as suas percepções sobre a pobreza, as limitações educacionais e outros aspectos socioeconômicos da época.

As reflexões sobre a infância explicitada na obra de Graciliano Ramos, além de simplesmente relatar os eventos, também faz reflexões sobre a natureza da infância, as descobertas, medos e alegrias da personagem protagonista, onde explora o desenvolvimento pessoal e as influências que o moldaram desde cedo.

A apresentação das memórias ocorre por meio de uma escrita reflexiva, em que explora as situações, personagens e eventos que marcaram a formação do narrador. As lembranças são dispostas de maneira não linear, como fragmentos que se entrelaçam para compor o quadro completo de sua infância: “O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar

fatos a que atribuo realidade.” (RAMOS, 2020, p. 30). E no embalo das lembranças o escritor vai apresentando os momentos revisitados do passado do narrador menino:

No entanto, ao longo do desenvolvimento, as relações interfuncionais que envolvem a memória vão se transformar na medida em que a linguagem introduz modificações substantivas no processo de memorização. No momento em que a memória passa a ser mediada pelos signos linguísticos, a lembrança é obtida com a ajuda de uma série de operações psíquicas que podem não ter uma relação direta com o processo mnemônico. Ele é moldado por uma lógica na qual memorizar se: “reduz a estabelecer e encontrar relações lógicas e lembrar consiste em buscar um ponto que deve ser encontrado” (VYGOTSKY, 1998b, p. 46).

Corroborando com Vygotsky tem-se *Infância*, um narrador autobiográfico que busca as relações que envolvem a sua memória: “De repente me vi apeado, em abandono completo, num mundo estranho, cheio de casas, brancas ou pintadas, sem alpendres notáveis” (RAMOS, 2020, P.49). A busca por pistas que estabeleçam sentido no que foi revisitado decorre durante toda a narrativa em que mira em um ponto o qual quer que seja reencontrado: “Procurei Amaro e José Baía, de balde” (idem, p.49). Citação que comprova a busca do narrador por meio de suas memórias, reconstruir o seu presente.

Graciliano Ramos por meio da narrativa memorialística mostra que as lembranças e memórias estão diretamente relacionadas a questões identitárias como bem afirma Jean Candau, em seu livro *Memória e Identidade (2011)*: “não pode haver identidade sem memória (assim como lembrança e esquecimento) porque somente está presente à autoconsciência da duração [...]. Por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem a priori, um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para ele” (CANDAU, 2011, p. 219).

O antropólogo Candau, argumenta que a identidade de um indivíduo, de uma comunidade ou mesmo de uma sociedade é moldada e sustentada por suas memórias. O entendimento da própria existência, a formação de laços sociais e a construção de narrativas individuais e coletivas dependem, em grande medida, da capacidade de recordar e interpretar o passado. De acordo com o que defende o antropólogo, entende-se que o narrador ao narrar a está sustentado pelas suas memórias individuais e também as coletivas:

Organizou uma sociedade teatral e quiseram colocá-la sob o patrocínio de João Caetano; mas o Major Pedro Silva, senhor de engenho, ofereceu aos amadores uma casa que se arruinava no Juazeiro, defronte da cadeia, e a instituição recebeu em consequência o nome de Escola Dramática Pedro Silva (RAMOS, 2020, p. 261)

A história de vida é formada pela interação de diversos elementos ao longo do tempo. Essa narrativa pessoal é única para cada indivíduo e moldada por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. No entanto, é percebido em *Infância*, um copilado de lembranças em que o protagonista vai arquitetando sua narrativa apresentando pessoas, lugares, momentos e, por fim, as memórias de uma infância nostálgica. Como percebe no trecho citado, a construção identitária do narrador está relacionada aos aspectos tanto biológico quanto social.

Durante o desenvolvimento da escrita da narrativa, nota-se que a memória não é apenas um depósito passivo de informações, mas desempenha um papel ativo na sua construção e reconstrução contínua da identidade. Lembranças e esquecimentos se entrelaçam: “Esqueci o resto” (RAMOS, 2020, p. 17). Em *Infância*, o lembrar e o esquecer vão influenciando a forma como o protagonista vai se percebendo e relacionando com o mundo ao seu redor, levando a entender que a memória, nesse contexto, não é apenas um arquivo estático, mas um processo dinâmico que contribui para a nossa compreensão do presente e para a projeção do futuro.

Le Goff (2013), também aponta alguns elementos importantes para o estudo da memória:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p.435).

De acordo com o que afirma Le Goff, quem tem história, tem poder, não nos referimos meramente a status, não é sobre isso, mas sim como percebe-se na escrita de *Infância*, por meio das memórias do narrador pôde elaborar uma obra que traz muito de si e do outro, e, conseqüentemente, mostrar o poder da sua escrita, confirmando que sem a capacidade de recordar experiências passadas, a continuidade do eu e a compreensão do coletivo seriam comprometidas. As lembranças não apenas nutrem a identidade, mas também influenciam as escolhas individuais e coletivas, moldando a percepção de pertencimento e a construção de



narrativas culturais. A memória coletiva é apresentada não apenas como uma conquista, mas também como um instrumento e um objeto de poder. Isso implica que o controle sobre a narrativa do passado pode conferir poder àqueles que o detêm.

Sem memórias não há história, no entanto, se a construção de histórias é um recurso para a continuidade, a literatura não poderia ficar fora, por ser uma área plurissignificativa, que vai do real ao imaginário, onde a liberdade linguística se faz presente para surpreender e deixar registros: de vida, de arte, da cultura, do social ou individual, assim não é estática, mas contínua, evitando que as histórias desapareçam.

Como exemplo da importância da escrita literária temos o nosso trabalho que visa o estudar e conhecer sobre a vida e obra de Graciliano Ramos, que mesmo após muitos anos tem sua narrativa autobiográfica sendo objeto de pesquisa, como forma de continuidade de seu trabalho e a necessidade de confirmar o que o narrador autobiográfico disse em *Infância*: “Mário Venâncio me pressagiava bom futuro, via em mim sinais de Coelho Neto, de Aluísio Azevedo- e isto me ensoberbecia e alarmava” (RAMOS, 2020, p.268). Trazemos um trecho em que narrador relembra quando começou a escrever e um dos maiores incentivadores, Mário Venâncio, já sabia que era habilidoso e teria futuro.

Tendo como suporte Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva*: “O autor aí demonstra que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 1968, p. 9 -10).

O trecho destaca a importância dos quadros sociais reais como ponto de referência na evocação e localização das lembranças, ressaltando que é impossível entender adequadamente o problema da memória sem considerar os contextos sociais específicos. Em resumo, ressalta a inseparabilidade da memória dos quadros sociais reais, enfatizando que a compreensão da memória deve levar em consideração os contextos sociais específicos nos quais as lembranças são evocadas e localizadas. Como bem fez o protagonista, do social ao individual para se situar em um presente como marcas de um passado que o influenciou não apenas para a escrita, mas como cidadão que enxergava as incoerências da vida - política, igreja, educação, família - como contextos sociais que fornecem as bases para a sua compreensão e interpretação das experiências passadas como inspiração: “A lembrança motivara a associação” (RAMOS, 2020, p.282). E como bem escreveu em sua autobiografia que o ato de suas lembranças o possibilitou associar e registrar as suas primeiras impressões de vida.

Graciliano Ramos demonstrou ser sensível às questões sociais de seu tempo, e essa preocupação reflete em suas obras literárias, identificamos facilmente o olhar social que tinha ao apresentar um narrador protagonista que desde menino obtinha o desejo de transformação, não apenas interiormente, mas sim, a todos que estavam a sua volta, e o fez rememorar sobre a cidade para onde se mudou com a sua família e apresentar a sua percepção sobre as pessoas e o local, como percebe-se na citação a seguir:

Buíque tinha a aparência de um corpo aleijado: o largo da Feira formava o troco; a rua da Pedra e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, galgando um monte; a rua da Cruz, onde ficava o cemitério velho, constituía o braço único, levantado; e a cabeça era a igreja, de torre fina, povoada de corujas. Nas virilhas, a casa de seu José Galvão resplandecia, com três fachadas cobertas de azulejos, origem de imenso prestígio de meninos esquivos: Osório, taciturno, Cecília, enfezada, e d. Maria, que pronunciava *garafa*. Na coxa esquerda, isto é, no começo da rua da Pedra, o açude da Penha, cheio de música dos sapos. Tingia-se de manchas verdes, e no pé, em cima do morro, abria-se a cacimba da Intendência. Alguns becos rasgavam-se no tronco: um ia ter à lagoa; outro fazia um cotovelo, dobrava para o Cavalão-Morto, areal mal-afamado que findava no sítio de seu Paulo Honório; no terceiro as janelas do Vigário espiavam as da escola pública, alva, de platibanda, regida por um sujeito de poucas falas e barba longa, semelhante ao mestre rural visto anos atrás. Essa presença me deu a convicção de que todos os professores machos eram cabeludos e silenciosos (RAMOS, 2020, p.53-54).

Com base no que afirmamos sobre as memórias em *Infância*, encontramos um narrador que faz questão de uma descrição detalhada de cada fato rememorado, a apresentação de várias pessoas que fizeram parte do seu passado e que são mencionados nos capítulos da autobiografia confirmando que a memória está ligada às questões identitárias vivenciadas na infância do protagonista, assim como, o relacionamento de seu círculo familiar, social e os espaços em que viveu questões pertinentes para a sua identificação do ato da enunciação.

O narrador-autobiográfico não poupou palavras e nem estilo para trazer aos seus leitores o realismo, criticidade e autenticidade ao relatar suas experiências de um passado conturbado, com lembranças marcantes para a vida, tanto que deixou para nós uma das obras mais bem elaborada, segundo diferentes críticos. Graciliano Ramos por intermédio da literatura faz com que o leitor compreenda a imaginação literária e realidade do mundo, possibilitando o reconhecimento das questões da sociedade e do lugar que o homem assume nela. Dentro desta perspectiva entre realidade, memória, vida e imaginação Antonio Candido diz:

O passado, trazido pela memória efetiva, oferece farrapos de seres contidos virtualmente no seu início, que se tornou, dentre tantos outros possíveis, apenas o eu insatisfatório que é. Ora, o passado é algo ambíguo, sendo ao mesmo tempo a vida que se consumou [...] e o conhecimento da vida, que permite pensar outra vida mais plena (CANDIDO, 1977, p.99).

Para Halbwachs:

E nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p.25).

De acordo com Antônio Candido, o narrador de *Infância* vai sendo contemplado no mundo e ao mesmo tempo criando uma relação com este. Contemplação esta, que se dá no presente, olha para o passado e permite pensar que a vida é um pouco mais ampla. Ao mencionar o “eu insatisfatório” tem-se mais uma confirmação dessa citação estar relacionada aos relatos do narrador, memórias que demonstram insatisfação e fatos que lhe causaram dores e marcas inesquecíveis do tempo de criança: “Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou várias chineladas. Não me convenci. [...] E vieram-me chineladas e outros castigos oportunos” (RAMOS, 2020, p. 87). As lembranças apresentadas representam o quão maltratado era, a insignificância que tinha perante a sua família e as lembranças de um menino que teve várias ausências no âmbito familiar e vivências em seu meio e pessoas diferentes.

Halbwachs defende a ideia de que o primeiro nível de testemunho ao qual o indivíduo tem acesso se dá na relação consigo mesmo, confrontando uma visão atual com as experiências vividas, pessoas do passado ou com opiniões formadas anteriormente, com o apoio de depoimentos e participação de outros: “Os padres ensinavam que era assim” (RAMOS, 2020, p. 85). No decorrer da narração, nota-se que o narrador buscou no que ouviu e aprendeu com pessoas diferentes, o que relata em suas memórias.

A experiência vivida ou reconstituída pelo testemunho do narrador, as marcas coletivas fazem com que as memórias apresentadas tenham um vínculo com a sensação de identidade dos sujeitos: “Quando o meu pai tinha irado bastante, segurou o moleque, arrastou-o à cozinha. Segui-os, curioso, excitado por uma viva sede de vingança” (RAMOS, 2020, p.94).

No entanto, confirmamos por meio do trecho acima que as lembranças não eram apenas referentes ao narrador, foram apresentadas para demonstrar que não apenas ele sofria com os maus-tratos, mas era um problema da época e da sociedade que estava inserido. Nesse relato, é apresentado a violência contra o moleque José, que pode ser a representatividade da forma como os senhores tratavam, seus empregados. Ademais, por meio desta, entende-se que

a literatura pode se destacar pelo caráter coletivo da memória, como fez o narrador autobiográfico ao buscar sua recordação, por meio das lembranças associadas a indivíduos e coisas que povoaram a sua infância.

Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei o meu pequeno mundo incongruente. Às vezes as peças deslocavam- e surgiam estranhas mudanças. Os objetos se tornavam irreconhecíveis, e a humanidade, feita de indivíduos que não me atormentavam, perdia os característicos” (RAMOS, 2020, p.21-22).

No decorrer da narração e apresentação dos fatos, o narrador vai deixando claro a sua tentativa em relatar o mais verossímil possível cada lembrança, o que não exclui a fabulação, e que de uma forma bem dinâmica expressou a importância dada às pessoas e aos lugares que intermediam ativamente a sua memória. O destaque dado a cada parte que constitui as suas memórias é distinto, algumas delas mais relevantes, e outras nem tanto, chegando a ser desprezíveis: “Deve ter contribuído também para a desconfiança que a autoridade me inspira” (RAMOS,2020, p.262).

O narrador deixa claro que o uso da autoridade dos pais e de outras personagens citadas foi o motivo de se tornar alguém que evitava rodeios, era direto; como pode ser percebido em suas entrevistas (grifos nossos), intrínseco, contra as injustiças sociais e o abuso de poder, principalmente pelo poder que seu pai detinha sobre ele. Outro fato que muito lhe afligira era as condições precárias do nordestino e que não pôde ser esquecido: a seca, a fome e a desigualdade social econômica: “Aí se arrastavam as criaturas famintas e sujas que vendiam na feira cestos de imbu e caça miúda. Em tempo de escassez viviam disso, e como a escassez era frequente, emigravam, finavam-se na miséria” (RAMOS, 2020, p.172-173).

Dentro do contexto memorialístico, *Infância*, é um copilado de memórias de um narrador autobiográfico nordestino que presenciou, vivenciou e denunciou as durezas de sua vida e do outro, (as personagens retratadas na obra) como percebe-se na citação acima. Dessa forma, o escritor pode ser entendido como um literato que não almejou apenas escrever, mas demonstrou fazer uma literatura comprometida e realista, retratando a vida tal como ela é, com base na criticidade da sociedade. Entende-se que ao rememorar cada fato e até mesmo fabulá-lo, foi intencional para que assim apresentasse aos seus leitores de forma mais próxima da realidade.

No decorrer da leitura de cada capítulo, observamos que apesar da tentativa de apresentar histórias de sua vida, o narrador autobiográfico vai além, não é mera rememoração

de uma meninice sofrida, *Infância* é a narrativa de um aprendizado tanto ético quanto estético, em que o ele relembra e reconstrói o menino que fora e as marcas que nele foram deixadas: “Não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz” (RAMOS, 2020, p. 37).

O narrador-autobiográfico foi juntando cada detalhe lembrado e até fabulado em busca da construção do seu eu do presente, relatando e afirmando que sua infância não fora fácil, violência e desafeto eram presentes em quase todos os momentos.

Quando se pensa em lembranças vários são os fatos que nos vêm à mente, mas são aqueles que realmente marcaram os mais fáceis de serem rememorados. Como exemplo, o quando o narrador apresenta: “José deu-me várias lições. E a mais valiosa marcou-me a carne e espírito. Lembro-me perfeitamente da carne” (RAMOS, 2020, p. 93). No entanto, entende-se que fatos ocorridos vêm à tona em diferentes situações, seja por meio de imagens, locais ou até mesmo por pessoas que faça voltar ao passado com as suas histórias, uma vez que se tem história, tem memórias, tem coletividade. Em *Infância*, tem-se um copilado de memórias que por meio da leitura faz com que haja identificação entre o real e o imaginário por meio de uma construção linguística envolvente,

Para a compreensão entre história, identidade, coletividade e memórias Halbwachs afirma:

Meus pais, como todos os homens, eram desse tempo, e da mesma maneira seus amigos, e todos os adultos com os quais eu estava em contato nessa época. Quando eu quero imaginar como vivíamos, como pensávamos nesse período, é para eles que se volta a minha reflexão. É isso o que faz com que a história contemporânea me interesse de uma ou de outra maneira como a história dos séculos precedentes. Certamente não posso dizer que me lembre dos detalhes dos acontecimentos, pois não os conhecia senão pelos livros. Mas, à diferença das outras épocas, esta vive em minha memória, já que nela fui mergulhado, e que toda uma parte de minhas lembranças de então não é dela senão um reflexo (HALBWACHS, 1950, p.59-60).

A citação acima, nos possibilita entender que a pessoas não constrói sua história sozinha, mas traz marcas do passado, ou seja, é impossível aprender, viver e se identificar sem olhar para o meio em que esteve inserido e, principalmente a família, para ser mais específico, os pais. Para o narrador enquanto criança, mencionara ter vivido em um lugar onde se viu crescer como um animal, descaso familiar para com ele, a forma como era tratado, fez com ele relatasse em *Infância* as mais variadas recordações. Segundo Halbwachs, para que o personagem imagine como viveu, é para os pais e outros adultos os quais teve vivências que se deve recorrer.

O narrador autobiográfico retratou, baseando-se nas pessoas que fizeram parte de sua vida, o que influenciou negativamente ou positivamente - pais, amigos, professores e religiosos. Uma das observações a serem feitas é o fato de todos terem nomes apresentados na obra, menos seus pais, o que provavelmente representa o distanciamento familiar, não insignificância propriamente dita, mas que o descaso deles para com o menino era tanto, que pode ter influenciado na decisão de não nomeá-los: “[...] meu pai me descobriu acorocado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou -me dali violentamente” (RAMOS, 2020, p.36).

A descrição dos pais ocorre com desafeto, a escrita subjetiva de sentimento de desprezo, falta de diálogo e covardia o fez demonstrar que perante aos pais era um ser indesejável e insignificante, não apresentando em nenhum momento receber amor de seus pais. Encontrou carinho e reconhecimento em algumas pessoas deixando claro ao descrevê-los e também por dedicar-lhes capítulos em sua autobiografia, como o vigésimo segundo capítulo, *José Leonardo*, em que diz: “Foi o sujeito mais digno que já vi” (RAMOS, 2020, p.171). Segundo o narrador-autobiográfico, esse foi um dos poucos personagens que ele apresentou qualidades e benefícios que lhe trouxera:

Fiz numerosas perguntas a José Leonardo, e ele nunca se espantou. Às vezes hesitava, procurava-me na cara o sentido da frase obscura. E a informação vinha, natural e paciente. Sem me haver impressionado em demasia, esse homem deixou-me lembrança que se estirou e me dispôs a sentimentos benévolos (RAMOS, 2020, p-175).

As informações explicitadas na citação, afirma que o narrador tinha apreço a José Leonardo e que descrição dada a ele se destoa de outros apresentados anteriormente na autobiografia: “Conservo impressão de que José Leonardo, sem se apressar, fazia tudo direito: funcionava como um relógio, as rodas movendo-se regulares, os ponteiros indicando certo número de deveres” (RAMOS, 2020, p.171). Para o narrador, o personagem citado é visto como uma pessoa justa, calma e equilibrada, o que o diferencia das demais pessoas que faziam parte do meio onde estava inserido.

Em *Infância*, mostra que mesmo se tratando de lembranças da infância, não vale apenas ressaltar as que foram pessoais, como escola, família e amigos, como também deve-se considerar a memória histórica, em que possibilita adentrar e conhecer o meio onde a vida já se desenrolava, não apenas em contato com o eu, mas com o outro, com o grupo e proporciona o entendimento de que não é na história aprendida que se apoia a nossa memória, mas na vivida.

A concepção de Halbwachs sobre o lugar da memória coletiva nos processos históricos foi assim sintetizada por Cardini (1988):

(...) a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, refunda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido<sup>16</sup>

Cardini confirma o que é observado na literatura de Graciliano Ramos, onde ao estudar sua obra percebe-se que o narrador autobiográfico fez menção a diferentes personagens, locais e memórias, provando que sozinho não se faz história, que o passado estará no presente por meio das lembranças individuais e coletivas. Confirma a ideia de a vivência ser uma ponte para a lembrança, pois, torna-se perceptível que ao escrever, o narrador, descreveu e relatou vivências tornando *Infância*, uma obra que dá a sensação de realismo e conhecimento em cada fato apresentado, pois a forma de apresentá-la remete aos seus leitores a impressão de que representou a sua história. Importante ressaltar que a verossimilhança<sup>17</sup> pode ser definida como interna e externa<sup>18</sup>.

Vale importante ressaltar que a literatura de Graciliano Ramos era feita a partir de uma visão diferente, pois ele captava a realidade com um olhar para dentro; e outro para fora. Essa visão dupla, de acordo com Sérgio Antônio Silva, no seu livro, *Papel, penas e tinta: a memória da escrita em Graciliano Ramos*, favorece a percepção de que o exterior e a subjetividade estabelecem diferente forma de narrar o mundo. Essas visões não se opõem, mas se realizam ao mesmo tempo. Um não elimina o outro, ao contrário, para Graciliano Ramos, o mundo subjetivo baseava-se no mundo objetivo. “Sem dúvida todo escritor tem como matéria-prima sua vida, com seus 80 percalços, desejos, fantasias e temores, e, em Graciliano, seria empobrecedor ler sua obra sem levar em conta como seus fantasmas, como ele próprio designa, passam para o corpo de sua escrita”. (BRANDÃO apud SILVA, 2012, p.15)

---

<sup>16</sup> CARDINI, F. Un sociologo al Santo Sepolcro. In: HALBWACHS, M. Memorie di Terrasanta. Venezia, Ed. Arsenale, 1988. p. vii-xxiv. CARDINI, F. Un sociologo al Santo Sepolcro. In: HALBWACHS, M. Memorie di Terrasanta. Venezia, Ed. Arsenale, 1988. p. vii-xxiv.

<sup>17</sup> Ligação, nexos ou harmonia entre fatos, ideias etc. numa obra literária, ainda que os elementos imaginários ou fantásticos sejam determinantes no texto; coerência.

<sup>18</sup> Verossimilhança Interna: percebida pela própria estrutura da obra, pela coerência dos elementos que a estruturam. Verossimilhança Externa: percebida no mundo real, confere ao mundo imaginário a percepção de realidade. <https://www.dicio.com.br/verossimilhanca/>

Graciliano Ramos consegue captar os problemas sociais com seu olhar para fora e registrar experiências, dando senso de veracidade ao que se propõe escrever com seu olhar para dentro. Desses olhares são advindos muita verdade e compromisso com a realidade, e o indivíduo inserido nela, é amarrado a uma literatura exata, direta e seca. “A mão que escreve, o punho, o pulso, o corpo do escritor. Escrever passa a ser, com isso, a defesa dessa memória- a memória dessa escrita” (SILVA, 2012, p.21). Assim surge a escritura do narrador autobiográfico de *Infância*. Com liberdade e objetivos bem específicos, ele faz uso da escrita, como processos que revelam o ato da própria escrita, reflexões sobre a vida, inferências pessoais e mecanismos condutores da escrita, revelando a memória da escrita, território distinto da escrita da memória. A incorporação da memória da escrita é frequente nos romances de Graciliano Ramos, seus narradores protagonistas estão sempre envolvidos em processos de escrita e na própria reflexão dela. Para Silviano Santiago<sup>19</sup>, a modernidade da obra de Graciliano Ramos está no fato de ele conseguir estruturar um romance que revela outro romance dentro.

Para SILVA (2012), a escrita da memória se dá por meio da reinvenção do passado e aciona as memórias do escritor ou até mesmo do leitor, que penetra no texto. Dessa maneira, uma outra memória, anterior ao sujeito, é acionada, a memória da escrita, que revela a letra do escritor, seus reflexos e rastros, além de favorecer o encontro entre o escritor e leitor.

A escritura de Graciliano Ramos faz ficção sem, contudo, se deixar encobrir inteiramente pelo véu da beleza. Costurando a obra, migrando de um livro para a outro, está a angústia. Sobretudo, a angústia de estar diante da escrita, no domínio da letra. Nos contos, nos romances e nas memórias, lá está a escrita em cena, a letra em questão. (SILVA, 2012, p. 72)

Nos livros de Graciliano Ramos, encontram-se personagens leitores e escritores completamente envolvidos pela escrita. Eles fazem parte da escritura do autor alagoano, que, por meio deles, constrói uma metalinguagem da escrita, aqui chamada de memória da escrita. O narrador autobiográfico adulto apresenta em *Infância* a vontade de recordar desempenhando um papel fundamental, pois, para que se possa lembrar, o empenho precisa ser suficientemente forte. E, da mesma maneira, só pode ser lembrado aquilo que é comunicável e localizável no

---

<sup>19</sup> Reflexão retirada do livro *Papel, penas e tintas* de Sérgio Antônio Silva, onde encontra-se a descrição de uma importante mesa redonda ocorrida em 1980, cujo objetivo era apanhar a imagem viva de Graciliano Ramos e o sentido atual de sua obra. Os organizadores foram Carlos Garbuglio, Alfredo Bosi e Valentim Facioli e os convidados Antonio Candido, Silviano Santiago, Franklin de Oliveira e Rui Mourão.



quadro de referências da memória coletiva. O narrador durante a narrativa apresenta as suas recordações, da família à uma situação que presenciou com um mendigo-*Venta Romba*- o que para ele foi motivo de mais uma vez desacreditar na justiça: “Nunca experimentei decepção tão grande (RAMOS, 2020, p. 226). E assim, como essa passagem citada da obra, vai desenrolando o enredo constituído de distintas memórias do protagonista, que traz do passado experiências infantis a partir da visão do adulto. Um dos aspectos relevantes que reveste a questão da memória, qual seja, a sua maleabilidade, integra aqui um processo permeado de dinamismo constante, possibilitando com que o passado seja ressignificado em virtude das mudanças conceituais ocorridas no presente. Assim, as experiências de adulto influenciam a maneira como o narrador relata sua infância, pelo fato de ela ser reconstruída, e essa reconstrução ser amparada por outra visão apresentada num patamar de distanciamento que sofreu uma série de transformações. Conforme sustenta Halbwachs:

Ao crescer, especialmente quando se torna adulta, a criança participa de modo mais distinto e mais refletido com relação à vida e ao pensamento desses grupos de que fazia parte, no início quase sem perceber. Como isso não modificaria a ideia que ela tem de seu passado? Como as novas noções que ela adquire, noções sobre fatos, reflexões e ideias, não reagiriam sobre suas lembranças? (HALBWACHS, 2006, p. 91)

De modo mais específico, no caso de Graciliano Ramos, as vivências prepósteras para o plano da ficcional extravasam o plano individual e passam a integrar o conjunto das experiências construídas coletivamente, em especial dos habitantes da região que o texto ficcionaliza. É nesse sentido que, na perspectiva de Pozenato (2003), uma região pode ser tomada sob o prisma de uma construção de natureza individual e coletiva, conforme se verifica na seguinte passagem de *Infância*:

A gente de meu avô se reunia na sala, em torno da mesa que tinha nas gavetas bolas de cera e macetes de capar boi, e em cima, na glória, litografias e esculturas, Jesus e a Virgem, santos e santas. Minha mãe embalava o filho novo na rede, junto à cama de lastro de couro cru, à luz de lamparina que esmorecia o corpo (RAMOS, 2006, p. 168).<sup>20</sup>

Nesse trecho, constata-se que a região é um espaço criado por interação entre o protagonista e sua família. A reunião familiar configura-se como prática corriqueira e integrante da memória coletiva. Os objetos nas gavetas, como as bolas de cera e os macetes de capar boi, apresentam traços regionais, o Nordeste, já que a sua utilização se dá devido à determinadas necessidades e ofícios regionalizados. Já as litografias e esculturas religiosas, enquanto elementos simbólicos, expressam crenças atinentes a um local. Temos em *Infância*,

---

<sup>20</sup> REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 8, n. 10, 2012. 4

uma narrativa de experiências de um narrador autobiográfico que traduz as suas memórias individuais e coletivas, de um passado, marcado por momentos que resultaram na escrita ficcional da obra. Dessa forma, a rememoração acontece dentro de um grupo da maneira que cada um apresenta singularidade, em decorrência de sua visão de mundo, de suas experiências e dos engajamentos diferentes grupos distintos. Destarte, as memórias individuais atuam como perspectivas provenientes da memória coletiva, variáveis conforme a posição ou o papel desempenhado pela personagem. *Infância*, um copilado de memórias individuais e coletivas.

### 3.2- *Infância* – A exteriorização de sentimentos

Em *Infância*, é uma narrativa constituída de vários elementos que expressam os sentimentos do narrador em relação à sua própria infância e às circunstâncias do ambiente em que cresceu. A exteriorização de sentimentos é evidente em diversos aspectos, como a prosa seca e objetiva. A austeridade na linguagem reflete a própria personalidade do narrador e suas experiências marcadas pela seca, pela pobreza e pelas dificuldades do sertão nordestino. Por meio da observação atenta e detalhada vai descrevendo as pessoas, os eventos e as paisagens com precisão, permitindo que os leitores captem nuances emocionais nas entrelinhas:

O que mais me desagradava naqueles dias de cegueira periódica era a fala de se Chico Brabo, o vizinho da direita. A minha cama de lona, encostada à parede que nos separava do beco, estava perto da família Sabiá. A casa de seu Chico Brabo distanciava-se: havia permeio a sala de jantar e a despensa. Mas quando ele falava, o bendito de d. Conceição esmorecia, findavam as conversas, os cochilos dos moleques na cozinha, o rumor do abano, o crepitar das labaredas que lambiam o angico do fogão (RAMOS, 2020, p. 163).

Muito se falou do “pessimismo” de Graciliano Ramos[...] Pessimismo? Simples pessimismo? Não creio. Na verdade, para Graciliano Ramos não se tratava senão de dar testemunho da verdade – da verdade humana – da realidade que estava gravada nele desde menino, de reproduzir o mundo que vira, que era ele próprio, corpo e alma de sua existência (FARIA, 1993, p. 257- 258).

O autor autobiográfico de *Infância*, apresenta momentos de pessimismo, mas transmite aos leitores um testemunho, que pode ser percebido na citação acima, onde vem à tona suas memórias afetivas de sua época de menino, como forma de exteriorização de sentimentos: “Ficou-me ,entretanto, um resto de pavor, que se confundiu com os receios domésticos” (RAMOS, 2020,p. 65). No decorrer da leitura, não é possível entender que os sentimentos do

narrador são positivos, principalmente no que tange a relação familiar e a escola. O protagonista não deixa de transparecer os sentimentos negativos que são traduzidos por meio da escrita. A linguagem, as descrições detalhadas e a abordagem introspectiva contribuem para a expressão sentimental do narrador em relação à sua infância e ao contexto social em que viveu.

As estratégias utilizadas para descrever a personagem Chico Brabo, além dos pais e outras situações relatadas, possibilitam imaginar que um dos sentimentos que segundo ele o acompanhava, era o medo, relatado em diferentes passagens da obra. Como a personagem citada, que o amedrontava nos momentos em que ele se via ainda mais sozinho, quando tinha que ficar isolado no quarto devido a sua doença nos olhos. A colocação das palavras, a escolha dos adjetivos, ou seja, cada detalhe apresentado passa a impressão de quanto essa personagem o assombrou. É nesse capítulo que também se encontram as memórias do menino que remetem à violência, mas dessa vez não sendo ele a vítima, um garoto que Chico Brabo estava a castigar:

Eu desejava que o menino acoresse, findasse o brado longo, a repreensão, o castigo. Se ele tardasse, o amo se zangaria, agravaria a punição. Engano. Seu Chico Brabo não se zangava: prosseguia do mesmo jeito, até que o pequeno se desentocasse e fosse receber pancadas. Essa falta de pressa nas duas partes me alarmava, dava-se suores frios. Como podia alguém conservar tranquilidade em semelhante situação? Quando me acontecia uma desgraça como aquela, mexia-me, na tremura e no medo, a tentar uma defesa improvável, a condenar-me (RAMOS, 2020, p. 165).

As representações dos sentimentos do narrador aparecem em toda a obra, a abordagem aos maus-tratos, a violência, como bem relatou sobre Chico Brabo, que não demonstrava nenhum arrependimento e nem dó ao punir o garoto, e saía como se nada tivesse ocorrido. Em suas lembranças, o narrador faz mais uma reflexão, menciona o comportamento do garoto, calmo e sem manifestar o desespero ao apanhar, e ainda, se refere como seria se fosse com ele. Mais uma constatação de como o protagonista se sentia e a forma como se via diante de ações que também sofrera. Percebe-se que o narrador fez questão de apresentar os desafios enfrentados por crianças, no final do século XIX, como a seca, não apenas ambiental, mas a seca que as cercavam em suas relações familiares e sociais; ressaltando ainda a pobreza e as condições áridas do sertão.

A expressão dos sentimentos ocorre na descrição das dificuldades vividas, transmitindo uma sensação de luta e resistência. Nas relações familiares e sociais, as interações entre os membros da família e a comunidade são exploradas de forma a evidenciar as relações emocionais. A exteriorização dos sentimentos ocorre nas dinâmicas familiares e nas conexões sociais, revelando as complexidades das relações humanas.

O narrador autobiográfico utiliza a narrativa para refletir sobre sua própria infância, trazendo a explanação de sentimentos relacionados a descobertas, aprendizados e desafios. A introspecção é evidente ao compartilhar suas percepções e emoções ligadas a esse período da vida. A exteriorização de sentimentos: “Desgraças iriam surgir” (RAMOS, 2020, p.126). A retratação sentimental é transcrita em momentos decorrentes da narrativa, como a citação acima, em ele fala que o medo era devido a certeza de que seu pai lhe traria momentos de dor. A luta pela sobrevivência, as relações interpessoais e as reflexões sobre a vida permeiam a narrativa, expressando uma gama de emoções.

A sensação de se sentir perdido em meio aos acontecimentos e experiências era também uma forma de proferir o que gozava com dificuldade:

Constrangi-me no ambiente novo, perdi hábitos e adquiri hábitos. Numerosos acidentes me perturbavam-me: atoleiros, cancelas, arame farpado, canaviais de folhas cortantes, valas. Impossível correr, por causa das ladeiras. Objetos e palavras inexistentes no sertão originavam incerteza, e a maneira de falar me chocava os ouvidos. As pessoas e as relações me desnorteavam: não podia saber se me comportava direito com a parentela confusa e respeitável (RAMOS,2020 p. 193).

O trecho sugere que o narrador autobiográfico teve que lidar com a falta de familiaridade com objetos e palavras específicos ao se mudar com a sua família para Viçosa, em Alagoas, e o desconhecimento acabou gerando incertezas. A maneira de falar das pessoas locais também o incomodava, indicando uma diferença cultural na linguagem; a confusão nas relações com a parentela local ressalta a dificuldade em se integrar e compreender as normas e comportamentos sociais desse novo contexto. Aparentemente, estaria passando por um processo de adaptação e enfrentando uma sensação de estranhamento em relação ao ambiente e às pessoas ao seu redor.

É por meio do ato de narrar que o homem consegue apreender seu passado e projetar seu futuro a partir do tempo presente, fazendo com que a narrativa permita a compreensão da circunstância temporal de sua própria vida. O homem rememora para recuperar o passado e prefigura o seu futuro ao figurar o presente. Portanto, o presente leva o indivíduo ao passado pela rememoração, assim como o leva ao futuro por meio da esperança (RICOUER, 1994).

Os capítulos que compõem a obra favorecem o entendimento do porquê do eu adulto exteriorizar seus sentimentos por meio da escrita de memórias, pois para ele nada era apresentado, era jogado, ou seja, teria que entender as situações sozinho, encontrar respostas,

adivinhar como tinha que ser, como teria que reagir e agir, era o tempo todo reprimido e colocado à prova de sua resistência perante a tantas dificuldades.

O narrador autobiográfico, consciente de seu fazer literário, apresenta ao leitor pistas sobre o fio condutor de sua narrativa e os sentimentos que esteve presentes em sua história pessoal, seja no ambiente familiar ou no meio inserido, em exercício de metalinguagem e fabulação. Os relatos são distintos, porém, trazem consigo subjetividade, onde a dor, a opressão e o desafeto são constituintes de cada detalhe. Em *Infância*, há uma multiplicidade do ato de sentir: “Muitas infelicidades me haviam perseguido” (RAMOS, 2020, p. 120). Essa citação corrobora com o que mencionamos sobre a presença do subjetivo, o narrador deixa evidente a sua condição de um menino que se sentiu infeliz e que na fase adulta rememorava ou tentava reconstruir o passado.

Os sentimentos do narrador para com os pais é algo que nos permite dizer que os seus sentimentos estavam ligados à ausência de um relacionamento familiar desejável: “A fúria louca ia aumentar, causar-me profundo desgosto” (RAMOS, 2020, p. 37). Essa cena, mais uma das que retratam as memórias de um protagonista que não mediu esforços para retratar precária relação entre pais e filhos, a certeza de que seria alvo de violência, descaso e desafeto se faz presente em quase toda narrativa: “O suplício durou bastante [...]”. A expressão “durou bastante” pode ser analisada o sentido literal, uma vez que mesmo que o narrador relatasse suas memórias já adulto é perceptível que esse suplício ainda existia, não sendo apenas na fase de menino, o adulto também sofria pelos seus acontecimentos do passado.

Assim como rememora a figura paterna com sentimentos de medo, pavor e desafeto, com a sua mãe não fora diferente. Ainda que de maneira um pouco mais suave, os laços entre eles também foram demarcados por sentimentos que não eram esperados de uma figura materna: “[...] transmitia-me arroubos e sustos” (RAMOS, 202, p.79). Essa é uma passagem que representa de fato o que sentia o menino narrador quando sua mãe se aproximava, os sentimentos eram negativos e foram lembrados pelo adulto seguindo essa premissa.

Outro sentimento observável é o da saudade. Quando o protagonista se refere a José, Baía e Amaro, personagens por quem demonstrou apreço na narrativa: “Procurei Amaro e José Baía, de balde (RAMOS, 2020, p.49). Dentre a exteriorização de sentimentos apresentadas às personagens por meio das memórias do narrador, em *Infância*, a citação acima traduz o carinho e a saudade que sentia dos amigos, que carinhosamente são retratadas e apresentadas na obra.

O narrador adulto deixa transparecer aos seus leitores uma multiplicidade de sentimentos, além do desafeto, do medo e da solidão, apresenta a sua preocupação com as injustiças sociais, com a seca que prejudicava os agricultores nordestinos, com a insegurança e solidão sentida cada vez que mudava-se com a família, além de se sentir incapaz em aprender a ler e escrever, uma vez que seus pais tinham o prazer de ressaltar que ele não era capaz: “Afinal meu pai desesperou de instruir-me, revelou tristeza por haver gerado um maluco e deixou-me” (RAMOS, 2020, p. 120).

A insignificância do narrador menino e a ideia de sua incapacidade pode ser justificada pela citação acima, quando o seu pai desiste de ensiná-lo e mais uma vez o menino se vê abandonado. A incompreensão do pai, acerca de suas ações em relação ao filho, fomentava o medo do garoto, haja vista os castigos e ações violentas sempre que o menino não apresentava sucesso em uma soletração, por exemplo. Dentro dessa perspectiva, nota-se que o medo das crianças para com os adultos são barreiras que podem prejudicar os relacionamentos e, consecutivamente a aprendizagem, tanto escolar como de conduta, tal qual são percebidas na obra, por meio da escrita do narrador.

As memórias em *Infância* não representam apenas um passado literário. Tratam-se de fatos reais e atuais, uma vez que, existem crianças nas mesmas condições do escritor, convivendo com violência, abandono e a insignificância, sendo assim, temas atemporais. O menino cresceu e se desenvolveu em um meio onde sofria com as durezas em ser criança diante da ausência de sentimentos positivos. Tudo que lhe fora proposto fora com agressividade: “O grito ribombava, enchia-me de pavor, [...]” (RAMOS, 2020, p.149).

O narrador diz que quando ouvia alguém gritando já era motivo de se assustar, fora educado para que realmente entendesse quem mandava e quem obedecia. A estratégia que os pais utilizavam para educar o filho era oposta ao que se esperava, pois ensinar requer cuidados, zelo, paciência e amor. Entretanto, tudo isso fora substituído pela aspereza e autoritarismo, como fica claro no decorrer dos relatos, e assim, pode-se depreender que as memórias de *Infância* tratam das relações do menino com os pais e, de que maneira a educação nordestina por ele vivenciada se desenhará sob o signo da “barbárie”. Nesse sentido, Alfredo Bosi:

No livro de memórias, *Infância*, uma interpretação existencial acharia numerosas pistas, mas creio que substituiria sempre como categoria unificante a ideia de rejeição que marca o conjunto dos romances e aqui aparece em toda a parte, desde o desenho admirável que Graciliano<sup>21</sup> faz **dos pais, primeiros mestres na escola do medo e do arbítrio [...]**. (Grifos nossos).

<sup>21</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Cultrix: São Paulo, 1994.

De acordo com Alfredo Bosi, permite-nos planejar que a criança desde bem pequeno já sentia a rejeição e injustiças por toda parte; primeiramente pelos pais, depois ao ter que ir para escola, pois para ele escola era um lugar para crianças rebeldes, e ele dizia não ser e nem ter atitudes de rebeldia, pelo contrário, era submisso e oprimido. Ao concordar com a apreciação desse autor, Antonio Candido também toma *Infância* como narração autobiográfica de sentimentos de humilhação e dores:

Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados. Por toda parte, recordações de alguma injustiça, de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco. [...] Em casa, na rua, na escola, vê sempre um indefeso nas unhas de um opressor. A priminha, Venta-Romba, o colega perseguido, João, ele próprio. E sempre – sempre – a punição é gratuita, nascendo daquela desnorteante injustiça com que trava conhecimento certo dia, por causa do cinturão paterno. A consequência natural é o refúgio no mundo interior e o interesse pelos aspectos inofensivos da vida. Inofensivos e, portanto, inúteis. Sonhar, ler, imaginar mundos na escala das baratas (CANDIDO, 2006.p 71).

Antonio Candido conclui que a personagem do passado é reconstituída: “Então Fernando não era mau? Pensei num milagre. Julguei ter sido injusto. Fernando, o monstro, semelhante a Nero, receava que as crianças ferissem os pés” (RAMOS,2020, p.246). A semelhança dessa passagem, pode apontar para a mesma direção à personagem, João Inácio. Após apresentar o padre como um mandatário local, grosseiro com os paroquianos e dono de aparência assustadora, assevera o narrador: “Em padre João Inácio, homem de ações admiráveis, só percebíamos a dureza” (RAMOS, 2020, p. 76). A distinção entre a percepção no momento da experiência e sua posterior ressignificação dá o tom dos episódios: o narrador, ao olhá-los de novo através das névoas da memória, confere aos personagens e a suas atitudes um sentido novo.

Os episódios em que o narrador revê, respectivamente, sua mãe e seu pai são bons exemplo disso. Existe em *Infância* de acordo como uma “cronologia do coração”, ou seja, por meio das impressões perduradas na memória, fixou em algumas lembranças que com o tempo veio a influenciar as suas ideias, visões e sentimentos de um adulto forte, por ter feito de suas experiências negativas um meio de superação ao mesmo tempo que demonstrava fraqueza em relação aos quesitos das emoções: “Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima [...]” (RAMOS,2020, p.37).

Contudo, a citação anterior, sugere uma sensação de desconforto ou irritação ao ouvir alguém falar alto, fazer referência ao coração batendo forte e ao desânimo, indica a reação emocional intensa, relacionada à aversão dos gritos de seu pai. Por trazer na memória acontecimentos de pavor, ao se deparar com situações semelhantes era o suficiente e

necessário para se ver emocionalmente desconcertado. Nota-se que a nebulosidade das memórias do narrador adulto é influenciada pelas suas vivências tortuosas de menino

Essa sensação de reviver momentos anteriores, ou melhor, a retrospectiva de sua infância confirma que o narrador autobiográfico preserva sensações do passado em seu presente. De acordo com Bergson: “A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança” (BERGSON,2006, p.47). A ideia central desta citação é que o tempo, representado pela "duração", não é apenas uma sucessão linear de momentos, mas sim, um processo contínuo que se origina no passado e quando o protagonista diz não poder ouvir uma pessoa falando alto, é uma exemplificação da rememoração apreensiva dos gritos que seu pai dava. Isso implica que o presente e o futuro estão intrinsecamente ligados às experiências anteriores. A expressão "rói o porvir" sugere que as experiências passadas têm um impacto constante no futuro indicando que as consequências posteriores, sejam elas positivas ou negativas, continuam a influenciar o que está por vir.

A metáfora de "inchar à medida que avança" revela-nos que a passagem do tempo não apenas acumula experiências, mas também as intensifica. À medida que o tempo avança, as consequências do passado se tornam mais pronunciadas e afetam cada vez mais o presente e o futuro. No entanto, em *Infância*, temos uma autobiografia de progressão contínua do passado do narrador, um passado que roeu e prevaleceu intensificando à medida que o tempo foi passando e conseqüentemente, levando-o a refletir em tudo que foi e tudo que estaria por vir.

De acordo com o que afirma Bergson, sobre a duração das memórias, entendemos que é alusivo ao que expõe é apresentado pela autobiografia, as memórias não podem ser engavetadas e nem sequer ser exercidas quando se quer ou quando se pode. O passado nos acompanha por inteiro, somos a condensação da história vivida, o que sem dúvida alguma fez o protagonista autobiográfico ao contar suas experiências de menino, vestígios de um tempo de sentimentos ruins que povoavam e incomodavam a sua mente. Essa sensação de incômodo é percebida em diferentes momentos da narração:

Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro. José Baía, meu amigo, era um pobre-diabo. Achava-me num deserto. A casa escura, triste; as pessoas tristes. Penso com horror nesse ermo, recordo-me de cemitérios e de ruínas mal-assombradas. Cerravam-se as portas e as janelas, do teto negro pendiam teias de aranha. Nos quartos lúgubres minha irmãzinha engatinhava, começava a aprendizagem dolorosa (RAMOS, 2020, p.38).



O estilo literário de Graciliano Ramos é conhecido por sua sobriedade, objetividade e por mergulhar nas complexidades psicológicas das personagens. A subjetividade se manifesta por meio das experiências individuais, das emoções dos personagens e da exploração profunda dos temas sociais e humanos em suas narrativas. Os momentos narrados demonstram os destroços das lembranças de um narrador adulto em sua fase de garoto que busca o reencontro com o outro e com ele mesmo. Nesta citação, o narrador relembra sua relação familiar complexa, principalmente com o pai, o qual ele cita. Sua convivência com seus pais marcada por relações complexas e difíceis, gerou desconforto, e ao lembrar passamos a ideia de que os conflitos e as tensões familiares presentes na narrativa podem evocar sentimentos de inquietação.

Na citação supracitada, a presença da covardia se faz presente de forma relevante, o menino aparentemente já sabia o que lhe aconteceria, por isso, chegou a rogar que alguém aparecesse para evitar a violência física que sofreria. O pai, mais uma vez sendo apresentado como um ser intragável e medonho, o qual não poupava esforços para demonstrar que o filho era um ser indesejável e que por ele não apresentava nenhum estimo.

O medo como bem destaca o narrador autobiográfico de *Infância*, era a sua companhia diária e também a certeza de que seu pai o molestaria como e a hora que desejasse: “O suplício durou bastante, mas por muito prolongado que tenha sido, não igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro a magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar interrogação incompreensível” (RAMOS, 2020,p.39). Diante desta citação, averigua que não teria como ser diferente o sentimento do protagonista, a necessidade de exteriorização de suas dores e emoções de um adulto que teve em seu ambiente familiar as piores recordações de relacionamento, que o levou a organizar as suas memórias para construir sua própria narrativa de vida.

As lembranças da criança possibilita concernir que o seu ambiente familiar é rememorado como um lugar inóspito, dado o sofrimento e conflitos que cada um de seus entes vivenciava e que por ele era observado, seja por meio de conversas ou do tempo, que lhe permitiram as percepções no movimento de recuperação das memórias resultando na reflexão do narrador que nitidamente são percebidas ao analisar *Infância*, como pode ser identificado no início do capítulo “*Chegada à vila*”:

Era uma noite fria. Vozes misturavam-se na calçada, andava gente em redor de uma fogueira grande, no pátio. Estalavam brasas, labaredas cresciam, iluminavam pedaços de figuras, esmoreciam, e da sombra fumacenta vinham risadas longas. Meu pai, invisível, comentava:

— Parece um papa-lagartas.

Que seria um papa-lagartas? Se meu pai não me esfriasse a curiosidade repetindo uma frase suja a respeito dos perguntadores, resolver-me-ia a interrogá-lo. A frase me espantava sempre. Não queria convencer-me de que ouvia nomes tão feios, e quando me inteirava bem do sentido deles, afastava-me triste e humilhado, achando meu pai grosseiro e jurando emendar-me (RAMOS,2020, p.47).

No capítulo citado acima, é rememorado o momento que a família de Graciliano Ramos mudara do campo para uma vila, em que o local é descrito pelo narrador como um mundo estranho, onde o autor se via perdido e sentia sozinho, pois deixara para trás pessoas que considerava como amigos, os quais tinha apreço – José Baía e Amaro- Baía. É a partir desse episódio relatado que o menino começa a refletir sobre as pessoas, analisá-las, e por se sentir desorientado e perplexo explicitava mais uma vez medo e pavor: “A recordação dessa antiga cena mostra-me a casa virada, extravagância que mais tarde se reproduziu. Muitas vezes as ruas e os prédios se deslocaram, deixando-me perplexo, desorientado” (RAMOS,2020, p. 48). Verificamos mais uma alusão ao passado e com ela o sentimento de abandono, se sentia só e sem a presença dos amigos que sempre o ajudava. Assim, nota-se mais uma memória representando o desabafo do narrador adulto em relação aos seus sentimentos de menino, como adverte Leitão:

Entre o adulto e a criança se estabelece uma sintonia que permeia os episódios narrados e referidos nos relatos que compõem o volume de memórias. O eu recente busca o eu remoto para reinventá-lo. O que resulta é um livro literário e autobiográfico. O passado não tem a solidez dos documentos. As dores mais que os prazeres estão na vida narrada. O passado é uma densa bruma. O contador hesita, duvida, esquece e lembra, mas o romancista maduro e artesão virtuoso mostram-se, fundem-se com o menino e se afastam dele nesta obra que encerra o texto mais bem-acabado dos livros que Graciliano Ramos fez (LEITÃO, 2009, p. 269).

De acordo com Leitão (2009), reconhecemos que o eu- recente e o eu-remoto se entrelaçam para revelar a inteligência e perspicácia do narrador ao selecionar as cenas de sua vida infantil para reconstruí-las. O zelo pela descrição dos ambientes, das personagens e dos sentidos visualizados por um olhar inocente e vislumbrado de uma criança. Porém, o eu - recente, absorto pela qualidade estilística da escrita, a aptidão romanesca, faz com que tenras memórias adquiram cores e sentidos, além de explanar e apresentar a criança alagoana imersa no universo de punições e mal-entendidos.

O narrador autobiográfico passeia pela imaginação e memória. Trata-se de uma relação simbiótica, na qual a memória resgata a história vivida e a imaginação, sem a preocupação e compromisso com a construção documental da história com a verdade, mas tentar ser o mais expressivo possível por meio da linguagem artística:

A arte é eminentemente uma forma de comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista. Seu compromisso não está na ‘verdade’, nem na transmissão ou análises de informações, noções ou conceitos. É uma transfiguração do real, uma reorganização do mundo, visando à produção da realidade estética. Não objetiva, portanto, somente descrever a realidade das coisas, mas, através de múltiplos elementos, transcender, questionar, ir além do palpável, deixando fluir no leitor uma outra realidade. Pertence ao domínio da imaginação, do possível (GALVÃO,1996, p.107).

Ademais, questiona Wilson Martins: “Quem se atreveria a marcar os limites entre a memória e a imaginação?” (MARTINS, 1977, p.44). Não é o nosso objetivo desvendar se é verdade ou não as histórias apresentadas em *Infância*: “Pelo contrário; sentimos em todo o livro a preocupação da verdade, da espontaneidade, da “inocência”; houve apenas um excelente aproveitamento daquela parcela de romanesco que existia em sua vida [...] (*idem*, p. 43). Depreende-se que a representação do real, fora construída, imaginada, fabulada e reinventada por se tratar do gênero autobiográfico. Por meio da compreensão da realidade, sem desperdiçar palavras, utilizando-as com desenvoltura, com graça e leviandade. De acordo com João Cabral de Melo Neto, Graciliano “escrevia com as mesmas vinte palavras girando ao redor do sol, e lhe bastava<sup>22</sup>. E assim, com o jeito singular, o texto enxuto e direto, retrata um pouco do ambiente do nordestino, as lembranças do narrador, sua infância, são meios que veicula a formação de uma narrativa desde as memórias do menino até a adolescência como uma sintonia com o adulto que permeia os episódios narrados que compõem *Infância*, um volume de memórias.

O contador hesitou, duvidou, esqueceu e lembrou, porém, o romancista maduro e artesão das palavras surge e funde-se com o menino que rememora e possibilita a finalização da obra *Infância*, fruto da habilidade do adulto, que constitui um experimento literário.

### 3.3- A solidão presente em *Infância*

Para iniciar esse subcapítulo, faz-se necessário entender que solidão não se dá apenas por ausências de pessoas, mas pode estar relacionada a outras como no caso do protagonista de *Infância*, em que pessoas físicas ele tinha em sua vida, mas faltava-lhe a presença de pessoas que pudessem ser presença em sua vida. E a mais relevante solidão dele encontra-se

---

<sup>22</sup> Poesia Graciliano Ramos, de João Cabral de Melo Neto. A esse respeito, ler :GARBUGLIO; BOSI; FACIOLI (1987, p.9).

no desafeto familiar: “Achava-me num deserto” (RAMOS, 2020, p. 38). A palavra deserta pode ser entendida como o quanto só e distante sentia o narrador em seu âmbito familiar e que por algumas vezes era melhor ser só, pois era um refúgio e até mesmo uma proteção ao autoritarismo e violência que sofria.

Ao buscarmos entender o universo apresentado em *Infância*, a solidão é um sentimento marcante na narrativa. O estado emocional e subjetivo do narrador são percebidos por ausências que têm conexão significativa. A solidão na obra não é referente apenas à ausência física de pessoas ao redor, mas também à sensação de isolamento emocional e social. Apesar de relatar ter familiares e está cercado por outras pessoas, apresentou um déficit na qualidade das interações com o próximo, para melhor dizer, a solidão maior encontrava-se em sua família.

O narrador-protagonista evidencia que desde criança percebeu-se sozinho no mundo. Não exatamente referindo ao abandono físico, mas sim, a ausência do carinho, do afeto, da compreensão, do diálogo, ou até mesmo, a dificuldade da convivência com/entre os familiares. A forma de tratamento tinha a força bruta como a ponte para a resolução dos problemas, sendo vista como a única maneira de estabelecer uma relação ainda mais desajeitada, pois assim sabiam agir:

A solidão da inteligência humana frente ao problema da Vida é, cremos, a força geradora que, em Graciliano, produziu toda a sua obra de ficção[romanesca] ou [e] memorialista. Todas suas personagens estão sós com as suas almas, cujas queixas ou anseios não encontram ecos nos outros; permanecem isoladas entre si, sem comunicar-se. A personalidade de cada uma guarda zelosamente o seu segredo e no seu isolamento os impulsos negativos nascem, crescem, agigantam-se destruindo tudo (COELHO, 1977, p. 72).

Os pais da personagem protagonista foram de certa forma responsáveis por esse sentimento de solidão, uma vez que não agiam como pai e mãe, apresentavam-se como pessoas distantes e até mesmo desconhecidas. O agravante se dá ao se negarem manifestar carinho pelo filho. As atitudes e olhar deles sobre o menino trazia desconforto e como já mencionamos o medo, que por sua vez, levava o garoto a ficar só, em silêncio e distante de seus familiares: “Só queria que minha mãe, sinhá Leopoldina, Amaro e José Baía surgissem de repente, me livrassem daquele perigo” (RAMOS, 2020, p. 36).

Essa citação, confirma as ausências que rodeavam o narrador em um momento em que o menino se viu diante de um pai furioso, como não tinha como reagir ou escapar da surra que levaria, se viu sozinho mais uma vez. No capítulo *um cinturão*, no momento que suplicava que alguém aparecesse para livrá-lo da violência é uma exemplificação da solidão sentida pelo menino, mais uma vez relatou ser impotente e não poder contar com ninguém para

protegê-lo da fúria incontrolável do pai. No entanto, se viu diante da dolorosa solidão, a falta do diálogo, a falta da compreensão, e a ausência de uma família com convivência harmoniosa, de pais que o protegesse, ao invés de causarem sofrimento.

As marcas da solidão em *Infância*, aparecem desde o primeiro capítulo, com ênfase na família, em nenhum momento o ambiente familiar foi descrito na obra como um lugar agradável, como algo prazeroso, mas sim, nebuloso. A personalidade e comportamento de seus pais, as ações impulsivas deles garantiam o distanciamento, levando o filho ao isolamento: “Achava-me num deserto” (RAMOS, 2020, p. 38).

A palavra deserto apresentada na citação acima, é mais um vocábulo que leva a entender que o narrador se sentia sozinho perante aos fatos diários, como não podia contar com a ajuda dos pais, preferia manter-se afastado e sempre tentando encontrar respostas para as suas dúvidas: “E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra” (RAMOS, 2020, p. 40). As lembranças que o adulto tinha eram constituídas de distintos acontecimentos que comprovavam a sua posição de inutilidade e solidão perante aos pais.

O capítulo intitulado *Cegueira*, representa um momento doloroso na vida do narrador e ao mesmo tempo pode-se dizer que começa a nascer o escritor. O narrador autobiográfico relata que sofria de uma doença nos olhos, que inflamavam, ficavam inchados o impedindo de ir para a escola e estar com outras pessoas, por esses motivos se isolava no quarto, como ele mesmo relata:

Afastou-me da escola, atrasou-me, enquanto os filhos de seu José Galvão se internavam em grandes volumes coloridos, a doença dos olhos que me perseguiu na meninice. Torturava-me semanas e semanas, eu vivia na treva, o rosto oculto num pano escuro, tropeçando nos móveis, guiando-me às apalpadelas, ao longo das paredes. As pálpebras inflamadas colavam-se. Para descerrá-las, eu ficava tempo sem fim mergulhando a cara na bacia de água, lavando-me vagorosamente, pois o contato dos dedos era doloroso em excesso. Finda a operação extensa, o espelho da sala de visitas mostrava-me dois bugalhos sangrentos, que se molhavam depressa e queriam esconder-se (RAMOS, 2020, p.155)

A representatividade de sentimentos deste um capítulo se configura pela dor, solidão do narrador, a exclusão e as incompreensões existentes. A inflamação ocular tornava o menino introspectivo, pois como já mencionamos não recebia apoio dos pais, e nesses momentos, a sua mãe conseguia ser ainda mais covarde, colocando apelidos no filho ao invés de acalentá-lo ou ajudá-lo na recuperação e por sua vez, era ele e mais ninguém para tentar resolver a situação. Esse episódio, retrata mais uma vez, o menino que se via mais uma vez como o responsável para cuidar de si e encontrar respostas perante às dificuldades, mais uma vez estava sozinho. Mas ao mesmo tempo tinha um olhar seletivo, racional, pensador e,

algumas vezes, prescindia o da própria visão. Sobre o tema, há uma “Ciência”, de Carlos Drummond de Andrade:

Começo a ver no escuro um novo tom de escuro. Começo a ver o visto e me incluo no muro. Começo a distinguir um sonilho, se tanto, de ruga. E a esmerilhar a graça da vida, em sua fuga (ANDRADE, 1967, p.201-202)

Os versos de Drummond, podem ser relacionados ao sentimento do narrador de *Infância*, em que por motivo de uma doença nos olhos se via na condição de não olhar, mas não de perdeu a visão. E é nesse instante que ele se vê diante de momentos ainda mais desafiadores. A solidão se fazia presente mais uma vez e com ela o abandono dos pais: “Minha mãe tinha a fraqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro -encourado e cabra-cega” (RAMOS,2020, p.156). O narrador não fora nem um pouco gentil com as palavras ao se referir à forma como sua mãe o tratava, pois não teria como ser diferente, quem devia cuidar e amar demonstrava ser indiferente ao sofrimento do menino marcando negativamente a vida do dele. E perante à essa situação, o narrador, o problema oftalmológico faz com ele obtenha uma transformação do olhar. As palavras ditas pela mãe passam a ser vistas como reais: “Sem dúvida o meu aspecto era desagradável” (RAMOS, 2020, p. 156). As ausências eram acentuadas nesse momento, levando o narrador a acreditar no que sua mãe lhe dizia, notando assim, a ausência da autoestima do menino.

Primeiramente, a mãe o adjetivava como cabra-cega fazendo menção à doença dos olhos, oftalmia. Para o narrador nem era tanto o apelido que o incomodava, mas sim, por remeter-se a um jogo infantil denominado *Cabra-cega*, onde a rima terminava em “nomes sujos”. Como ele mesmo deixou registrado:

-Cabra-cega!  
- Inhô.  
-Donde vem?  
-Do mundéu.  
-Traz ouro ou prata?  
-Ouro.

Largavam em seguida uma porcaria que tinha besouro como rima; se a resposta fosse prata, a incidência terminava, em barata. Eu abominava os nomes sujos, a brincadeira imunda enjoava-me. Não sabia por que me balizavam daquela forma. Se se referissem a um cavalo cego, não me ofenderiam tanto. Com certeza pensavam no diálogo, lançavam-me indiretamente as grosserias ligadas ao besouro e à barata. Aperreava-me, não esquecia o folguedo mortificante:

\_\_ Cabra-cega  
\_\_ Inhô.  
\_\_ Donde vem?  
\_\_ Do mundéu.

Ia até o fim, repisava mentalmente safadeza que não ousava dizer em voz alta. Aquilo não era comigo, convencia-me de que minha mãe não tivera a ideia de juntar-me ao besouro e à barata. Se a oftalmia desaparecesse, a expressão vexatória desapareceria também, eu regressaria ao catecismo, às histórias do Barão de Macaúbas (RAMOS, 2020, p. 157).

O segundo apelido, bezerro-encourado, tornava ainda mais evidente o seu lugar na família: um intruso, um ser oculto, sem representatividade na família. Essa expressão era usada quando uma cria da vaca morria, para que ela pudesse amamentar um bezerro órfão, era retirado do que morreu o couro e colocado no outro, para que a mãe sentisse o cheiro e amamentasse o filhote. Essa comparação é vista como se o menino fosse empurrado para a mãe a todo custo. No entanto, as memórias de criança apresentadas na autobiografia são compostas de sentimentalismo, onde a solidão não cegava apenas os olhos, mas também os demais sentimentos do menino, e nesse momento se viu na condição de reeducar o olhar que perdeu, principalmente em relação à sua autoestima.

O protagonista do livro, em sua infância, é retratado como uma criança solitária, que vive em um ambiente pobre e repleto de dificuldades, literalmente uma cegueira, pois ele não era visto e nem considerado pelos pais.

A forma de se sentir só vai além da solidão em si, o protagonista se encontra em um meio de distintas ausências, como a falta de cuidados básicos da mãe, o fato de não se preocupar com os cuidados da higiene do corpo, ou ao menos, ensiná-lo: “Nunca minha família se ocupava com semelhantes ninharias, e a higiene era considerada luxo. Lembro-me de ter ouvido alguém condenar certa hóspeda que, antes de ir para cama, pretendia banhar-se: - Moça porca” (RAMOS, 2020, p. 135).

Apresentamos o trecho acima, para justificar um relato apresentado na autobiografia que foi quando d. Maria, uma de suas professoras, uma personagem que o ajudou a começar a sair da obscuridade, com o seu jeito sereno e cuidadoso despertou nele um apreço após o expor a professora o colocou em estado de total exposição e vergonha na escola, ao pedir que ele cuidasse melhor das orelhas, ou seja, não estavam limpas:

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

-Lavou as orelhas hoje?

-Lavei o rosto, gaguejei atarantado.

-Perguntei se lavou as orelhas.

-Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas.

D. Maria, num discurso, afastou-me as orelhas do rosto, aconselhou-me tratar delas cuidadosamente. Isto me encheu de perturbação e vergonha. Se a mulher me desse cocorotes ou bolos, eu me zangaria, mas aquela advertência num rumor leve deixou-me confuso, de olhos baixos, com desejo de meter-me na água, tirar do corpo as impurezas que ofendiam vistas exigentes (RAMOS, 2020, p. 135)

Por meio do que foi apresentado nesta cena o menino se vê diante de uma situação que o avergonhara, identificamos mais uma característica do narrador autobiográfico, o comportamento de um indivíduo que gostava das coisas conforme deveriam ser, e assim, notamos a presença de escritos que representam o que é certo, e não o que lhe causaria

dúvidas. Como por exemplo, para ele meia palavra não bastava, por isso jogava com ela, para tornar o mais claro possível o que queria dizer, e não ficava em cima do muro. Escrevia e criticava o que achasse necessário. Era coerente e não poupava palavras e nem pensamentos, por ser direto e a favor da verdade, não tinha papas na língua, (grifos nossos), ou seja, sua opinião era dita, sem a intenção de ser agradável ou não, para ele a palavra era para ser dita e não para servir de enfeite.

A nosso ver, a autenticidade e a forma convincente que Graciliano Ramos adotou para escrever está relacionada também a tantas incertezas que apresentou do narrador em *Infância* enquanto criança, suas dúvidas não eram esclarecidas e quando decidia agir como escutara ou percebera não se dava muito bem, como o fato de não saber sobre como cuidar da higiene, assim como outros lidos na obra, como se viu diante de palavras desconhecidas, como o que seria inferno, quem seria o Ter-te-ão. O medo o levou a não perguntar a seu pai o significado dessa palavra desconhecida, pois sabia que o castigo viria. Mais vez, sozinho se viu diante de uma situação a qual teria que descobrir, até que tentou com a sua irmã Mocinha, mas não obteve sucesso.

Outro episódio narrado representa a busca ausências e entendimento foi quando ao tentar agir como o seu pai agira ao castigar o Moleque José, se viu diante da lei do retorno, quis castigar e fora castigado pelo pai. E assim, mais uma vez diante das suas inquietações que teria que aprender e entender sozinho. Mais um registro que podemos entender como solidão, sem ninguém para te orientar da forma adequada, mas sim para puni-lo.

A obra em si, descreve a solidão física, sociológica e psicológica do protagonista, que passa a maior parte do tempo sozinho, seja explorando a natureza ao seu redor, seja preso no mundo dos próprios pensamentos e fantasias. A solidão se mostra também quando ele é enviado ao colégio, onde é separado de sua família e obrigado a conviver com outras crianças, mas sempre mantendo um sentimento de isolamento.

Além da solidão física, o escritor também retrata a solidão emocional, ou seja, dele mesmo, um adulto que se funde com a criança que fora, que muitas vezes não era compreendida pelos adultos ao seu redor, que não se preocupavam em oferecer-lhe carinho, atenção ou mesmo conforto emocional. Essa falta de afeto deixa a criança ainda mais isolada e solitária, sem conseguir estabelecer vínculos significativos com as pessoas ao seu redor.

A solidão é um tema recorrente em *Infância*, por meio de uma escrita introspectiva e melancólica, é transmitido ao leitor a sensação de abandono e isolamento vivida pelo protagonista fazendo refletir sobre sua infância, dores e sentimentos que o acompanharam até



a sua fase adulta, e que por serem vistos como fatores imprescindíveis na formação dele, que são identificadas na autobiografia.

As suas dificuldades em ser menino naquela época, a sua insignificância e o seu desarranjo perante a tudo que lhe era imposto, representava assim a forma que conviviam os opressores e os oprimidos. Mesmo com tudo para dar errado, o autobiográfico, na condição da cegueira, solidão e introspecção, imerso no mundo da audição ao seu redor, se via obrigado a se isolar devido a oftalmia, a doença dos olhos que também lhe proporcionava a solidão e vazio. Mesmo sendo algo inesperado durante toda a narrativa, o narrador para amenizar a dor e a tristeza enquanto estava isolado em seu quarto, ouvia as cantigas folclóricas que sua mãe cantava durante os afazeres domésticos, que de certa forma lhe despertou um sentimento e nasceu assim uma paixão pelas palavras:

Em falta desse enlevo, procurava anestesiá-me ouvindo as cantigas de minha mãe, duas cantigas desafinadas que a divertiam na fazenda. Provavelmente surgiram antes, mas foi lá que me intei dei delas. Continuaram na vila, durante alguns anos. [...] Uma das poesias começavam assim:

A letra A quer dizer – amada minha;  
 A letra B quer dizer – bela adorada;  
 A letra C quer dizer – casta mulher;  
 A letra D quer dizer – donzela amada;  
 A letra E quer dizer -és uma imagem;  
 A letra F quer dizer – formosa deusa.

Em vez de efê, minha mãe pronunciava fê, o que decerto convinha ao último verso, e rematava-o com formosa deus, pois não admitia divindade fêmea além da Virgem Maria. Insinuei-lhe mais tarde que também se podia usar efê. E a donzela amada era deusa, na opinião do poeta. Enjoou-se, considerou as novidades impertinências. A lenga-lenga se arrastava por todo o alfabeto. Quase todo o alfabeto: impossível encaixar a bela adorada no K e no Y (RAMOS, 2020, p.160-161).

Apesar da estranheza percebida quando o narrador diz ser as cantigas de sua mãe a sua distração, entende-se que ao recolher-se e isolar-se em sua infância, não era um desejo, mas era uma questão de necessidade e não escolha: “Na escuridão percebi o valor enorme das palavras” (RAMOS, 2020, p.158). Era o que restava ao menino que se via obrigado a se recuar ao escuro do pano que o cobria e acalentava com os sons e vozes que ouvia. Alcinhado de cabra-cega e bezerro-encourado pela própria família e refugiar-se em seus pensamentos era a decisão mais assertiva que poderia tomar e, assim, ao ouvir e se distrair entendeu que as palavras tinham o seu poder e valor e delas fizera singular uso para demonstrar que estava certo ao compreendê-las como valiosas.

Falar de Graciliano Ramos é entender que:

Graciliano deveria sentir na própria carne que, embora queiramos, não podemos jamais entregar-nos totalmente. Porque todos sinais exteriores da nossa entrega surgem deturpados; toda palavra trai o pensamento, as lágrimas não mostram senão a superfície da dor, o riso não consegue mostrar a alegria da alma. Por isso numa

coletividade, os homens parecem misturar-se, ligar-se, mas não se misturam, não se ligam. Permanecem isolados e, no meio dessa solidão, a alma do homem que pensa, analisa e reflete deve ser ainda mais isolada do que as outras (COELHO, 1977, p. 72).

Os recursos utilizados por Graciliano Ramos, isto é, as temáticas, os predicativos o léxico escolhido, as figuras de linguagem e a escrita elaborada, entre outros, contribuem para a transmissão da carência, das lembranças, da aprendizagem bem como para a constituição da personalidade do autor (eu recente) e na composição da obra *Infância* (HILL, 1977). Assim, os recursos estilísticos utilizados auxiliam nas respectivas representações vivenciadas pelo autor.

No entanto, parafraseando Wilson Martins (1977), o escritor tirou proveito da sua qualidade romanesca para então reconstruir a narrativa *Infância* e também apresentar por meio do narrador o Nordeste que muito bem conhecia: “Da minha parte eu não poderia conceber um romance abstrato, um romance de fuga. Meus romances são todos sobre o Nordeste porque ali vivi a minha mocidade, é o que realmente conheço e sinto”.<sup>23</sup>

Destarte, a solidão apresentada em *Infância* pode ser entendida como a vivência do narrador autobiográfico, ou seja, falou o que sentia, fragmentou suas memórias, fabulou, criou, reconstruiu, compreendeu e explicitou os seus sentimentos de um adulto em busca do seu eu do passado como construção do seu presente: “Depois de curta e nada sedutora permanência na capital, achei melhor voltar para Palmeira dos Índios, onde já havia deixado um caso sentimental e onde minha família estava toda sendo dizimada pela bubônica”.<sup>24</sup>

Por meio da citação acima, obtivemos mais uma comprovação de que o narrador autobiográfico escreveu de si para si, ou seja, reminiscências dele enquanto criança sendo reescritas por um adulto que se via diante de muitas lembranças de um passado castigado pela rigidez, solidão física e emocional, da ausência da afetividade de seus familiares, em especial, seus pais. Uma solidão que se diferencia do real, pois não era que não tinha pessoas por perto, o que realmente não tinha, era a aceitação e apreço de seu pai e sua mãe, que nitidamente é percebido no decorrer da narrativa de sua vida. Estar e ter pessoas e se sentir só, ou seja, o descaso, os castigos e insignificância foram os motivos que lhe causaram a solidão de corpo e de alma.

---

<sup>23</sup> MENDES apud SALLA e LEBENSZTAYAN, O antimodernista: Graciliano Ramos e 1922. p.176. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2022

<sup>24</sup> Trecho da entrevista cedida a Homero Senna em 1948, Revista do Globo

### 3.4- Memórias e o olhar sobre a escola

No capítulo designado *A escola*, o narrador por meio de suas memórias a retrata como um ambiente que desempenha um papel ambíguo. Aborda a instituição com uma mistura de crítica e reflexão sobre a experiência educacional durante sua infância no sertão alagoano e também é descrito como um lugar desafiador, especialmente para um menino do sertão. O local muitas vezes hostil, com condições precárias e dificuldades de adaptação para os alunos. Não obstante, ainda, apresentou qual o conhecimento que detinha sobre tal instituição antes mesmo de frequentá-la; ou seja, qual a sua representação preconcebida:

A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me convencera de que realizassem a ameaça. A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. E nem me afoitava a incomodar as pessoas grandes com perguntas. Em consequência, possuía ideias absurdas, apanhadas em ditos ouvidos na cozinha, na loja, perto dos tabuleiros de gamão. A escola era horrível — e eu não podia negá-la como negara o inferno. Considerei a resolução de meus pais uma injustiça. Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a prisão, o exílio entre paredes escuras. Certamente haveria uma tábua para desconjuntar-me os dedos, um homem furioso a bradar-me noções esquivas. Lembrei-me do professor público, austero e cabeludo, arrepiei-me calculando o vigor daqueles braços. Não me defendi, não mostrei as razões que me fervilhavam na cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência (RAMOS, 2020 p. 127).

“A escola era horrível – e eu não podia negá-la”. Nessa afirmação, fica explícita a representação que o narrador possuía da escola e a impossibilidade de evitar esse infortúnio. A escola era um lugar para “onde se enviavam as crianças rebeldes”, aquelas que precisavam de correção. Isso soava como uma injustiça para com o menino, posto que ele se “comportava direito”. Mas não tinha opção: teria que conviver com essa adversidade, ir para a prisão e se exilar em “paredes escuras”.

O que chama atenção nessa visão do narrador em relação à escola é que essa ocorreu segundo a representação de outros, de “informações dignas de crédito”. De adultos talvez? Das ameaças recebidas? Talvez, essa representatividade que tinha, esse medo e esse pavor podem ter sido formados pelas “ideias absurdas, ouvidas na cozinha, na loja, perto dos

tabuleiros de gamão”, ou, talvez, em horas bronca, quando era repreendido pelos adultos ao ameaçando colocá-lo na escola. Diferente do inferno que não existia no plano da materialidade física e cotidiana das pessoas, a escola era diferente, pois era real, com características que podiam ser descritas por aqueles que detinham conhecimento.

Como a representação de escola ser horrível, o menino já pressentia que poderiam acontecer algumas crueldades, ainda mais se tivesse como modelo o seu pai, que ao ensiná-lo era cruel e sem medidas aos castigos. Certamente, haveria na escola e, mais observações foram feitas, um professor “austero e cabeludo”, furioso, pronto a machucar-lhe as mãos, com um pedaço de tábua – a palmatória. Assim como era acostumado ser tratado pelo pai, o menino já se apavorava apenas em pensar a força do braço do professor manejando a tábua a castigar-lhe as mãos: “arrepiei-me calculando o vigor daqueles braços”. E a tortura não ficou só no pensamento, mas já nos preparativos para ir à escola:

Trouxeram-me a roupa nova de fustão branco. Tentaram calçar-me os borzeguins amarelos: os pés tinham crescido e não houve meio de reduzi-los. Machucaram-me, comprimiram-me os ossos. As meias rasgavam-se, os borzeguins estavam secos, minguados. Não senti esfoladuras e advertências. As barbas do professor eram imponentes, os músculos do professor deviam ser tremendos. A roupa de fustão branco, engomada pela Rosenda, juntava-se a um gorro de palha. Os fragmentos da carta de ABC, pulverizados, atirados ao quintal, dançavam-me diante dos olhos. ‘A preguiça é a chave da pobreza. Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém. D, t, d, t’. Quem era Terteão? Um homem desconhecido. Iria o professor mandar-me explicar Terteão e a chave? Enorme tristeza por não perceber nenhuma simpatia em redor. Arranjavam impiedosos o sacrifício — e eu me deixava arrastar, mole e resignado, rês infeliz antevendo o matadouro. Suspenderam o suplício, experimentaram-me uns sapatos roxos de marroquim, folgados. Tive um largo suspiro de consolo passageiro. Pelo menos estava livre dos calos. Para que pensar no resto? Males inevitáveis iam chover em cima de mim. Joaquim Sabiá era feliz. D. Conceição, ocupada no oratório, dirigindo-se aos santos, largava-o na areia do beco (RAMOS, 2020, p.127-128).

A citação acima, representa a observação feita pelo narrador ao ser preparado para ir à escola, compor os alunos, a padronização dos uniformes, toda a paramentação necessária para entrar em uma escola, onde as regras eram feitas para serem seguidas, as exigências também, um modelo pronto para todos, sem exclusão de ninguém quanto ao seguimento das imposições. Sua visão era de mais uma vez ser apresentado ao desgosto, ao rigor sem direito às indagações. Fazia o que mandava, respeitava aos professores mesmo sendo castigado, não tinha o direito de questionar, era fazer e pronto. A perfeita definição da escola tradicional, a

escola do período patriarcal, a fim de construir o aluno, a escola e o professor ideais. Um modelo a ser seguido para gerar credibilidade da escola.

Outro aspecto sinalizado pelo narrador em relação à escola é sobre os conflitos e relações entre alunos e professores que o protagonista relata ter enfrentado, o medo e o pavor também fizeram parte da sua vida escolar. As memórias desse período retratam por parte do menino estudante, os desafios na relação entre educadores e educandos.

O protagonista enfrenta conflitos com os professores, a autoridade dos professores é questionada, e há uma representação das dificuldades de comunicação entre ambos:

Às vezes, porém, o espelho nos anunciava borrasca. O desgraçado não se achava liso e alvacento, azedava-se, repentina aspereza substituía a doçura comum. Arriava na cadeira, agitava-se, parecia mordido de pulgas. Tudo lhe cheirava mal. Segurava a palmatória como se quisesse derrubar com ela o mundo. E nós, meia dúzia de alunos, tremíamos da cólera maciça, tentávamos esconder-nos uns detrás dos outros [...] Por que se aperreava tanto? Insignificâncias (RAMOS, 2020, p. 212).

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (FREIRE, 2007, p. 86)

As percepções do narrador em relação às observações retratadas ao professor do final do século XIX, demonstra mais uma vez o autoritarismo, o mau humor e a ausência de afetividade no local onde para ele fora considerado como prisão, a escola. No entanto essa passagem pode ser analisada de acordo com o que defende Paulo Freire, a falta de preparação, dinamismo, o não acreditar e aceitar o conhecimento dos alunos, tornam-se uma barreira no processo de ensino-aprendizagem.

Para melhor compreensão da escola apresentada em *Infância*, é preciso consideração a compreensão da sociedade em que se estava inserido, buscando a análise da estrutura social, política e econômica, e assim entende-la de acordo com o contexto de crianças, adolescentes, da época. Uma sociedade onde as crianças tinham uma educação familiar autoritária, repleta de imposições, onde não podiam apresentar suas opiniões e muito menos fazer questionamentos. No entanto, o protagonista retrata o que sentiu falta em sua educação escolar, e como um adulto, tece suas críticas ao sistema educacional de sua época, necessidade de haver uma troca, (re) conhecer a importância de um intermediador, de ser impossibilitado de vivenciar a liberdade às suas escolhas e desfrutar de momentos prazerosos no âmbito escolar e professores que contribuísem para que suas memórias fossem resgatadas

com afetividade. Ademais, o narrador autobiográfico faz uso de sua voz de ex-aluno para explicar a sua visão de quem foi estudante e observou diferentes situações, dentre elas a importância da relação entre alunos e professores. Sendo até hoje o alicerce para um aprender prazeroso e significativo, com objetivos comuns e adequados à cada faixa etária.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade. (ABREU & MASETTO, 1990, p. 115).

Tendo como ponto de partida as observações do narrador por meio de suas memórias, entende-se que o seu inconformismo para tantas regras, de certa forma unificadas sem levar em consideração as diversidades de cada aluno, era mais uma imposição, e também relatando que a relação entre professores e alunos está vinculada a uma série de representações simbólicas, que uma hora ou outra, podem entrar em conflito no âmbito social ou cultural.

O narrador explora também o contraste entre a vida no sertão e a experiência escolar. O ambiente rural, com suas peculiaridades e desafios, é contrastado com o ambiente mais formal e estruturado da escola. Tanto as mudanças de cidades, quanto as das escolas e de professores que o deixaram marcas e permitiram reflexões acerca de cada um. Cada qual com as suas pontuações e observações e críticas compuseram a obra *Infância*. D. Maria, a professora que lembrara com carinho, os colegas, o uso da palmatória como punição por não saber e aprender; as lembranças das mãos inchadas por apanhar de seu pai ao realizar as atividades escolares com ele. Essa foi a impressão do narrador sobre a escola diante da visão de adulto, após passar muitos anos pela fase escolar.

De acordo com esse posicionamento do narrador em relação a escola, é possível pensar se esse ainda é um olhar dos alunos do século XXI. Será que podemos relacionar o presente ao passado? Perceber que as memórias do narrador são retratações de um passado refletindo o presente? Muitas são as evidências de que a escola de hoje pode ser comparada à escola do ontem, mesmo sabendo que mudanças aconteceram, melhorias surgiram, mas que ainda se encontram deficiências tanto no ensino como nas relações entre os envolvidos.

A obra destaca os desafios enfrentados pelo protagonista ao tentar aprender em um ambiente que nem sempre valorizou ou compreendeu as particularidades da vida no sertão, onde o aprendizado muitas vezes foi árduo e nem sempre adaptado à realidade dos alunos, como também podemos relacionar à nossa realidade escolar, *Infância*, uma obra completa que reflete sobre diferentes temáticas da vida do homem, da vida real para a literatura.

As memórias como bem já explanamos, são responsáveis para construção da história e na tentativa de compreender, entender o passado, as pessoas utilizam da palavra, das suas memórias e história. A linguagem permite flunar, propiciando a experiência por meio de releituras de fatos e a interpretação de acordo com o tempo e espaço. Aristóteles, na conhecida *Arte Poética*, estabeleceu que “[...] não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso e prosa [...], diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”. Fica, assim, a primeira circunscrita à verdade e a segunda à verossimilhança. O filósofo ainda diz que “a poesia é algo de mais filosófico e mais sério que a história, pois refere àquela principalmente o universal e esta o particular” (ARISTÓTELES, 2004, p. 43).

Dentro da visão de Aristóteles, citamos o que disse Graciliano Ramos em uma entrevista que encontramos em *O Antimodernista: Graciliano Ramos e 1922*, de Mio Salla e Ieda Lebensztayan:

- Nessa ocasião já tinha preocupação literárias?
- Lia muito e escrevia coisas que inutilizava ou publicava com pseudônimos?
- Quer revelar alguns desses pseudônimos?
- Você é besta ...
- Fazia versos?
- Aprendi isso, para chegar à prosa, que sempre achei muito difícil. (Salla & Lebensztayan, 2022, p. 150).

O narrador confirma o que defendia Aristóteles, ao dizer não ser importante se ele escrevia em versos ou prosa, que não se separa a arte da ficção, ou a realidade da ficção, que essência é como deseja apresentar onde o estilo escolhido fica a critério do escritor. A estratégia utilizada é uma característica singular de quem escreve, como muito bem fez o protagonista de *Infância*. Analisando textos, entende-se que a história pode adquirir plurissignificações, não dependendo de quem escreveu- seja ele um historiador ou um literato, um texto e sua identificação para com a história pode variar de pessoa para pessoa, podendo representar além do que está escrito, seja por meio da alegoria da literatura, ou até mesmo, pelas habilidades e competências desenvolvidas por meio do ensino-aprendizagem.

As memórias em *Infância* vão sendo pontuadas e as análises surgindo. Tendo como ponto de partida o primeiro capítulo, intitulado como *Nuvens*, identificamos uma das suas primeiras lembranças do mundo ao entorno de Graciliano Ramos, as do período em que frequentou as primeiras escolas, o que nos reporta ao exercício de alfabetização e leva-nos à primeira representação reconstruída pelo autor referente à escola a também ao professor:

Achava-me numa sala vasta, de paredes sujas. Com certeza não era vasta, como presumi: visitei outras semelhantes, bem mesquinhas. Contudo pareceu-me enorme. Defronte alargava-se um pátio, enorme também, e no fim do pátio cresciam árvores enormes, carregadas de pitombas. Alguém mudou as pitombas em laranjas. Não gostei da correção: laranjas, provavelmente já vistas, nada significavam. A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: - Um *b* com um *a-b*, *a:ba*; um *b* com um *e-b*, *e: b-e*. Assim por diante até *u* (RAMOS, 2020, p.8).

Guarda-se na memória fatos que marcam de alguma forma, assim foi para o narrador ao iniciar sua narrativa de vida relatando aos seus leitores a representação da escola e do professor revelando que dentre as suas primeiras lembranças, a escola ficou fixada.

Dentro do âmbito educacional, *Infância*, é uma obra que revela ser a escola a instituição que atua na transmissão das primeiras letras, da leitura, da interpretação, dos conhecimentos científicos e dos saberes necessários que historicamente a humanidade acumulou. Apesar das dificuldades encontradas pelo narrador em sua fase escolar, ele não negou a sua importância e a preservou em sua memória.

O narrador autobiográfico traz em suas memórias a escola como um ambiente desafiador e muitas vezes difícil para ele. Descreve na narrativa a experiência escolar com um olhar crítico, destacando as limitações do sistema educacional da época, as dificuldades e o medo que ele enfrentou como aluno:

Vozes impacientes subiam, transformavam-se em gritos, furavam-me os ouvidos, as minhas mãos suadas se encolhiam, experimentando nas palmas o rigor das pancadas; uma corda me apertava a garganta, suprimia; e as duas consoantes inimigas dançavam: *d*, *t*. Esforçava-me por esquecê-las resolvendo a terra, construindo montes, abrindo rios e açudes (RAMOS, 2020, p. 124).

A escola é retratada como um lugar onde as crianças muitas vezes eram tratadas de maneira autoritária e assombrosa, as estratégias e as atitudes dos professores apresentadas de forma rígida, onde o aluno se via constantemente pressionado e impossibilitado de errar, ou seria punido como cita o rigor das pancadas. O primeiro contato com as letras já havia sido penoso, as quais foram apresentadas pelo próprio pai e o pânico do narrador começou por aí: “A culpa era do meu pai. Muitas vezes me havia insultado, excedera-se em punições por causa de duas letras, que intentava eliminar de chofre” (RAMOS, 2020, p. 125).

É notório que o pai do narrador teve influências negativas no período da aprendizagem escolar também, e por meio das memórias do adulto retrata episódios que confirmam a responsabilidade paterna pela sua dificuldade - com as letras, o medo em errar que o acompanhou e deixa registrado a crítica quanto à conduta do pai diante das imposições.



Em resumo, a personagem protagonista apresenta a escola em sua autobiografia como um ambiente desafiador, marcado por dificuldades e limitações, mas que também influenciou sua visão de mundo e sua formação como indivíduo e vai tecendo informações mais precisas de suas lembranças escolares:

Em escolas primárias da roça ouvi cantarem a soletração de várias maneiras. Nenhuma como aquela, e a toada única, as letras e as pitombas convencem-me de que a sala, as árvores, transformadas em laranjeiras, os bancos, a mesa, o professor e os alunos existiram. Tudo é bem nítido, muito mais nítido que o vaso. Em pé, tinha junto ao barbado, uma grande moça, que para o futuro adquiriu os traços de minha irmã natural, tinha nas mãos um folheto e gemia:- A, B, C, D, E (RAMOS, 2020, p.8-9).

Este episódio, representa as memórias de quando o narrador e sua família estão de mudança de Quebrangulo-AL para Buíque- PE em 1895.No novo ambiente, ele percebe o professor, as crianças, a silabação, a cartilha e assim vai resgatando suas lembranças e a primeira representação da escola é como um ambiente acolhedor, agradável, a forma como as crianças cantavam a soletração das letras do alfabeto o impactou e aquelas cenas o fez registrar em sua memória como um fato marcante a ser rememorado. Entender como o narrador apresenta a sua trajetória com a alfabetização e, conseqüentemente a escola, identifica-se a visão de quem aprende, a forma como o aluno se vê diante do aprender.

A partir da leitura, mediante aos escritos autobiográficos é possível analisar as metodologias de ensino utilizadas em meados no final do século XIX e para ser mais específico, no nordeste brasileiro. No entanto, buscando pressupostos para analisar a aprendizagem do narrador, nos baseamos no que defende Solé: “[...] as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. [...] o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias [...] parece ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura” (SOLÉ, 1998, p.54).

Mais uma interpretação relevante é possível fazer em relação à escola apresentada em *Infância*, o apoio familiar como um instrumento indispensável para o desenvolvimento escolar dos alunos, a parceria família e escola é o caminho para uma educação de excelência. Chegamos à essa conclusão mediante as memórias da obra, por apresentar um narrador em que a situação com ele foi diferente; primeiro que a mãe não sabia ler como o esperado, e o pai não tinha paciência para ensinar, ou melhor, ao invés de ajudar era visto como um assombro para os seus estudos. Assim, percebe-se que a análise do passado do narrador sobre as dificuldades que as famílias encontravam para acompanhar os filhos na vida escolar, ainda é um fato real, confirmando que na literatura há essa relação entre o real e o imaginário.

Outro aspecto observado no âmbito escolar é a época que o protagonista estava na idade de ir para a escola, apesar de já ser um direito para todos, ainda era comum apenas que as famílias mais abastadas frequentassem regularmente as aulas. Por ter esse entendimento, o pai dele tentava o convencer dizendo que quem dominasse a leitura e a escrita tornava-se importante: “Meu pai tentou avisar-me a curiosidade valorizando com energia as linhas mal impressas, falhadas, antipáticas. Afirmou que as pessoas familiarizadas com elas dispunham de armas terríveis” (RAMOS,2020, p. 116). Mas mesmo assim, ao ouvir de seu pai sobre o valor das letras não se convenceu de tal importância: “Isto me pareceu absurdo: os traços insignificantes não tinham feição perigosa de armas. Ouvi os louvores incrédulo” (*idem*, 115).

Ensinar não é uma tarefa fácil, mas despertar no aprendiz o interesse e gosto pelo aprender torna-se ainda mais desafiador ao educador. As práticas educacionais da época eram impostas, e de acordo com a visão do narrador, eram inúteis; os professores não entendiam e nem sequer se preocupavam com as diferenças, as individualidades, era algo pronto e acabado, e isso, causava desconforto a ele. Mais uma vez o menino se via mediante a uma situação de que tudo era imposto, o que demonstrou ainda mais o desinteresse pela escola: “Aí meu pai me perguntou se eu não desejava inteirar-me daquelas maravilhas, tornar-me um sujeito sabido como padre José Inácio e o advogado Bento Américo” (*idem*, p. 115-116).

Como bem já mencionamos, o narrador autobiográfico apresentou uma escrita em defesa dos mais fracos, dos oprimidos, dos injustiçados socialmente, e para ele, ser alguém ilustre não fazia a diferença, como podemos ver que valorizava mais o amigo, moleque José, funcionário de seu pai, do que o padre Inácio:

Respondi que não. Padre João Inácio me fazia medo e o advogado Bento Américo, notável na opinião do júri, residia longe da vila e não me interessava. Meu pai insistiu em considerar esses dois homens como padrões e relacionou-os com as cartilhas da prateleira. Largou pela segunda vez a interrogação pérfida. Não me sentia propenso a adivinhar os sinais pretos no papel amarelo? (RAMOS, 2020, p. 116).

A conclusão que o protagonista chegou foi que se as letras realmente eram importantes assim como as personagens citadas no trecho acima, e por também serem comparadas às cartilhas, com toda certeza para ele não era realmente o que admirava, e naquele momento apresentou mais um julgamento em relação às classes sociais. Como poderiam ser as letras um poder se eram comparadas às pessoas que não admirava? O sentido do aprender para o narrador de acordo com a exemplificação de seu pai só o levou a desacreditar no que realmente era a aprendizagem e o que de bom ele poderia receber ao aprender ler e escrever.

Por ser sempre obrigado a fazer o que lhe impunham, a atitude do pai em consultar o menino antes de determinar que teria que aprender de qualquer jeito causou ao garoto insegurança: “O que estaria para acontecer?” (RAMOS, 2020, p. 116).

As impressões de desconfiança do narrador em relação a atitude de consultá-lo antes de tomar a decisão, causou-lhe sentimentos de apreensão, dúvidas e claro, o medo das possíveis atitudes paterna, que não brincava de faz de conta, com ele não tinha vez de escolher o que ou não fazer. E dessa forma: “[...] a aprendizagem começou ali mesmo, com a indicação de cinco letras já conhecidas de nome, as que a moça da escola rural, balbuciava junto ao mestre barbado” (RAMOS, 2020, p.116). Como era o esperado seu pai ignorara a sua opinião de não querer aprender e, sem ter outro caminho a seguir, o narrador foi obrigado a aprender com quem mais temia, o seu próprio pai.

O protagonista menciona que a partir daquela apresentação das vogais foram surgindo outras letras, depois outras e: “[...] iniciou-se a escravidão imposta arditosamente. Condenaram-me à tarefa odiosa, e como não me era possível realizá-la convenientemente, as horas se dobravam, todo o tempo se consumia nela” (*idem, p.117*). Mais uma vez o menino se vê diante do pavor, pois sabia ele muito bem que com o seu pai não havia diálogo e muito menos acordo, e assim, se viu diante das temíveis punições, só que agora era com um côvado-pedaço de madeira- que o fazia paralisar ao iniciar a leitura perante ao pai:

Resisti, ele teimou- e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e asustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas- e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pequeno pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos (RAMOS, 2020, p. 117).

O menino relata que quando estava sozinho não se atrapalhava tanto, mas quando seu pai se fazia presente ele era silenciado e se via travado perante às atividades diárias da escola que eram aplicadas pelo patriarca. Mais uma vez pode -se afirmar o quanto temia à figura paterna, o medo era constante, pois temia o que ele era capaz de fazer caso não sáisse do seu jeito a leitura e a escrita e tudo começava com o chamado, segundo Graciliano:

Levantava-me, com baque por dentro, dirigiu-me à sala, gelado. E emburrava: a língua fugia dos dentes, enrolava ruídos confusos. Livrava-me do aperto crismando as consoantes difíceis: o T era um boi, o D uma peruinha. Meu pai até rira da inovação, mas retomara depressa a exigência e a gravidade. Impossível contentá-lo, E o Côvado me batia nas mãos”. (RAMOS, 2020, p.118-119)

Após momentos de tortura, ao tentar ler e escrever, o menino ia se repousar sozinho, no banco da sala de jantar tentando aliviar os incômodos nas mãos e esquecer as palpitações dolorosas. Por alguns momentos, o menino pensava estar louco e até mesmo chegava a pensar que o pesadelo poderia chegar ao fim. Mas infelizmente, em instantes, os atos violentos teriam início, berros, descontrole e mais uma vez o pedaço de madeira a martelar as mãos machucadas. Esse é mais um episódio que causa ao leitor a sensação de covardia e injustiça, onde aprender tornou-se um ato de muitas dores ao menino.

Desse dia em diante, começaram as torturas do *ABC* novamente, cartilhas com imposições, professores que lhe causaram pavor e medo: “As barbas do professor eram imponentes, os músculos do professor deviam ser tremendos” (RAMOS, 2020.p.127-128)”. D. Maria era uma professora que protagonista não teve muitos problemas, mas mesmo assim, desconfiava do o seu jeitinho de falar suave: “D. Maria nunca o manejou. Nem sequer recorria às ameaças” (RAMOS, 2020.p.134). Como não era acostumado com pessoas jeitosas, o menino desconfiava de que pudesse ser alguma sugestão de seu pai que ela agisse assim, e, que mais tarde o patriarca viria a castigá-lo.

A experiência do narrador na escola fora traumática, mais uma vez se viu diante das imposições e passou a considerá-la como uma prisão e com possíveis castigos:

Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a prisão, o exílio entre paredes escuras. Certamente haveria uma tábua para desconjuntar-me os dedos, um homem furioso a bradar-me noções esquivas. Lembrei-me do professor público, austero e cabeludo, arrepiei-me calculando o vigor daqueles braços. Não me defendi, não mostrei as razões que fervilhavam na cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência (RAMOS, 2020, p. 127).

Como bem podemos perceber , mais uma experiência que retrata as dificuldades que o autobiográfico passou ao adentrar na escola, e que pode ser relacionada às crianças que estudam e não são motivadas e nem tão pouco entendem o significado do ensino e, mais uma vez temos em *Infância*, a representatividade não apenas do narrador em sua fase de escola, mas que ainda pode se notar nas instituições de ensino as incoerências aos métodos, ou seja, temos mais uma temática na obra que abrange o presente, sendo Graciliano Ramos, por meio da criação do narrador, apresenta uma voz que denuncia não apenas a si mesmo, mas as durezas da vida, da coletividade.

No entanto, após vários episódios relatados sobre a escola, aos poucos, a imagem da instituição como um ambiente de horror passou por uma lenta revisão, cujo princípio

foi desencadeado pelas atitudes de uma importante referência, a professora primária Dona Maria, atestando que: “Cada um de nós conserva imagens inesquecíveis dos primeiros dias de aula e da lenta odisséia pedagógica a que se deve o desenvolvimento do nosso espírito e, em larga medida, a formação da nossa personalidade.[...] (GUSDORF, 1978, p.7). Por meio desta citação, pode-se perguntar: Quem não se lembra de sua primeira professora? Dos seus anos de escola? Das brincadeiras no pátio? Do lanche? De amigos e até mesmo as broncas? Das punições recebidas pelos erros? Ou seja, o narrador traz por meio de suas memórias fatos de um passado preservados por terem o marcado, e querendo ou não, acabam sendo revividas em alguns momentos.

No capítulo, *Barão de Macaúbas*, que se refere à experiência que teve com um livro “Principiei a leitura com má vontade” (RAMOS, 2020, p. 141). O menino iniciou uma nova fase de sua vida escolar onde o protagonista lança muitas críticas à inadequação dos métodos aplicados na escola, o uso da linguagem rebuscada trabalhada no material. Por ter uma linguagem mais trabalhada e mais difícil de ser compreendida ao comparado com a forma como D. Maria, a sua antiga professora, o ensinava, julgou-a fantasiosa pois tudo era diferente naquela nova escola. Como as dificuldades foram só aumentando, ele se referiu ao livro como um enigma difícil de ser desvendado: “Podemos entender bem isso? Não: é um mistério” (RAMOS, 2020, p. 143).

As dificuldades ainda estavam presentes, porém, o progresso em sua trajetória pedagógica começa a tomar muitos caminhos, como podemos citar o encontro com o texto *O menino da mata e o seu cão Piloto*. É esse também o título de um dos capítulos do livro *Infância*, no qual, entre outros aspectos, traz mais uma situação de curiosidade do menino-escritor. Com o auxílio do dicionário, passou a entender lentamente o significado do que lia... “Arranjava-me lentamente, procurando as definições de quase todas as palavras, como quem decifra uma língua desconhecida. O trabalho era penoso, mas a história me prendia, talvez por tratar de uma criança abandonada [...]” (RAMOS, 2020, p. 236).

Ao oposto do momento, em que folheou a *Carta de ABC* por acaso, que era totalmente desconhecida para ele, ao ler o livro, *O Menino da Mata e o seu Cão Piloto*, o narrador dedica-se à leitura apesar da crítica depreciativa de Emília, a personagem, sua prima, que o orientou a não ler pois seu autor não era católico, sendo uma marca da imposição da religião. Devido ao ensinamento religioso da época, o narrador fica em dúvida se devesse ler ou não, mas no fundo sentia não haver lógica em tal critério. Então, mesmo sendo instruído pela

prima, ele se dedica ao volume, porém sai frustrado, pois as personagens morrem. Segundo o narrador, não houve alívio e nem compensação da dor da vida que eles levavam.

Não conformado com tais julgamentos sobre o livro *O menino da mata e o seu cão Piloto*, ele decide ler e descobre que tudo isso era o embate no campo da religião mediante diferenças e tensões entre católicos e protestantes:

Em casa mostrei o achado a Emília, descrevi o menino, a mata e o cachorro. Nenhum sinal de aprovação. Emília arregalou os olhos, atentou horrorizada no folheto, pegou-o com as pontas dos dedos, soltou-o, como se ele estivesse sujo, aconselhou-me a não o ler. Aquilo era pecado. Aventurei-me a discutir. Minha prima se enganava: no conto havia um menino e um cachorro excelentes. Recuou, muito pálida, receosa de se contaminar, e virou o rosto. Pecado. \_\_ Pecado por quê, Emília? Porque o livro era excomungado, escrito por um sujeito ruim, protestante, para enganar os tolos. Objetei que o menino e o cachorro procediam cristãos (RAMOS, 2020, p. 237).

A cada detalhe apresentado, é revelada a presença da imposição não apenas a ele enquanto criança, mas há a presença do que era imposto à sociedade da época, como a religião católica, que era a dominante, impunha e determinava o que era correto ou não; mas que também já apresentava as suas incoerências e que fora observada pelo narrador: “Padre João Inácio era pobre e tinha credores, que dominavam. Conseguia cheio de necessidades, exibir independência, injuriar, gritar” (idem, p.72). Nem os padres daquela época ficaram livres das críticas do narrador, observados e rememorados, ou seja, deixaram marcas no adulto. Aos poucos a criança atormentada perde espaço para o adolescente que vem surgindo e, posteriormente, o escritor. Assim, faz rememorações das suas mais variadas experiências, das suas lembranças de menino que possibilitaram não apenas a sua educação familiar, mas a educacional, a religiosa, ou seja, a construção em si do adulto que se formou.

O protagonista transformou as suas dificuldades em caminhos para exteriorizar seus sentimentos, demonstrar sua formação enquanto ser humano, leitor e escritor e, acima de tudo com as durezas que enfrentou para chegar no ápice da literatura:

Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, língua estranha, as filhas do Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados. Um desses barões era provavelmente o de Macaúbas, o dos passarinhos, da mosca, da teia de aranha, da pontuação. Deus me perdoe.” (RAMOS, 2020.p.146)

Entende-se por meio das críticas que o adulto fez em relação às condições da escola, da sua aprendizagem e das técnicas utilizadas durante seus anos escolares foram precisas, as

quais lhe renderam cicatrizes que não puderam ser apagadas. No âmbito escolar, afirma que ninguém frequenta uma escola ideal, e sim, frequenta-se àquela que é possível frequentar quando não há uma outra solução. As representações das escolas frequentadas pelo menino, não eram as ideais de acordo com o seu ponto de vista, tinham muitas coisas para ser alteradas, inclusive o autoritarismo dos professores, as imposições de ensino, a adequação dos conteúdos e, claro o preparo dos professores. Mas essas eram as escolas que tinham para todos.

A visão do personagem protagonista sobre a educação do final do século XIX, faz com que se reflita sobre a educação de hoje. Será que mudou? Continuam as imposições radicais? Os mestres estão mais aptos às diferenças e mudanças? Continuam sendo para todos? Sendo prisões sociais e culturais? E tomemos como Paulo Freire para apresentar o papel da escola:

Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo. (FREIRE,1991, p. 24)

No entanto, não é essa a visão do narrador autobiográfico ao retratar suas memórias sobre a escola de sua época, o que foi apresentado até aqui foi uma visão geral da presença das dificuldades encontradas pelas crianças não apenas daquela época, mas que ainda perpetuam, educação muitas vezes não desejada, mas que precisa ser aceita, e focar na preparação de indivíduos proativos, interessados e dispostos a fazer de sua voz e experiências um caminho para o sucesso. Assim, como o autobiográfico, que apesar de tantas labutas, dores e sofrimento conseguiu o superar, onde as letras eram suas maiores inimigas, e, delas a fez defesa e luta do que julgasse necessário.

Afirmou o narrador: “Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno. Resignei-me- e venci as malvadas (RAMOS, 2020, p. 118). Das dificuldades enfrentadas, a escola o impactou, mas entende-se que também houve impacto positivo apesar das barreiras e tormentos. A leitura e a escrita que eram vistas como o inferno, passou a ser realmente o poder que o seu pai dizia ter que realmente dominasse as palavras. No momento que ouvira de seu pai conhecendo que quem dominasse a escrita e a leitura seria reconhecido e poderoso, desacreditou, e no exato momento não conseguira entender, mas que na sua fase adulta pôde fazer uso do poder e da habilidade escrita.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas mediante à aprendizagem das letras, escrita e leitura, a descrição que o narrador tange quanto à procura de livros da biblioteca do tabelião de sua cidade, mostra que ele não mediu esforços para ampliar sua leitura e, de pouco a pouco passou por uma transformação.

Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças, coisas até então desconhecidas. Em falta disso, agarrava-me a jornais e almanaques, decifrava as efemérides e anedotas das folhinhas. Esses retalhos me excitavam o desejo, que se ia transformando em ideia fixa (RAMOS, 2020, p. 247).

A transformação ia surtindo efeito, aquilo que era o empecilho para a desenvoltura da leitura tornou-se caminho que o distanciou da infância e o fez seguir como um adulto: com o seu jeito crítico de ver o mundo, a sua coesão ao escrever, o seu pessimismo, as marcas de suas vivências registradas em suas obras, a sua preocupação com as injustiças sociais, o seu realismo ao apresentar cada detalhe e a forma direta de retratar as durezas da vida. No entanto, a todo instante, manteve-se firme e resolutivo em suas convicções e, não mediu esforços para fazer de seus escritos denúncias e pontos de vistas daquilo que pensava e não era de acordo.

Pode-se afirmar que o narrador autobiográfico assumiu um compromisso com a realidade, escreveu e deixou registros de uma construção estilística singular. Apresentamos o que Dênis Moraes retrata sobre a opinião de Octávio de Faria em relação a sedução de Graciliano Ramos persistir mesmo com o passar do tempo:

Por que o tempo passa e Graciliano Ramos persiste na sedução? Octávio de Faria daria a pista: a identificação autor-leitor em Graciliano se fundamenta na escolha do homem como fenômeno básico de seu testemunho, que, completaria Tristão de Athayde, tem o condão de integrar ao “fogo da paixão social que sempre o empolgou”, a serenidade de uma mensagem tecnicamente perfeita. Humanismo, eis a palavra-chave para tentarmos decifrar o mistério profundo de Graciliano. Humanismo que o vincula, a um só tempo, ao estatuto universal da essência humana e aos valores arraigados da alma brasileira, com seus fantasmas, perplexidades, atrofias e ambições. Humanismo que, notaria Antonio Candido, é estranhamente capaz de aumentar (a dele, a nossa) capacidade de compreender e perdoar até quando nos amontoam como bichos no exíguo domínio da discriminação. Humanismo que extrai da tragédia o sumo dialético para a utopia da redenção. Humanismo na direção proposta por Carlos Nelson Coutinho: o realismo crítico de seus livros impulsiona as lutas individuais, no interior deste mundo alienado ou em oposição a ele, em busca de um sentido para a vida – única forma de fazer frente à alienação. “A defesa dos valores do humanismo só se tornou possível porque Graciliano se colocou do ponto de vista de um grupo social que ‘criticava’ a sociedade, que expressava em suas práxis uma potencial subversão da ordem vigente, do mundo alienado e do cárcere da solidão”. É preciso, por fim, endossar o crítico José Carlos Garbuglio quando ele relaciona o humanismo do romancista ao seu trabalho consciente como criador e a seus compromissos com a sociedade. “Graciliano contribuiu para a compreensão de alguns dos males de que padece o



mundo letrado brasileiro, enquanto chama a atenção do escritor para suas responsabilidades nos destinos da cultura (MORAES, 2012, p.302).

Graciliano Ramos não apenas escreveu, ele permaneceu e permanecerá sendo estudado por trazer uma literatura atemporal, fatos que traduzem o homem, em especial o povo nordestino, a quem se dedicou em seus escritos. A sua representatividade na literatura é mérito da sua capacidade que adquiriu com a escrita. O seu compromisso para com a realidade e as dores provocadas por elas fez com que ele construísse narrativas que dialogam com o leitor e as suas expectativas.

As experiências do narrador autobiográfico menino, contadas por sua versão adulta, revelam a crueza da educação familiar nordestina e também do ensino tradicional escolar, quase numa antecipação da dura realidade de seca e miséria enfrentada pelos sertanejos há muito tempo. Nesse sentido, em *Infância e Vidas Secas*, Alfredo Bosi (2010) ressalta que:

A educação sertaneja, tal como Graciliano a mostra em *Infância* e em *Vidas secas*, não pode prescindir do inferno, pois é um aprendizado brutal de que é preciso temer o outro, a Natureza, o acaso. O cotidiano deve conformar-se com as leis da gravidade, leis de determinação natural e social que cortam as asas à fantasia e constroem a mente a preparar-se para sofrer o ciclo imperioso da escassez (BOSI, 2010, p. 33)

Dentro da perspectiva de Bosi, entendemos que é fato que o narrador entendeu como poucos os nordestinos numa relação de reciprocidade, pois também vivenciou e sofreu com os métodos educativos, tanto familiar patriarcal, quanto escolar. O que justifica ser as suas reflexões por meio da escrita meras exposições de misérias em diferentes contextos ou até mesmo por manter um olhar observador, contudo, participativo. Além de tudo, relatou que conviveu com diferentes classes sociais, vivenciou as realidades de lados opostos, e assim, pôde narrar as dificuldades do povo.

A dureza como teve que aprender a ser, a conviver e a se tornar um apreciador das palavras faz com que entendamos que para ele e para o outro nada fora fácil, mas graças à literatura se sobressaiu e veio a fazer uso de seus conhecimentos de vida e escolar para apresentar coincidências presentes, ou não, na vida real e na ficção.

### 3.5- Personagens e suas marcas deixadas em Graciliano Ramos

Escolhemos iniciar este subcapítulo parafraseando uma frase de Antoine de Saint-Exupéry, autor do clássico *O Pequeno Príncipe*: Todos aqueles que passam em nossa vida, leva um pouco de nós e deixa um pouco de si, e assim identificamos na autobiografia as marcas deixadas pelas pessoas que passaram pela vida do narrador. E dentro desse viés defende Maurice Halbwachs:

Desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo<sup>25</sup>

Halbwachs, em *Memórias coletivas*, permite-nos entender que em *Infância*, que as personagens são apresentadas como parte da história do narrador, que por meio de uma etapa sensitiva de menino, busca ressignificações das imagens e fatos de um passado marcado pela nebulosidade em: “Surgiram repentinamente a sala espaçosa, o velho, as crianças, a moça, bancos, árvores, sujeitos sem camisas brancas” (RAMOS, 2020, p. 9). Como se percebe o narrador vai revisitando e seu passado e ressignificando os fatos. Nas diferentes temáticas, além de todas as apresentadas até aqui, faz-se necessário apresentar a retratação das personagens na obra e suas contribuições, no autobiográfico.

Sem dúvida alguma as personagens descritas na obra *Infância* que mais deixam o leitor impactado, são os seus pais, apresentados como pessoas de comportamentos indesejáveis e que já foram detalhados no decorrer desta dissertação.

A constituição e construção das mesmas foram detalhadamente trabalhada pelo narrador, uns sendo vistos como pessoas dignas e importantes com marcas de sentimentos positivos e algumas com marcas negativas. Apresentaremos aqueles que mais nos chamou atenção e nos impactou.

Já no início da narrativa, o protagonista apresenta as primeiras personagens, que a nosso ver, possivelmente marcaram a vida dele, por representar as primeiras pessoas a serem lembradas: “Amaro vaqueiro, caboclo triste, encourado num gibão roto; sinhá Leopoldina, companheira dele [...] José Baía que tornou-se meu amigo, com barulho, exclamações,

<sup>25</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1950.

onomatopeias e gargalhadas” (RAMOS, 2020, p. 10). São personagens retratadas de uma certa forma com carinho, os quais conseguiram evitar que fossem adjetivados negativamente.

Outra personagem apresentada foi o moleque José, que dentro da narrativa foi descrito como o empregado do pai de Graciliano Ramos, que também era vítima dos castigos e punições severas. O moleque era filho de uma escrava, Quitéria, que trabalhava na fazenda da família do narrador. Na autobiografia, a personagem é apresentada em um determinado momento como superior ao menino, devido julgar ter mais experiências, como pode ser percebido na citação a seguir: “Certo dia um se aproximou de mim, puxou conversa usando palavras misteriosas. José interveio: - Cala a boca. Ele não entende isso. Entristeci, humilhado por anunciarem a minha ignorância.” (RAMOS, 2020, p. 91).

Apesar do narrador ter se entristecido com a atitude do amigo, a nosso ver, não entendemos como uma forma de julgamento de teor insignificante, mas sim, como uma atitude de protegê-lo. José da Luz, também foi um capítulo destinado ao policial da vila, que por sinal lhe causava medo, assim como o Padre Inácio. Segundo o narrador: “Resumiram-me o valor dessas autoridades, que admirei e temi de longe, mas quando elas se aproximaram, só o vigário manteve a reputação. José da Luz desprestigiou-se logo” (RAMOS, 2020, p. 103). Como as impressões que tinham da escola foram sendo amenizadas, com José da Luz foi a mesma coisa, o medo transformou-se em amizade, pois com esse personagem tinha a liberdade para conversar sem a intenção de ser humilhado ou reprimido.

Já na escola, as personagens apresentadas que lhe despertou apreço fora d. Maria, a professora que segundo ele falava baixinho, em um tom sereno, o que o deixava desconfiado por não ser acostumado com quem falasse calmamente. Segundo o narrador, ela não era triste e nem alegre e não tinha a capacidade de magoar os outros: “D. Maria escutou-me” (RAMOS, 2020, p. 138). A demonstração de carinho se fez presente, algo difícil de se encontrar na autobiografia.

O que torna-se interessante na relação entre a professora e o menino é o fato de ser ela uma das poucas pessoas que o dera atenção, ou seja, o ouviu, aceitou as suas fraquezas sem causar-lhe pavor e segundo ele: “Nessa paz misericordiosa os meus desgostos ordinários se entorpeceram, uma estranha confiança me atirava à santa de cabelos brancos, aliviava-me o coração” (idem, p. 138). A raridade em apresentar sentimentos bons ocorre neste capítulo, que foi destinado a quem lhe impactou, nesse caso, de uma forma positiva. E é aqui que se tira a conclusão de que o narrador demonstra a diferença em entender o próximo, assim como fizera a professora e que conseqüentemente o adulto se inteirava dos fatos para compreender a si e ao às personagens de seu meio.

No entanto, não são apenas os pais que são caracterizados como seres medonhos, considerados insuportáveis e desagradáveis, tem-se também Fernando, uma personagem o qual teve um capítulo destinado a ele, mas infelizmente deixando marcas negativas no narrador:

É uma das recordações mais desagradáveis que me ficaram: sujeito magro, de olho escuro, aspecto tenebroso. Não me lembro de o ter visto sorrir. A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente. Fernando era assim. E junto a isso qualquer coisa de frio, úmido, viscoso, que me dava a absurda impressão de uma lesma vertebrada e muito rápida (RAMOS, 2020, p. 241).

Além de ser uma personagem protegida do coronelismo da região, Fernando se dedicava a vários crimes, até mesmo abusava sexualmente de mulheres: “Cresci ouvindo as piores referências a Fernando. Se fosse tão mau como afirmavam, não existia patife igual” (idem, p. 241). Como é possível perceber, as características apresentadas a essa personagem são fortes e negativas, onde mais uma vez o narrador se viu diante da covardia e violência, não para com ele, mas mesmo assim, fez questão de deixar registrado em sua obra o ser que lhe causara pavor, além dos pais.

Segundo Halbwachs:

[...] na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo em mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro das tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas basta que a atenção se volte para esse lado para que nos apercebemos que os costumes modernos pousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar (HALBWACHS, 1950, p. 68).

Dentro do viés do que defende Halbwachs, nota-se que em *Infância*, o narrador autobiográfico apresenta o passado as vezes até inconscientemente, mas transferindo aos seus leitores costumes, fatos e personagens que compuseram a sua história.

A apresentação da personagem Venta- Romba, um mendigo, que também recebera destaque ao ter um capítulo exclusivo para ele. Pode-se afirmar que as impressões das injustiças transcritas no capítulo *Cinturão* foram mais uma vez evidenciadas. No capítulo Venta- Romba, o pai do narrador se torna uma autoridade, é nomeado com um juiz substituto. Foi nesse período, que um dia, o mendigo, adentra pela casa da família do narrador para pedir esmolas. Mas acaba causando tumulto. O fato de ter se paralisado perante à mãe do menino levou- a considerar uma afronta, mas na realidade ele não entendeu o pedido para se retirar.

No mesmo instante, chega o pai, com um soldado e determina a prisão e, mesmo sendo indagados pelo mendigo do porquê estava sendo preso não mudaram de ideia, o levaram para a cadeia. Entende-se que o motivo de não voltarem atrás da decisão,

representaria uma afronta ainda maior às autoridades presentes, uma vez que quem detinha o poder mandava e quem não detinha, respeitava e, a ele, não era dado o direito de reivindicar.

Mais uma vez, o narrador se viu diante de um fato que lhe ocasionou repúdio e desconfiança em relação às autoridades da justiça, isso, após presenciar mais um abuso de poder presente na sociedade daquela época. Nota-se por meio de suas memórias que após esse episódio o narrador diz ter se tornado desafiador:

Eu experimentava o desgosto, repugnância, um vago remorso. Não arriscava uma palavra de misericórdia. Nada obteria com a intervenção, certamente prejudicial, mas devia ter afrontado as consequências dela. Testemunhara uma iniquidade e achava-se cúmplice. Covardia. Mais tarde, quando os castigos cessaram, tornei-me em casa insolente e grosseiro- e julgo que a prisão de Venta-Romba influiu nisto. Deve ter contribuído também para a desconfiança que a autoridade me inspira (RAMOS, 2020, p. 261-262).

Notoriamente, *Infância*, possibilita a identificação da criticidade protagonista, da sua visão de um adulto que retorna ao seu passado para apresentar as suas reflexões sobre fatos de sua vida desde os primeiros anos de vida. E é nesse episódio que é possível perceber que o narrador se apresenta diferente e intensificado a sua insatisfação para com as condutas descabidas da justiça. A cada relato identificamos o conhecimento daquilo que falava e criticava, não impedindo a presença da fabulação. As marcas de sua indignação se fazem presente não apenas nessa citação em que presencia um mendigo sendo preso injustamente. Isso para ele foi considerado covardia, e não se conformou com tal atitude, mas como sempre, nada podia fazer, ou sofreria as punições também.

Indignação para com as atitudes das desigualdades, o sentimento negativo sobre os pais, a sua realidade com o sistema educacional e outros episódios são apresentadas sob uma visão de inconformidade, não concordava em ver pessoas sendo superiores a outras. Em relação a essas diferenças no tratamento por imposições sociais que pode ser percebida por meio das atitudes do personagem Fernando, já apresentado anteriormente, e definida como uma das pessoas mais terríveis que ele teve o desprazer em conhecer. Seus crimes segundo o narrador eram hediondos e nem por isso era punido. Mas o mendigo sim, pois não representava a elite e nem tinha ninguém para o proteger. A presença de mais uma impressão negativa protagonista em relação à sociedade seletiva da época o qual estava inserido.

Ninguém se desenvolve como ser humano sozinho, tem-se a participação de pessoas em diferentes momentos da vida que serão lembradas com estimo e, outras com desprezo, como bem é apresentado na autobiografia. Trouxe relatos de pessoas que mereceram carinho, mas apresentou aquelas que o marcaram negativamente. No entanto, buscamos analisar

algumas personagens da obra, aqueles que também nos impactaram, que chamaram a nossa atenção pelo fato de como foram lembrados pelo narrador.

Essa investigação analítica de *Infância* nos deixou impactados com a semelhança dos fatos apresentados com a realidade fora do livro, facilmente nos vimos diante de situações e temáticas que também são notadas na vida real, como a luta pelas causas sociais.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou o momento de elucidar as considerações finais da nossa dissertação: “Graciliano Ramos, ele mesmo e os outros: Uma voz que grita, denuncia e captura as durezas da vida”. A dissertação teve por finalidade investigar o romance *Infância*, por meio de estudos autobiográficos, estudo sobre o poder, memória, que são retratadas na obra por meio das memórias do narrador autobiográfico.

Ao analisar *Infância*, que compõem o corpus desta pesquisa, pôde-se compreender melhor a revisitação feita pela narrador ao seu passado e às temáticas abordadas por ele: a relação com os pais, a escola, a religião, a justiça, a solidão e sentimentos causados por uma infância em um meio patriarcal, o que corrobora a relação existente entre a criação literária e a e as memórias de uma adulto que volta ao passado para compor sua autobiografia.

O método utilizado foi o dedutivo, uma vez que foi feita uma análise comportamental do narrador e personagens retratados na obra.

Os objetivos deste trabalho foram parcialmente alcançados devido à complexidade da obra de Graciliano Ramos não foram todos alcançados, porém, conseguimos abordar as temáticas propostas: a presença de dois *eus* narrativos, as relações entre família, escola, de poder e não poder, a exteriorização de sentimentos, a solidão do narrador, as suas memórias e personagens retratadas como parte de sua história.

Dentro da nossa perspectiva, conseguimos concluir o que já tínhamos em mente antes mesmo da análise mais crítica da obra, que era de buscar identificar a subjetividade vinculada com a realidade do narrador, mesmo afirmando ser uma obra ficcional, mas que Graciliano Ramos se traduziu em muitos, no caso *Infância*, em narrador autobiográfico, para dar vez e voz a todos as personagens reificados e marcados pelo patriarcalismo e colonialismo.

Como fora mencionado na introdução, que o interesse pela obra se deu a partir da leitura do capítulo “*Um cinturão*”, que despertou em o anseio de mais informações e compreensão das estratégias utilizadas pelo narrador para (re)-inventar aspectos de sua fase infantil para compor a narrativa autobiográfica. Impossível ler a obra e não se ver envolvido em cada relato, uns mais do que os outros, como o que citamos. Assim também como a ausências se sentimentos no âmbito familiar, que propiciou reflexão do quanto foi difícil a infância do protagonista, a ponto de trazer a seus leitores relatos que mesmo com o tempo ainda são analisados e estudados.

O estudo sobre *Infância*, e a presença das vozes narrativas foram importantes porque capacitou a percepção de uma entidade ficcional que uniu passado e presente por meio de memórias, revelando um novo homem. O narrador autobiográfico, ao se contar por meio da escrita de sua malograda história, mostra-se frágil, arrasado e solitário, bem diferente ao seu pai por exemplo, que segundo ele era o poder em pessoa e podia ser poderoso. Iniciou sua narrativa demonstrando-se frágil, oprimido e subjetivo.

Já no final dos relatos, percebe-se uma mudança do narrador que já havia superado alguns obstáculos desde os primeiros relatos: o domínio mais eficaz da leitura e escrita, algumas ressignificações e a mais relevante, superação e identificação de que poderia ser diferente daquilo que viveu e presenciou, e até mesmo concordar com alguns pontos: a importância da escrita como uma arma poderosa na mão de quem sabe dela fazer uso.

A constituição de cada capítulo não segue uma leitura cronológica, ou seja, a leitura pode ser feita de traz para frente ou vice-versa, que não influenciará na compreensão do todo, representando mais uma habilidade, a capacidade linguística e estrutural do texto. A estratégia e minúcia de cada detalhe em *Infância* a torna mais atrativa juntamente com o realismo.

Em suma, *Infância* é uma narrativa autobiográfica que nos permite conhecer de perto a vida do narrador autobiográfico e compreender suas origens, influências e traumas, além da reconstrução do passado por meio de suas memórias.

O estudo sobre a figuração do autor foi importante porque capacitou a percepção de uma entidade ficcional que uniu passado e presente por meio de memórias, revelando um novo homem. O narrador-autobiográfico, ao se contar por meio da escrita de sua malograda história, mostra-se frágil, arrasado e solitário e enquanto escritor já adulto, observamos por meio de suas obras ter se mostrado forte, arrojado, possuidor de uma habilidade escrita que encanta seus leitores, mesmo tendo se mostrado algumas vezes perdido no momento de recordar.

Apresentamos, nesta dissertação, argumentos que revelam a articulação indissociável entre literatura, memória e identidade. Assim como a literatura pode se valer da memória para a constituição de tramas ficcionais, a memória se vale de obras literárias para sua perpetuação e, por conseguinte, a identidade se vale das duas, pois são as narrativas que oferecem pressupostos para a reorganização de experiências de maneira a levar o leitor a compreender melhor a si mesmo e aos outros, encontrando formas de ser e de ver o mundo.

Em suma, os estudos de *Infância* e a escrita autobiográfica fica nessa dissertação compilados como uma possibilidade de posteriores reflexões e perspectivas sobre esse autor alagoano e sua escrita focada na verossimilhança e comprometida com as questões sociais.



Deixamos aqui um registro para ser lido e adicionado a outras tantas pesquisas, que guardam em si olhares específicos e distintos sobre Graciliano Ramos e sua escrita, fornecendo, aos pesquisadores, leituras e construções de significados diferentes e amplos. Por fim, nas obras do autor em questão, identificamos uma profundidade que possibilita que um mesmo romance conduza a leituras e interpretações diferentes o que, mais uma vez, vem a nos provar a excelência do escritor e a intensidade de sua escrita.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). **Graciliano Ramos: muros sociais e aberturas artísticas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

ABREU, M. C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. São Paulo: Cortez, 1990.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BRAGA, Simone. **A vida que se escreve: a representação da infância nas memórias de Graciliano Ramos**, Oswald de Andrade, José Lins do Rego e Cyro dos Anjos. 2013. 193 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/6062>. Acesso em: 29/08/2022.

BENFATTI, Flávia Andrea Rodrigues. **Autobiografia, memória e experiência nos romances**

**Trópico de câncer e trópico de capricórnio, 2013**. Disponível em:

<https://search.ebscohost.com> Acesso em 12 jul. 2022.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Cultrix: São Paulo, 1994.

BRUNER, J. **Life as Narrative**. Social Research. v. 71, s/d.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ª ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2012.

CANDAU, Joël (2011). **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, p. 219.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ª ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. **A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier.** In: CHARTIER, R. (org.) **Práticas de Leitura.** Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CATROGA F. **Memória e história.** In S. Pesavento (Ed.), *Fronteiras do milênio*, 2001.69). Porto Alegre, RS: Ed. Universidade UFRGS.

CARDINI, F. Un sociologo al Santo Sepolcro. In: HALBWACHS, M. *Memorie di Terrasanta.* Veneza, Ed. Arsenale, 1988. p. vii-xxiv. CARDINI, F. Un sociologo al Santo Sepolcro. In: HALBWACHS, M. *Memorie di Terrasanta.* Veneza, Ed. Arsenale, 1988. p. vii-xxiv.

COELHO, Nelly Novaes. **Solidão e Luta em Graciliano.** In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos, seleção de textos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CORALINA, Cora. **Assim e vejo a vida.** Disponível em: [http://www.avozdapoesia.com.br/obras\\_ler.php?obra\\_id=3778&poeta\\_id=40](http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=3778&poeta_id=40) Acesso em 12 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_,freire

FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela N. (Org.). **Dicionário feminina da infância: Acolhimento e Diagnóstico de Mulheres em Situação de Violência.** 22 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

FLORESTA, Nísia / DUARTE, Constância Lima. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Org. Trad. Roberto Machado-Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1997

\_\_\_\_\_, **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Problematizando fontes em história da educação.** Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 99-118, jul./dez. 1996.

GARBUGLIO, José Carlos; Bosi, Alfredo; Facioli, Valentim. **Graciliano Ramos.** São Paulo.

GOMES NEVES, J. **Infância: um olhar para a história de alfabetização de Graciliano Ramos. Educação: Teoria e Prática, [S. l.], v. 32, n. 65, p. e05[2022], 2022. DOI: 10.18675/1981-8106.v32.n.65.s15192.** Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15192>. Acesso em: 24 jan. 2024.

GUSDORF, G. **Professores para quê: para uma pedagogia da pedagogia.** 4.ed. São Paulo: Moraes, 1978. MORTATTI, M. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.** 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 1950.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Escolhas: uma autobiografia intelectual.** Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2009

KENSKI, V. M. **Sobre o conceito de memória In: FAZENDA, I. (org.) A pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1997.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea.** 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: . Acesso em: 2013.

LEBENSZTAYN, Thiago Mio Salla e Ieda et al (Org.). **O antimodernista: Graciliano Ramos e 1922.** São Paulo: Editora Record, 2022

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEITÃO, Cláudio. Posfácio. In: RAMOS. Graciliano. **Infância.** 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 269-282.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet.** Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim

MARTINS, Wilson. **Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisidor.** In: BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano Ramos, seleção de textos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARQUES, Ivan: **Para amar Graciliano: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra.** 1ª ed. Barueri, SP: Faro editorial 2017.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa: volume único.** Org. Marly de Oliveira.

MENDES apud SALLA e LEBENSZTAYAN, **O antimodernista: Graciliano Ramos e 1922.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Record,2022.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago.**

MIRANDA, Nilson. **Comenda Graciliano Ramos: ode ao velha graça.** Maceió:

MORAES, Dênis de. **O velho da Garça: uma biografia de Graciliano Ramos.** 1ªed- São Pulo, Boitempo, 2012, p.101.

MORRISON, Toni. Amada. Trad. Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Círculo do Livro,1994. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

OLIVEIRA, Carlisson; RODRIGUES, Hermano. **Graciliano Ramos e Paulo Honório: biografia, autobiografia melancólica e técnica na criação literária.** Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro v. XXIV n.1 janeiro/abril 2021. Disponível em: DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142021001004>. Acesso em 18 de junho de 2021.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, Pobreza e Gênero: O Lugar da Dominação Masculina.** 1ª. ed. Fortaleza: EDUECE, 2001.

PECORADO, R. **Nilismo e (pós) modernidade: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo.** São Paulo: Loyola, 2005.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural.** Caxias do Sul: Educs, 2003.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** 50ª. ed.- Rio de Janeiro, Record,2020.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** 10. ed. Rio de Janeiro: Martins. 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita.** Tradução de Raquel Ramalhete et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

RIBEIRO, Josuel Stenio da Paixão. **A formação do povo brasileiro e suas consequências no âmbito antropológico**. In: Revista Tema. São Paulo, n. 60. Jul/dez, 2012.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas, S.P Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. REEL – **Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, s. 2, ano 8, n. 10, 2012. 4

ROIG, José Antonio Klaes. **Infância, de Graciliano Ramos: A estética da seca no romance autobiográfico**. In: Seminário internacional de história da literatura – SIHL, 10., 2013, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: PUCRS, 2013. Disponível em:<http://ebooks.pucrs.br/Ebooks/Web/xsihl/media/comunicação-31.pdf>>. Acesso em: 8 abr.2016.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

SABARACHI, Lola; DINTEL, Felipe. **Como melhorar um texto literário**. BH. Gutenberg, 2014.

SENNA, Homero. **Revisão do Modernismo**. In: BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano

SILVA, Sérgio Antônio. **Papel, penas e tinta: a memória da escrita de Graciliano Ramos**. São Paulo: Annablume Editora, 2012. 187 p.

SILVA, Flávia Lins e. **Criação Literária E Figuração Do Escritor Em Caetés, S. Bernardo e Angústia, De Graciliano Ramos**. 2015. Disponível em:<http://www.teses.usp.br/disponiveis/8/8149/tde-15102015-143826>/Acesso em 16 de ago.2021.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.